

COMPRA
- ABR. 1940

SERÕES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

• N.º 52 — Outubro •

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Anuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as bexigas—Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: **CARLOS MONIZ TAVARES**

Endereço telegraphico: **Vaccina**

Numero telephonico: **548**

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 1 a 5 pessoas	300 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas	300 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem adicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vacinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde	1\$200 réis
A's quartas feiras, vacinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista	2\$000 »

Preços espeziaes para vacinações em collegios

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa e Brazil**, acondicionamento especial de fórmula a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

Summario

MAGAZINE

	PAG
CARLOS GONÇALVES (<i>Frontispicio</i>)	266
OS CAFÉS DE LISBOA (<i>6 illustrações e 1 vinheta</i>) por PINTO DE CARVALHO (TINOP).	267
SONHOS DOURADOS (<i>Soneto</i>) de RAUL DO VALLE.	272
DE INHAMBANE A LISBOA (<i>7 illustrações</i>) por THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT.	273
UM PASSEIO AO CADAVAL (<i>6 illustrações e 2 vinhetas</i>) por SANTONILLO	281
CONTOS DA MINHA ALDEIA (<i>Versos</i>) de RICARDO DE SOUZA	289
QUEM CHAMA? (<i>2 illustrações e 1 vinheta</i>) traducção de D. AMALIA BARBOSA	290
O VINHO DO PORTO (<i>3 illustrações e 1 vinheta</i>) por ALBERTO BESSA.	297
A LENDA DAS TRES ONDINAS (<i>8 illustrações e 1 vinheta</i>) por JUSTINO DE MONTALVÃO	303
O MAIS FELIZ (<i>Soneto</i>) de CELESTINO SOARES.	311
JOÃO (<i>Versos</i>) de MARIO D'ALMEIDA	312
O PUNHAL DO DESTINO (<i>1 illustração e 1 vinheta</i>) versão do inglês de MANUEL DE MACEDO	314
O JARDIM DA INFANCIA (<i>1 illustração e 1 vinheta</i>) por F. ADOLPHO COELHO	321
COMO VIVER? (<i>1 vinheta</i>) por FIDELINO DE FIGUEIREDO	327
A DOMADÔRA (<i>Soneto</i>) de J. REGALLA	332
CONTRABANDO E CONTRABANDISTAS (<i>4 illustrações e 1 vinheta</i>) por JOSÉ BOAVISTA PORTUGAL	333
O PAE DE SIMÃO (<i>1 vinheta</i>) traducção de RAPHAEL MARQUES	339
ECCOS E REFLEXOS (<i>9 illustrações</i>).	343

A MUSICA DOS SERÕES

A VIUVA ALEGRE, valsa, por FRANZ LEHÁR	4 pag.
--	--------

DIRECTOR LITTERARIO

Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, oferece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção

1 pagina	6\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »
1/4 pagina	2\$000 »

Por um anno, ou sejam, 12 inserções

1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	{ Anno	2\$200 réis
	{ Semestre	1\$200 »
	{ Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	- Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro... -	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27

Telephone 805

LISBOA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.	Capitulos	Pags.
I—Bruce Ingersoll principia a sua historia	7	XIX—Na praça de touros	255
II—Adeus a Cambridge	17	XX—O dr. Luthero James	279
III—Jehan Cavanagh	29	XXI—Barcelona	299
IV—A casa do Fen	41	XXII—No palacio da Ponte	321
V—As noticias do jornal	55	XXIII—As desconfianças de Paulina	331
VI—O grito nocturno	65	XXIV—O regresso a Inglaterra	337
VII—A mulher e a creança	77	XXV—Fédoro	351
VIII—O destino de Cavanagh	93	XXVI—Um conhecimento	367
IX—Prospero de Blondel	105	XXVII—Jornada nocturna a Waterbeach	377
X—A festa do Corpo de Deus	119	XXVIII—A dama do bosque	395
XI—A luz da janella	143	XXIX—Na bibliotheca	403
XII—Ainda Paulina Mamavieff	165	XXX—O barco	413
XIII—A prisão de Bruges	177	XXXI—Robiniof	429
XIV—A encarcerada	189	XXXII—A sua familia	437
XV—A segunda intrevista	203	XXXIII—Paulina emmudece	447
XVI—Raiz e tronco	217	XXXIV—O milagre	461
XVII—O homem de cabelo ruivo	229	XXXV—A memoria de Jehan Cavanagh	469
XVIII—O expresso de Vienna	249		

PREÇO 500 RÉIS

Á venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA



Carlos Gonçalves

Insigne mestre de armas português, vencedor em varios torneios de esgrima em Portugal e no estrangeiro



CAFÉ SUISSO

Os cafés de Lisboa

I



Os cafés ou *coffee-houses* estabeleceram-se em Londres no derradeiro quartel do século xvii, sendo o primeiro d'elles fundado por um grego, que um negociante levantino trouxera a Inglaterra. Em Paris, os cafés appareceram no crepusculo do século xvii e em Lisboa na manhã do século xviii. O primeiro café de Lisboa foi estabelecido na rua Nova em 1719 e denominou-se *Casa do café da rua Nova*. Depois d'aquelle, e antes de 1755, houve o café do Rosa, o café de Maria Spencer ou de *Madama Spencer* (em que

trabalhava o relojoeiro João Spencer), o café dos *Inglezes* ou a *Casa de Café Ingleza*, e o *Café Hollandez*, todos na rua Nova, depois chamada rua Nova dos Mercadores ou rua Nova dos Ferros, a mais faustosa e a mais commercial da Lisboa antiga. Então, os sortilegios culinarios do cozinheiro de Mr. Brunete, na Boa-Vista, acirravam o appetite dos *bandalhos* do tempo. Posteriormente ao terramoto, os botequins alastraram pela capital. Em 1767, encontramos a loja de bebidas de João Baptista Massa, na rua direita do Loreto, n.º 1, casebres do Loreto. O seu dono pertencia á familia dos Massas, que, anteriormente a 1755, commerciavam em flores e sementes, como eram o droguista José Massa na rua das Flores, Manoel Massa.

que também vendia cabelleiras de França, Maria Massa no Arco da Paciencia, etc. A loja de bebidas do Massa passou em 1805 para Thiago Martha, que ainda aqui estava em 1830. Nos mesmos casebres, existia o botequim de Bento Valença em 1776. Cumpre citar também o José Alexandre do Valle, que, em 1770, possuía dois botequins de doces e bebidas nas lojas e outro n'um sobrado, todos na Opera do Bairro-Alto, afóra tres moços que trazia a vender doces pelas ruas, no tempo em que a garganta seraphica de Luiza Todi fanatisava o peral-tismo, que, ao ouvil-a, abria a bocca n'um hiato de admiração.

Em 1779, nota-se o café e bilhar de Nicolau Massa, sobrenominado *o Talão*, na rua Larga de S. Roque, perto do actual largo de S. Roque, o qual se mudou em 1784 para a loja em que está actualmente o café *Tavares*, loja que se conservava devoluto no anno anterior. O café do Massa transitou para a posse de Bartholomeu Ansaldo em 1800, para José Antonio Matheus em 1813, para Balthazar Affonso em 1820, e para Manoel Tavares em 1823, tomando então o nome de café *Tavares*. Manoel Tavares e seu irmão eram dois excêntricos do mais fino quilate. Andavam de jaqueta e sapatos de ouréllo, e falavam em verso aos freguezes. Um d'elles arranjou uma quadra para advertir os mendigos, que vinham esmolar no café:

*Perdoar e não entrar,
Pedir, nunca importunar,
E ainda não demorar,
Freguezes não apoquentar.*

O café *Tavares* tornou-se suspeito de liberal no tempo de D. Miguel, de sorte que os miguelistas o emparceiraram com outros conventiculos dos *malhados*, como eram o café *das Columnas* na rua Larga de S. Roque, o café do *Bosque* no Rocio e o café

da Arcada no Terreiro do Paço. Em nossos dias, os penteados diplomaticos, os bigodes espumosos e os peitinhos anilados do nosso dandysmo, reflectem-se nos espelhos da sala do *Tavares*, que aristocratisou a elegancia da sua meza e afidalgou a distincção dos seus acepipes. E as borboletas galantes, as sacerdotisas do vicio doirado, trazem uma nova luz ás *minuits-collations* dos seus gabinetes particulares, onde tilintam as taças de crystal na permuta dos brindes effusivos e onde os amantes misturam, sobre suas boccas, as chammas dos seus desejos.

Em 1793, a rua Larga de S. Roque possuía o café e bilhar de Bartholomeu Sabadini, e, dez annos depois, havia o botequim de Domingos Daddi, á esquina da rua das Chagas e do Calhariz, o mesmo que, sob a denominação de café *Toscano*, vamos encontrar á esquina do Chiado moderno e da travessa do Secretario de Guerra em 1827.

Um café, cuja origem subia aos tempos pombalistas, era o *do Marcos Filippe*, ao norte do largo do Pelourinho, então chamado Praça dos Leilões. Foi estabelecido

antes de 1775 pelo genovez Antonio Maria Capodonico, pae de Marcos Filippe. E, conta a lenda, que, no dia da abertura, o marquez de Pombal almoçou aqui um chá e torradas de pão de Meleças. No 1.º andar do primeiro predio do Pelourinho, estava então a Casa de Pasto de Domingos de S. Martin du Bosque, vulgarmente chamada Hospedaria do Bosque. Aquelle café passou em 1797 para Marcos Filippe Capodonico, que morava no 3.º andar do mesmo predio, propriedade de José Street, dono da quinta do Ramalhão. O *Marcos Filippe* é historico, porque n'elle se pactuou a convenção d'este nome, depois dos arsenalistas do demagogo Ricardo França, e outros *marcas*, se terem sublevado contra o ministerio dos *pasteleiros* (gabinete Sá da Bandeira — Bomfim), na manhã de 9 de março de 1838.



O FELICIANO DAS SEGES

Outro botequim da época pombalina era o do *Casaca*, situado na rua Nova de El-Rei (Capellistas), perto da igreja de S. Julião, no predio n.º 170 moderno, que pertencia, assim como o café, a Manoel Antonio Casaca, morador no 1.º andar. O *Casaca* foi um ponto de confluência dos casquilhorios gafados de francezias, dos tolineiros com rafcância de bolsa, dos bailarotes de sala e dos que despendiam as *loiras* e as *carinhas de dezeseis*

Em gulodices, secias pataratas.

O botequineiro era compadre do marquez de Pombal, que não se dedignava de beber ahí o seu copinho, como os clientes tomavam o ratafia de ginja, o licor de mistela, o rosasólis, a agua-ardente de França, os bules de ponche e o leite crespo, ou comiam os sequilhos, os cúscús, os especiones e os suspiros. O *Casaca* foi o predecessor do Nicola, como este foi o antecessor do Mar-rare.

O viajante Richard Twiss, depois de dizer (em 1772) que, nos cafés lisbonenses, havia gazetas inglezas, francezas e hespanholas, affirma que dois d'elles eram muito elegantes, principalmente o do *Casaca*, que era todo forrado de espelhos. Costa Cascaes faz passar n'este café todo o 4.º acto da sua comedia *A inauguração da estatua equestre*. E Tolentino, citando este botequim ultra-famoso, diz:

*Deixa que os bons e a gentalha
Brigar ao Casaca vão.*

Na rua Nova de El-Rei, havia mais o André Montano, com estabelecimento de capellista, bebidas, bilhar e jogo de cáche,

e os botequins de Manoel da Silva e do Prata, no predio contiguo ao do *Casaca* (1799).

Quando o audacissimo José Balsamo ou Cagliostro veiu a Lisboa, pela segunda vez, em maio de 1783, hospedou-se no café *Neutral*, tomando o nome de D. José, conde de Stephanis ou de Stephens, Cavalheiro Lombardo. Na sua primeira visita a Lisboa, sua mulher, D. Lourença Balsamo, peticionara ao marquez de Pombal em 11 de maio de

1771, a fim de providenciar a respeito de certos factos, que lhe haviam succedido n'uma Casa de Pasto da calçada da Estrela, defronte de S. Bento, onde, segundo supposmos, estiveram hospedados os conjuges Balsamos, motivo por que aquelle Secretario de Estado ordenou ao Intendente de Policia, Manoel Gonçalves de Miranda, que procedesse ás necessarias averiguações. O café *Neutral* era, cumulativamente, hospedaria, botequim, tavolagem e casa de prego. Occupava o primeiro andar, do lado esquerdo, do quarteirão do oeste na actual praça dos Romulares, que torneja para a rua dos Romulares, e pertencia a Fr. Antonio Belli e ao christão novo Daniel de Sequeira ou de Cerqueira. Tinha 6 creados e pagava 50 moedas de renda. No primeiro andar, do lado direito, morava o dono do predio, Antonio Sodré Pereira Tibau. Em 1783, o café *Neutral* era um telonio de tafues, mui frequentado por tonsurados de cercilho, em que se jogava desde o *cassino* até ao *marimba* e desde o *quinze* até ao *sete-é-ponto*. Esta batota rivalisava com o botequim do *Casaca* e com a espelunca do Antonio Luiz Capellista. Cagliostro, o Pontifice Maximo da espyria, o estrenuo pro-



JOSÉ PEDRO DAS LUMINARIAS
*Dono do botequim das Parras e protector
de Bocage*

Antonio Belli e ao christão novo Daniel de Sequeira ou de Cerqueira. Tinha 6 creados e pagava 50 moedas de renda. No primeiro andar, do lado direito, morava o dono do predio, Antonio Sodré Pereira Tibau. Em 1783, o café *Neutral* era um telonio de tafues, mui frequentado por tonsurados de cercilho, em que se jogava desde o *cassino* até ao *marimba* e desde o *quinze* até ao *sete-é-ponto*. Esta batota rivalisava com o botequim do *Casaca* e com a espelunca do Antonio Luiz Capellista. Cagliostro, o Pontifice Maximo da espyria, o estrenuo pro-



CAFÉ TAVARES

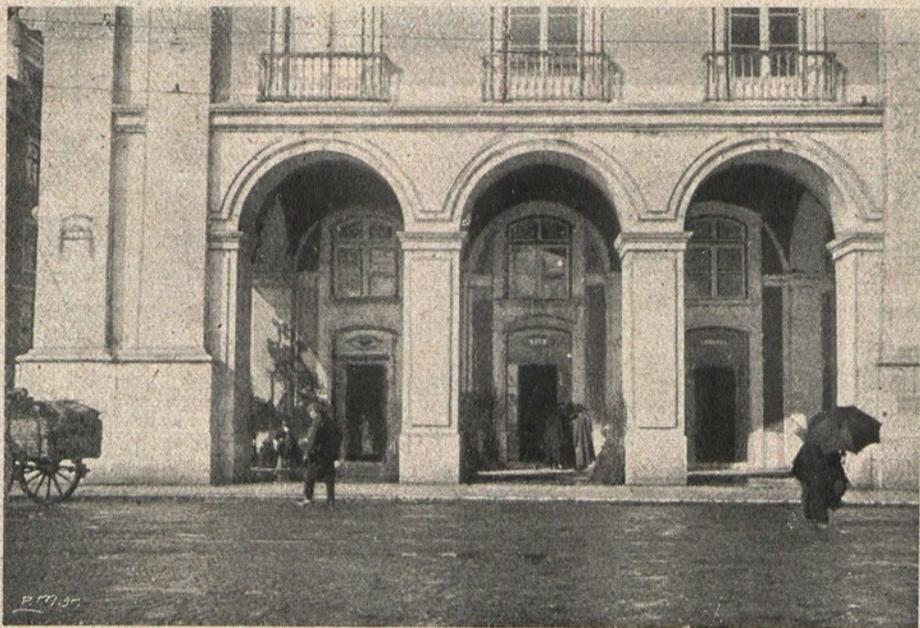
pugnador da fuliginosa sciencia hermetica, foi preso no café *Neutral* e expulso do reino, por tentar difundir, subrepticamente, o maçonismo, trabalho de sapa que teve contra-mina do Manique.

O café da Arcada do Terreiro do Paço (chamada a Arcada do Anselmo) já existia em 1782 com a denominação de Casa da Neve, que, passados dois annos, trocou pela de Casa de Café Italiana. Pertencia a Domingos Mignani e passou, mais tarde, a Martinho Rodrigues, creador do café Martinho.

Os dois primeiros cafés litterarios de Lisboa foram o Nicola e o botequim *das Parras*. Na vida lisboense, representaram um papel semelhante áquelle que os cafés *Foy* e de *Suède* representaram na vida parisiense, porque Musset ia procurar idéas no fundo dos calices de absintho do primeiro e Emilio de Girardin ia

descobrir a sua idéa diaria no fundo das chavenas de café do segundo. Também Bocage e o seu *claro auditorio* davam alôr á imaginativa, emborcando os calices de genebra, de cró, de champurrião e de philippina, nos dois celeberrimos cafés do Rocio. O café e bilhar do Nicola foi estabelecido pelo italiano Nicolau Vitaliano, o Nicola, em 1779, occupando duas lojas do predio de D. José da Silva

Pessanha, sito no Rocio, n.^{os} 22, 23, 24 e 25, sendo as primeiras duas portas destinadas ao bilhar. N'aquella época, os botequins enxameavam pelo Rocio, porque só no quarteirão dos frades de S. Domingos havia oito, e no quarteirão dos Padres Vicentes (actual Francfort-Hotel) havia um e a loja de registos de Pedro Zanarte. Os preços das bebidas do Nicola em 1798 eram estes: almoço de café com torradas ou biscoitos, 200 réis; copo de ponche ou limonada, 30 réis;



CAFÉ MARTINHO

frasquinho de licôr, 40 réis; copo de philippina ou de neve, 200 réis; bule de chá, 150 réis. No botequim da Opera de S. Carlos, estas bebidas duplicavam de preço. O Nicola foi trespassado a Joaquim Coelho de Athayde em 1801, conservando-se com o mesmo titulo, que tambem serviu de alcunha ao novo proprietario. Este café archi-celebre acabou em 1834. Mas ainda hoje existem descendentes do segundo Nicola (o Athayde). Este ultimo teve uma filha, Rosa Nicola, depois Rosa Pinto, que foi actriz no theatro de D. Maria II, estrejando-se na peça *Um par*

nado por illuminar a frontaria do botequim nos dias de gala nacional. Na porta n.º 27, ficava o *Agulheiro dos sabios*, um gabinete em que se congregavam Bocage, Malhão, Pato Moniz, Santos e Silva, Bingre, D. Gastão, João Bernardo da Rocha, Pimentel Maídonado, e outros areopagitas, e onde se grazinava e se bebiam os copos de ponche, os vidrinhos de genebra e os copinhos de marrasquino. José Pedro protegeu Bocage, na vasante da vida do afamado e esfomeado poeta — estrella que não conheceu a manhã, flôr que feneceu antes da tarde. José Pedro



CAFÉ AUREA PENINSULAR

de luvas. Passou depois para o theatro de D. Fernando e casou com o actor Pinto. Rosa e seu marido andaram na campanha da liberdade, em que elle militou e ella o acompanhou sempre. São seus filhos, isto é, netos do segundo Nicola, a actriz Appolonia Pinto e Julio Pinto (1).

O botequim *das Parras* estava nas lojas n.ºs 27, 28 e 29 do Rocio, e foi estabelecido em 1803 por José Pedro da Silva, o José Pedro *das luminarias*, assim cognomi-

era, na velhice, um homem alto, ossudo, de constituição robusta, um pouco curvado e de suissas curtas. Exerceu o logar de continuo da Camara dos Pares e era quem levava os copos de capilé ao Costa Cabral, quando este estadista tomava a palavra n'aquella casa do parlamento. O botequim *das Parras* acabou em 1851.

No anno de 1801, Domingos Ardição ou Ardisson fundou um café na rua Aurea, na mesma loja do actual café *Aurea Peninsular*. No tempo dos Francezes, succedeu-lhe o café de um tal Aguiar, estabelecimento que foi substituido pelo café do *Nobrega*, que,

(1) Informação do sr. José Antonio Moniz, illustre conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

por seu turno, cedeu o campo ao *Aurea Peninsular*. Antes de se estabelecer a iluminação a gaz em Lisboa, o *Nobrega* era iluminado por candieiros de azeite, que recebiam concerto no *Faz-Tudo* da travessa da Assumpção, onde também se concertavam os candieiros do Marrare, do conde de

Farrobo e do marquez de Vianna. O mais antigo café do Chiado, foi o botequim do Theotónio José Leite, estabelecido em 1791 no predio que faz esquina para a rua Nova do Almada, ao qual succedeu o café do Lourenço, que terminou em 1836 ou 1837.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).



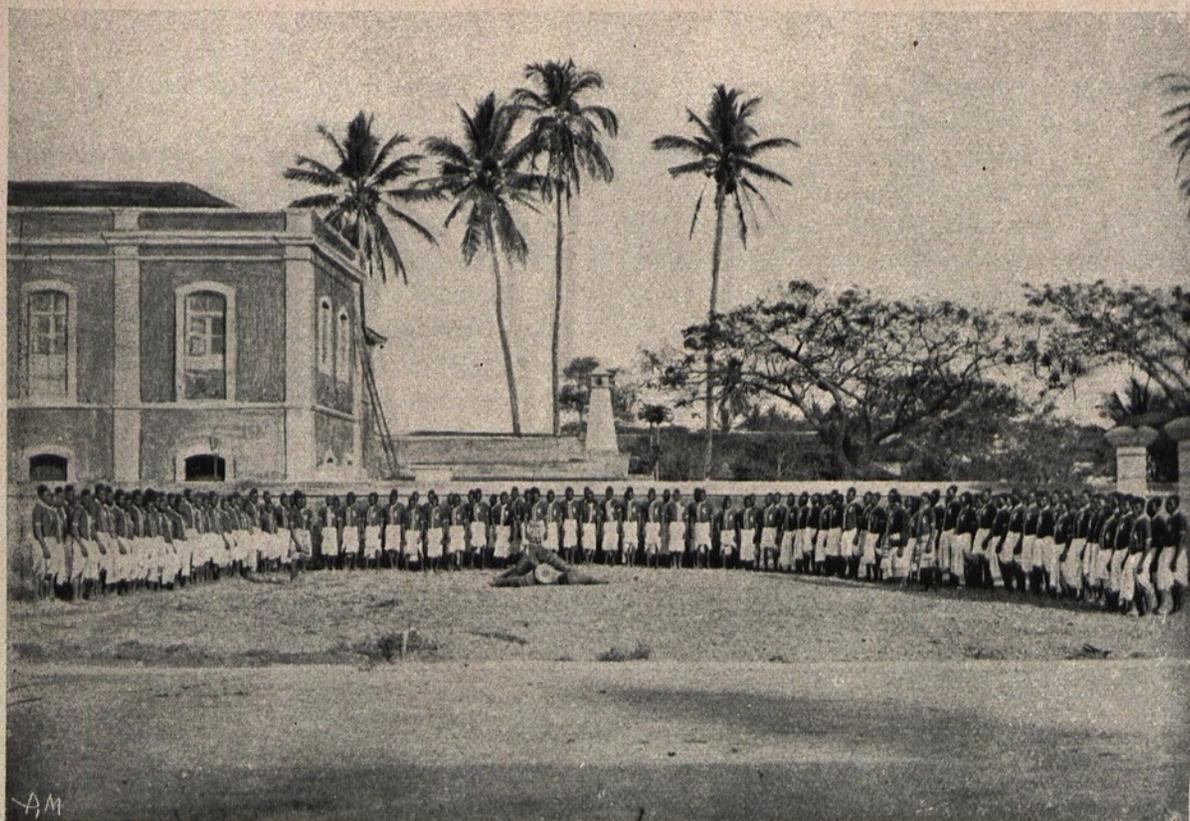
Sonhos dourados

Passei a vida inteira construindo
O castello do Sonho e da Ventura
Para —imaginem minha desventura!—
Vêl-o desmoronar-se apenas findo!

Para povoal-o, o meu palacio lindo
Ella viria a suave creatura,
A que, entre tantas, o meu amor procura,
Sem jámais encontrar — tormento infindo!

Tudo cahiu, almas de sonhos fartas,
Tudo ruiu, do tempo aos camartellos
Como os castellos infantis de cartas.

Nescio que fui! Bem nescios e bisonhos
Os que erigem Alhambras e Castellos
Na areia movediça dos seus sonhos.



BATUQUE EM QUELIMANE

De Inhambane a Lisboa

(Continuação)



CONTINUAMOS a nossa marcha até ao Muabse onde chegamos 8 dias depois. A dois dias do Muabse, nas terras do Cabo de Mungaze, vimos um poço cavado em rocha, a que se seguia uma galeria de cerca de 30 metros de comprimento.

Procurei saber a que era destinado — ninguém m'ò soube dizer. Acampamos no cabo Mapinhane. E, no dia seguinte, depois de 9 horas de caminho por uma estrada detestável, sem que se visse um palmo em redor, de tal modo era cerrada a matta de «Tamba» e «Accacia espinhosa», chegamos ao commando de Villanculos. Assente sobre uma duna, vê-se d'ali o mar até ás ilhas do Bazaruto, lindo panorama, mas tão triste que enerva só a ideia de ali se viver! Nem

uma povoação, nem uma palhota a não ser as dos cypaes do governo.

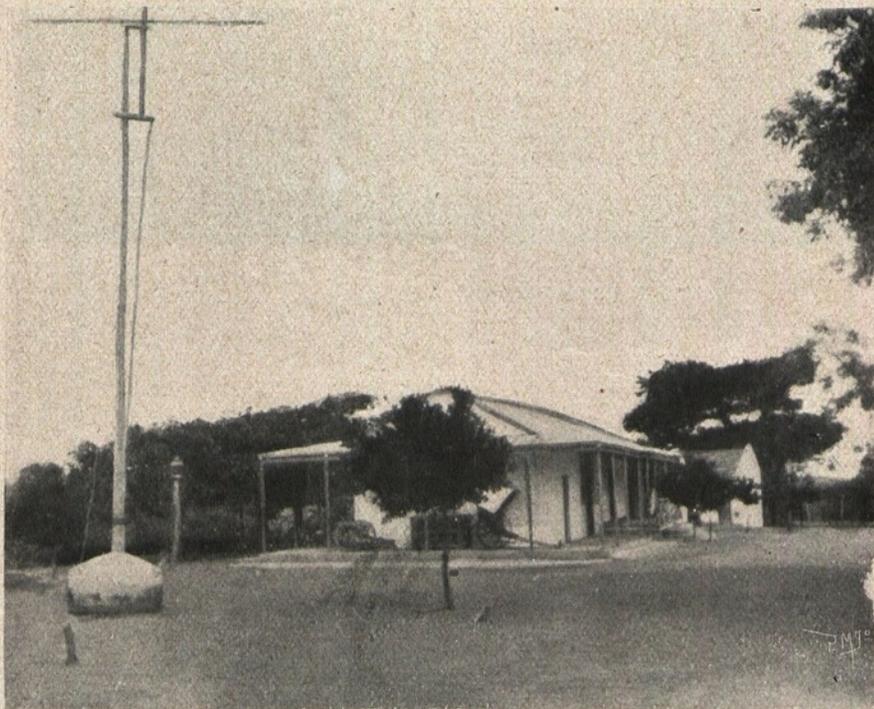
Ao longe, cortando o escuro do terreno, serpeava o caminho para o Masive; á esquerda a estrada para Massinga e, cavalgando uma duna, o caminho para a praia, a 7 ou 8 kilometros do commando. Aqui descansamos 5 dias.

Antes de seguir para o sul, de regresso a Inhambane, tive vontade de ir ao limite do districto com a Companhia de Moçambique. Ninguém sabia dar-nos as menores informações do caminho.

Partimos. Depois de 10 horas de marcha, 18 kilometros d'uma mediocre estrada e 26 de caminho de pé posto, chegamos á povoação de Machimba no cabo Querquer onde pernoitamos. Ainda me lembro da triste impressão que aquillo tudo fazia. Sempre matto cerrado, a agua pouca e essa mesmo

má e longe, os pretos d'uma raça inferior, sem curiosidade, os seus cantos d'uma monotonia que fazia somno, um frio horrível na madrugada, um horror em summa!

No dia seguinte puzemo-nos a caminho para a povoação Alveria, assim chamada por n'ella habitar ha bastantes annos um europeu chamado Alves. Nos 30 kilometros que percorremos, só encontramos agua uma vez, a meio quasi. Palhotas, nem uma só. Acampamos ali, indo no dia seguinte ao longo da praia até ao limite, no parallello 22" S. Estavamos então pelo travez do Cabo S. Se-



COMMANDO DE INHARRIME

bastião, aos nossos pés adormecidas as aguas da bahia Inhachidia, ao longe as ilhas do Bazaruto: Bangoa, Magaruque, Benguerua, Bazaruto, Carolina e mais duas pequenas, ligadas na baixa-mar ao continente, tudo isto formando um scenario magnifico, a contrastar com a região que até ali percorramos, sem o mais pequeno relevo, sem o menor attractivo.

Dois dias depois voltamos a Villanculos, passando pela povoação de Chifunhanga, seguindo a linha das 18 lagoas que correm ao longo da costa, d'uma das quaes, a Xengwana, a 15 kilometros do commando, nasce o rio Govuro ou Gohulo que d'ahi segue di-

reito a Chirruso, já nos territorios da Companhia de Moçambique.

Em Villanculos nos demoramos 2 dias. A viagem que já fatigava em extremo, os nossos carregadores, indigenas do norte, que eram fracos, preguiçosos e indolentes, tudo nos aconselhava a chegarmos cedo a Massinga onde poderíamos refrescar e arranjar gente nova.

Para ali partimos e depois de 8 horas por uma estrada pessimamente conservada, chegamos á povoação de Murry onde acampamos para passar a noite; no dia seguinte

continuavamos a nossa marcha para Massinga, por uma estrada boa e bem arranjada, chegando ao commando 8 horas depois. Só nos demoramos 2 dias ali. A 1 hora e meia do commando ficava a herdade do illustre africanista e meu amigo Miguel Paes e, accedendo ao seu amavel convite, para ali fomos.

Ainda me recordo e recordar-me hei sempre da impressão que em mim fez a entrada na herdade. Parecia que, por uma manobra de magica, se tinha rasga-

do o estreito horisonte d'aquella paisagem triste, transportando-nos ao nosso ridentissimo Portugal. Tudo limpo, tudo cultivado com esmero, largas ruas, os pretos em trajes berrantes trabalhando alegres e contentes, e lá no cimo do monte, dominando os campos, a casa de habitação, os celleiros e os curraes, tudo muito caiado, muito branco, a destacar-se no azul do céu.

Hospitalidade, a da nossa terra portugueza, que não tem rival.

Eu vinha cansado, moido de febre e não me recordo já de como passamos aquelles dias. Lembro-me d'elles como de um sonho delicioso. E recordo-me ainda de, ouvindo

n'um phonographo (que não era dos peores, por signal) uma velha canção nacional, eu a ter sentido mais do que nunca, mais do que nunca empolgando-me o coração a saudade d'esta terra bemdita, vinhedo em cachos, roseiraes em flôr, terra onde eu amei, terra onde eu soffri, onde deixara tanta vez em pedaços o coração, mas que talvez por isso mesmo eu cada vez mais queria, dia a dia mais e com mais amor d'ella me lembrava.

A 43 kilometros de Massinga ficava o commando de Macoduene para onde partimos de madrugada chegando ali ao pôr do sol. Estava o commando em festa, com as mesmas danças que no sul, os homens batendo o compasso na «Timbira», as mulheres requebrando-se no «Chibobo» e na «Massessa». Tinha-se acabado o mar de Tamba que era todo o norte e noroeste do districto, para dar lugar ao coqueiro em flôr, á palmeira, aos milheiraes. E o terreno, cheio de relevo, offerecia aos olhos um surpreendente espectáculo. A raça indi-

gena já se aproximava da do sul, dos commandos de Inharrime e Zavala: já as pretas eram mais elegantes, mais delgadas as cinturas, mais firmes os collos: as tiras de pelles ou de casca de arvore, verdadeiras folhas da hera paradisiaca que constituiam toda a toilette das mulheres de Villanculos, já aqui eram substituidas por pannos de côres variadas, dando no conjuncto um curioso effeito. As suas danças, se não tinham ainda todo o requebro das do sul, eram já mais harmoniosas, mais agradaveis á vista que as monotomas cantilenas do Masive e do Muabse. Só uma semelhança perfeita havia entre todas as gentes do districto: era na letra das

canções. Essa (eu tive a curiosidade de pedir a traducção d'algumas d'ellas) era de fazer corar... um preto!

Dois dias depois partimos para Morrumbene, atravessando o rio para vermos a Missão do Mongué, visita esta que nos foi bem agradável porque pudémos então ver o que, n'uma terra inhospita, n'um meio absolutamente hostile a tudo quanto seja trabalho e virtude, se pode conseguir quando se tem alma, vontade e fé. A missão, em principio installada n'umas miseraveis palhotas, já então tinha regulares edificios de pedra



EM N'HANGELLE

(No segundo lugar, a esposa do director dos trabalhos; no ultimo, o engenheiro das minas)

e cal, construidos pelos alumnos sobre a direcção dos Missionarios e Irmãos leigos. Officinas de carpinteiro, serralheiro, encadernador, typographo, etc., adestravam os pretos, habilitando-os a ganhar a vida, elevando-lhes o nivel moral. Uma paz immensa pairava por sobre aquella terra toda, a paz e a serenidade do dever cumprido, quantas vezes com quanto sacrificio, á custa de quanto soffrimento e com quão grande dedicação!

Por uma estrada, sombreada de coqueiros e palmeiras, bordando a bahia, nos puzemos a caminho para o commando da Maxixe, fronteira á villa, passando pela missão

americana de Chicunque, tendo occasião de ver a maneira como estava montada e a forma modelar do ensino ali, e para nós mesmos pensar no grave perigo que da sua acção pode resultar para a nossa colonisação se a ellas não oppuzermos a acção de missões portuguezas intelligentemente organisadas. Visitamos o compound da «Withwatersrand Native Labour Association», e um quarto de hora depois chegavamos ao commando. Aqui descançamos 3 dias, ao som de marimbas com que desde que o sol se levantava até que no occaso se sumia e quantas vezes mais tarde ainda, nos atormentavam os ouvidos, já moidos do harmonium importuno com que um telegraphista mulato entre-tinha as 24 horas de descanço que para elle tinha cada dia.

A viagem durava já ha dois mezes e nós estavamos cansados. Mas quizemos ainda visitar o commando de Homoine. E por bem empregado dei mais essas quatro horas de cavalgada. Na esplanada do commando centenas de pretos e pretas dançavam. Ao chegarmos acolheu-nos um formidavel «baiete». Pela primeira vez eu vi uma das danças de mulheres. Já me não lembro do nome d'ella. Só sei que era adoravel, era um encanto. Ellas requebravam-se, elles endoideciam. Era a vida, cheia de alegria e força, e era a dôr, soluçante e triste, em compassos lentos, como uma lagrima que desliza por uma face querida.

Ao som de palmas, compassadamente batidas, sahia uma d'um lado outra do outro d'uma roda. O compasso ia sendo cada vez mais rapido e cada vez mais requebrados, mais entontecedores iam sendo os movimentos d'ellas. Mas a musica tornava-se agora dolente. E, então, era o movimento d'uma cobra,

em zig-zags lentos, qualquer coisa que rangia e rangendo morria. Já me não lembro do nome da dança. Só me lembro de que representava uma scena d'amor: um encontro, um olhar que é uma confissão, uma palavra que é uma supplica. Depois vinha o desdem, a descrença. Mas logo o amor apparecia outra vez; e, então, ás gargalhadas frescas acolhendo um olhar amante, seguia-se o rubor d'um aperto de mão fugidio, um beijo trocado ás escondidas, palavras loucas a transbordar do coração, o supremo delirio, o beijo supremo.

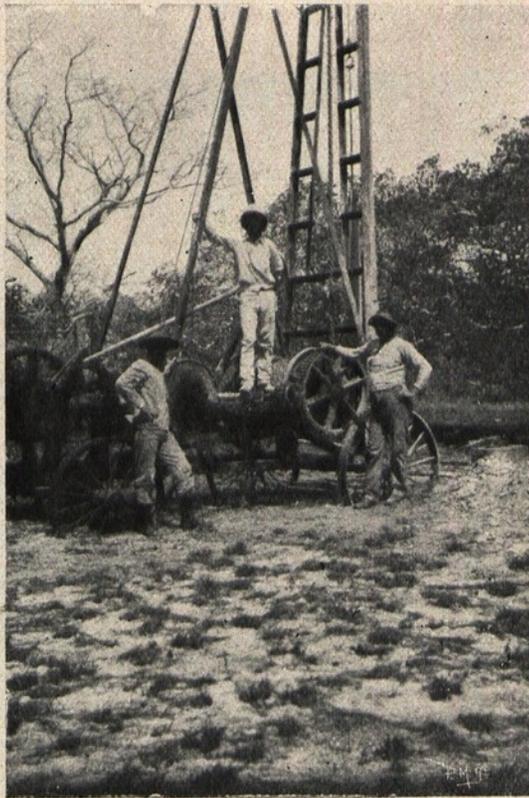
Depois, depois... não sei. Cada um para seu lado, ambos chorando, ambos dando a vida de bom grado para que se repetisse um tempo que só d'elles depende que volte, mas... que não volta mais. — A vida...

Em percorrer os arredores do commando levamos ainda tres dias, passados os quaes, atravessando a bahia num escaler a vapor, fomos ver o pharol da Burrea. Desembarcamos na praia, a approximadamente 6 kilometros do pharol. Depois em machila fo-

mos até ali, pondo-nos novamente a caminho para a villa umas 3 horas passadas.

Chegamos a Inhambane era já noite, cansados, moidos e cheios de febres ainda. Mas o tempo faltava e queriamos antes de partir visitar a circumscripção de Guilalla, a 6 horas pouco mais ou menos da villa. Habitada por bitongas, os usos e costumes são quasi os mesmos de Inharrime: as mesmas danças, os mesmos cantos, a mesma elegancia das mulheres e homens. Ali pernoitamos, regressando no dia seguinte a Inhambane.

E quatro dias depois, apoz uma faina medonha, fazer malas, arranjar caixotes,



DRILL N.º 2

um inferno, em summa, tomei o vapor que me ia levar á Beira onde devia embarcar n'um dos grandes paquetes allemães que faziam a carreira entre a costa oriental africana e esta Europa de que ha um anno estava longe, e de que dia a dia tinha mais

saudade. Um abraço amigo aos companheiros d'essa longa jornada, a ida para bordo, o levantar ferro, e, horas depois, as terras de Inhambane a desaparecerem n'uma nuvem esfumaçada...

Lá ia a caminho do Egypto.

II

DE INHAMBANE AO EGYPTO

No dia seguinte, depois d'uma massadora viagem sem um unico companheiro com quem trocar duas palavras, cheguei á Beira onde tinha de esperar o paquete para o norte.

Entretive-me vendo a cidade que é em extremo curiosa. Parece que tudo aquillo foi construido na vespera e no dia seguinte o vão mudar para outro lugar. Casas de madeira, mas elegantes, uma ou outra de tijolo, as ruas de mau piso, areentas, mas largas e bem delineadas. bars, cafés-concertos, indigenas de fatos de côres berrantes, uma miss que empurra n'um carrinho um baby loiro como o sol, uma ingleza de oculos a acompanhar uma miniatura de Watteau, um caminho de ferro que mais parece um brinquedo de creanças, tudo com um aspecto muito especial, muito diferente do das cidades europeas. Conhece-se, sente-se que aquillo se ergueu d'um jacto, de repente, obra de gigantes que d'um dia para o outro desbravaram a terra, limpam-n'a, construíram edificios, levantaram monumentos,

montaram linhas de caminho de ferro, abrindo á luz da civilisação o que na vespera em um terreno alagadiço onde só o mangal se erguia, triste, reflectindo a custo a imagem dos seus ramos escuros nas aguas lodacentas do rio.

Um pouco distante da cidade fica a povoação indigena — palhotas maticadas, imitando já as construcções europeas, no meio



BEIRA

d'uma eira pretas que malhavam mapira, outras que descascavam milho, e outras ainda pisando amendoim, no vae-vem continuo d'um pilão a que faziam acompanhar as cabeças dos filhos que traziam

amarrados ás costas! E, por toda a parte, os mesmos batuques mais ou menos licenciosos. Aproveitei o dia seguinte para vêr mais minuciosamente a cidade.

Uns carrinhos de quatro rodas, parecidos com um rickshaw, girando sobre uns rails, empurrados por dois alentados pretalhões, permittiam fazer este passeio sem o menor cansaço. As ruas Castilho e Ennes são em verdade soberbas, nada ficando a dever, a não ser no piso, ás mais largas de Joannesburg e Durban. Casas boas, grandes, alegres á vista pela variedade das côres de que estão pintadas, a praça do Conselheiro Almeida fazendo lembrar

o jardim d'uma terra de provincia, passeios cruzando-se em todos os sentidos, tudo isto animado com as gargalhadas dos muleques e a algazarra infernal dos gregos turbulentos e aventureiros que constituem para a Beira, segundo me informaram, uma verdadeira praga.

Destacando-se entre a folhagem de palmeiras e coqueiros, a igreja portugueza, com as suas duas pequenas torres brancas como neve. N'um largo, um poço em que uma duzia de moleques com as fardas mais phantasiasas que é dado imaginar, enchiam baldes de zinco.

No rio, a montante da ponte de desembarque, um resguardo para os dongos dos indigenas e lanchas de carga e descarga dos paquetes. A outra margem desenhando-se n'uma linha verde escura, sem o menor relevo; o pharol, lá para os lados da barra, erguendo-se esguio sobre a areia, e, alumando este scenario soberbo, um sol de abraçar n'um céu d'um azul purissimo.

Quiz ir vêr a estação do caminho de ferro

para Macequece, não pelo edificio, uma regular barraca de madeira, mas pela recordação agradável que para mim tinha, por ser testa da grande linha que atravez do territorio portuguez até Macequece, ia de-



UMA RUA DO CHINDE INUNDADA PELAS CHUVAS

pois para essa Rhodesia que eu tanto admirara dois annos antes, como a manifestação sublime do que pode a vontade d'um homem, que, amando verdadeiramente a sua terra, a ella deu toda a sua vida, a sua intelligencia, o seu coração, e que, ao morrer, soube no seu testamento verdadeiramente extraordinario legar-lhe... um imperio!

Com grande magua não repeti d'esta vez a viagem a Victoria Falls, um dos panoramas mais imponentes que até hoje vi. Mas o paquete devia partir n'aquelle dia. E, com uma saudade que só sabe o que seja quem um dia sahiu do canto commodo do seu sophá para correr aventuras por esse mundo de Christo, eu vi o comboio partir, levando atravez d'essa Africa sempre tão attrahente de mysterio, um grupo de inglezes que na Rhodesia iam caçar.

Era o *Feldmarschall* da Deutch Ost Afrika Linie o paquete que me ia levar a Port-Said. Fui para bordo. Adeus, pretas lindas,

de corpos de estatura antiga, de côr d'ebano purissimo; adeus, graciosas dançarinas de Inharrime e de Zavalla, que tinheis nos olhos negros o mysterio da noite e no corpo divinal uma epopeia d'amor; adeus! Agora, a amar, só se fôr uma bar-maid que devia ter sido linda no tempo do grande Frederico, ou uma velha ingleza, massadora, feia e, para mais... espiritista. Um casal britânico puro, elle o genuino typo do homem que sabe para onde vae e o que quer, ella uma adoravel creatura, muito loira, muito rosada, um amor; uma cocotte ingleza que deitava a toda a gente olhares de fogo e á noite jogava o bridge com as pernas em cima da meza; meia duzia de farmers transwalianos a abarrotar de libras e de whisky; tres allemães, brutos como tudo quanto de mais bruto Deus deitou a este mundo; uma franceza que dançava o can-can e cantava o «il n'y a pas de femme nue» e outras coisas mais no

mesmo fresquissimo genero; um casal unico, impagavel, elle o purissimo, o inconfundivel marido... complacente, ella, feia, affectada, de toilettes tão extravagantes sempre que quasi se podia dizer que o decote começava onde acabava o arregaçado da saia; duas ou tres inglezas do Cook e uma meia duzia de anonymos mais ou menos insignificantes, tal era a gente com que me encontrei

a bordo e com a qual, valha a verdade, passei bem bons bocados.

Parámos defronte da barra do Chinde para metter a bordo mais alguns passageiros, levantando ferro duas horas depois.

No segundo dia de viagem, houve baile masqué — hei de sempre sempre lembrar-me d'elle: vesti-me de pachá e dançamos, dan-

çamos até não poder mais. Cahimos extenuados. Pouco depois acordamos e, nunca pode explicar como, quando, extremunhado, me espreguiçava, senti um braço preso. Puchei com força — trouxe uma mecha de cabellos. Era o... chinó da ingleza espiritista que se tinha enganado de beliche... Um pavór!

Chegamos a Moçambique.

Já deante dos nossos olhos se estendia havia horas a costa do districto, a barra de Mõma onde dois annos antes eu tinha desembarcado por occasião da campanha contra o Farelay, a entrada do Larde, para mim com a recordação d'um banho eminente e que teria sido... longo se não fõra a Providencia que parece ter especial carinho pelos marinheiros portuguezes, ter-nos d'elle livrado a tempo, as ilhas ao longo da costa, as areias altas da praia, tudo isto formando um scenario unico — a Africa em toda a sua



EGREJA DO BOROMA

nudez mysteriosa que encanta, que seduz para sempre quem um dia n'ella desembarcou.

Deixando á esquerda o pharol, entramos no porto de Moçambique. Um sol ardente n'um céu sem uma nuvem, alumiaava todo o panorama — á esquerda, a ilha de Moçambique, pezada casaria de pedra, no gosto das nossas casas antigas de provincia, o pa-

lacio sumptuoso de S. Paulo, a residencia do governo do districto, a egreja junto ao palacio, e lá no extremo a fortaleza de S. Sebastião, a attestar o nosso antigo poderio.

Diz a tradicção que foi feita com pedra ida do reino. Não creio que o fosse senão o escudo de armas que tem sobre a porta. Mas, ainda mesmo quando assim seja, que extranha commoção se não experimenta ao vê-la, ao pisar aquelles baluartes de que cada pedra é uma gotta de sangue de portuguezes valorosos, d'esses que a esta Patria deram tanta grandeza e tanta gloria, que, intemeratos, levando n'uma mão a pesada espada e na outra a cruz de Christo, a dar-lhes força na lucta e magnanimidade na victoria, levaram o nome de Portugal aos mais longinquos p'ramos do mundo!

A fortaleza é hoje o deposito de degradados!

A' noite, grande batuque na ponta da ilha onde fica o bairro indigena. Para lá fomos todos. As danças eram differentes das do sul. Já não havia as canções de guerra, já se não ouviam as marimbas tocadas com a maestria de Inharrime e Zavalla. Um batuque (tambor) fazia todo o acompanhamento. As danças, devido talvez á influencia dos arabes, profundamente radicada nos usos e costumes d'esta região, eram semelhantes ás que depois vi no Egypto ás oualmés, embora sem a graça dolente d'estas. A duas e duas, ou quatro e quatro, os seus passos eram d'uma grande sobriedade, concentrando-se todo o movimento no ventre que descrevia curvas phantasticas, a que deviam corresponder eguações d'um grau tão elevado que estou convencido nunca ninguem as poderá, no papel, resolver...

A franceza, minha companheira de viagem, estava descontente. Não levantavam as pernas... Uma massada! Aquillo só no «Olympia» ou no «Moulin Rouge». A ingleza velha e espirita tentava hypnotisar um pretalhão finorio; a cocotte ingleza foi visitar antigos conhecimentos; e eu, muito massado, muito moido e já farto de danças e batuques, deixei-me adormecer prosaicamente emquanto uma das damas do Cook, de pé num rochedo da praia, recitava languidamente, voltada para o mar que se lhe quebrava aos pés, sonetos de Shakspeare.

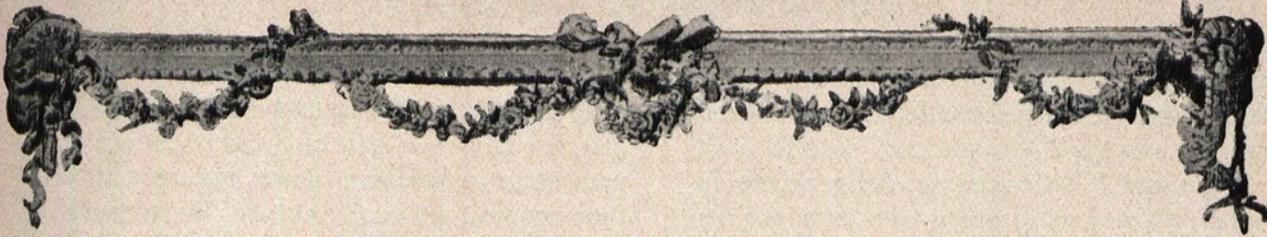
Fomos para bordo. Um luar soberbo illuminava todo o continente. As terras do Mos-suril cobertas de palmares, a Cabaceira com as suas casas a destacarem-se muito brancas na noite, o palacio dos antigos capitães-móres, o palacio do governo, o azylo das Irmãs de S. José de Cluny, e para o norte, aqui e além, uma arvore solta, desgarrada nas areias da praia, sobre as quaes o pharol da ilha de Góa deitava de quando em quando reflexos doirados.

D'ahi a duas horas levantamos ferro para Pemba onde chegamos de manhã. O porto, verdadeiramente soberbo, pode abrigar uma enorme esquadra. Mas nem um navio lá encontramos. No alto d'um monte uma casa de madeira e zinco, algumas palhotas, material de caminho de ferro abandonado na praia, tudo causando uma grande impressão de tristeza e de abandono. Poucas horas nos demoramos. Fomos ainda a terra mas nada de curioso ali vimos. Voltamos para o vapor que ia partir.

Depois de duas noites e um dia de pessima navegação por um mar que, apesar da tonelagem enorme do navio, nos fazia dançar como piões, entramos em Kilwa, de margens cobertas de palmares, aqui e além uma barraca de zinco, uma ponte de ferro dando para o caes, uma ridente estrada abobadada de arvoredos até á cidade, onde nos levaram a trote largo, apesar da subida, dois gericos pequenos mas fortes, puchando a mais espantosa caranguejola que até hoje vi. A cidade tinha um aspecto alegre com as suas casas no genero arabe, caiadas de branco, de terraços murados, de janellas ogivaes que grades de madeira fechavam, o estylo oriental que d'ali até Ceuta domina em toda a costa africana. Fomos vêr o mercado, um barulho de ensurdecer, arabes, mouros, negros e mestiços de cabaias brancas e cofió, berrando, fazendo tregeitos, procurando enganar-se mutuamente na venda de mil bugigangas, todas com o caracteristico especial de não servirem para coisa alguma.

Almoçamos n'um magnifico restaurante.

E depois de uma volta pela parte mais velha da cidade, um amontoado de casas, de ruas estreitas e tortuosas, regressamos a bordo onde fomos encontrar a mais... uma companhia lyrica que vinha para a Europa!



Um passeio ao Cadaual

Interessante parada e espectáculo commovedor. — Cento e dezeseite creanças salvas da miseria. — O alcance humanitario e civilizador d'uma instituição. — Impressões d'uma jornada inolvidavel.



IA 25 de abril de 1909. Manhã idealmente formosa, como costumam ser as manhãs de primavera n'este abençoado trecho da Península, que não teem nada que in-

vejar ás da Andaluzia ou ás de Italia, tão decantadas pelos poetas!

Estas manhãs azues, de brisas perfumadas, attrahem aquelles que são artistas e amam o bello e o grandioso, aos campos, onde a natureza se desentranha em perfeições, na sua incomparavel magestade, ao calor vivificantê d'este sol rutilo, que nos sorri quasi constantemente n'uma caricia, fazendo-nos amar a vida no que ella tem de bom e de agradável, e... apesar do muito que nos reserva em tristezas e em amarguras.

Mas... ponhamos de parte a litteratura e não divaguemos.

Não é de litteratura que se trata.

Antes de proseguir, leitor, uma pergunta: Tens confiança em mim?

Necessito sabêl-o como questão prévia...

No caso negativo, apagarei immediatamente a minha lanterna e sahirei pelo fundo. Mas, se, com effeito te confias á minha discrição, de corpo e alma, vaes acompanhar-me n'uma pequena viagem.

Não é necessario que arranjes malas e

bagagens. A viagem é curta e basta que pônhas o chapéo e pegues na bengala e venhas d'ahi commigo.

Onde vamos? Perguntas-me onde vamos?...

Oh! tranquillisa-te, amado leitor. Não é a um lugar inconveniente nem a uma aventura ruim que pretendo levar-te. Mercê de Deus, sou pessoa bem comportada e de exemplares costumes. Em minha companhia ninguem se preverte nem se extravia do bom caminho. Seria incapaz de conduzir-te a um espectáculo dissolvente e menos honesto. Pelo contrario, quero mostrar-te alguma coisa saudavel, que te edifique, que te sirva de proveitosa lição, que te dê um exemplo da dignidade humana.

Não tenhas hesitações... Vou mostrar-te um espectáculo que talvez encontres absolutamente novo e que te parecerá attrahente, commovedor e cheio de encantos... se é que possues, como eu presumo, um coração que sinta e que palpite.

Não suspeites de que eu pense em guiar os teus passos para os sitios devastados pelo cataclismo tristemente assignalado para os portuguezes. Não!

Não vou conduzir-te a essas regiões desoladas onde as mysteriosas e titanicas convulsões da Terra levaram n'um momento a dôr, o luto, as lagrimas, a ruina, a inquietação!

Para que aggravar as tuas tristezas e avi-

var as tuas apprehensões, pondo diante dos teus olhos um espectáculo de terror e de morte?

Para quê? Ao contrario, deligenciarei inculcar-te animo, desannuiar-te o espirito, mostrar-te alguma coisa jubilosa, que nos afaste dos sinistros pensamentos e nos faça pensar na vida. A todo o tempo é tempo de pensarmos na morte... que não nos esquecerá, para vir bater-nos á porta em tempo opportuno, quando a parca assim o determinar.

Vamos, pois, tomar logar em uma carruagem de segunda classe do comboio de Oeste, que ás sete horas e meia da manhã sahirá ali da estação do Rocio.

Não iremos affligir os nossos corações, já de si opprimidos, na contemplação dos effeitos da catastrophe.

Tomemos diferente rumo, uma vez que o nosso auxilio não faz falta n'esses lugares sinistros, onde outros se dedicam heroicamente a socorrer os que socorro necessitam.

Onde vamos, então?

Já o iremos saber. Não nos precipitemos!

Dirigimo-nos, não precisamente á região assolada pelo terremoto; mas do sitio para onde vamos até lá, distam muito menos kilometros que de Lisboa.

Eis-nos commodamente installados na carruagem.

Tres campainhadas e um apito e o resfolegar da machina annunciam-nos que é hora de nos pôrmos a caminho.

As coisas, felizmente, começam com bons auspicios, pois n'este compartimento só vemos pessoas conhecidas, que nos proporcionarão boa e agradavel palestra, d'aqui até ao termo da nossa viagem. Esta parecer-nos-ha brevissima e não lhe sentiremos a fadiga nem a monotonia.

Aquelle homem de tranquilla physionomia e compridas pernas que tu ali vês, e que, julgado pelo seu aspecto, tanto poderá ser um major á paisana como um respeitavel funcionario publico, é um dos directores do Albergue das Creanças Abandonadas. E' em summa, o Morgado, o conhecido Morgado, o infatigavel Morgado, o insubstituivel Morgado! E' o enternecido e bondoso amigo das creanças, mais que um sacerdote da religião do bem, um seu devoto dedicado até ao fanatismo!

Ha quantos annos eu o conheço, empenhado n'esta cruzada em beneficio d'essas tenras creaturas desamparadas e privadas do calôr e dos afagos maternos desde os primeiros annos... e impiedosamente açoi-tadas pelos ventos da desgraça! Ha quantos

annos elle anda n'isto, obscuramente, sem obedecer a outros impulsos que não sejam os do seu grande coração!

—Todas as miserias, todos os infortunios, todos os dramas da vida nos sensibilisam! — diz o Morgado quando se fala d'este



DOIS NOIVOS

A noiva pertenceu ao Albergue

assumpto; — mas a desventura d'uma creança que perdeu a mãe sem, muitas vezes, ter conhecido o pae, e sem ter no mundo *ninguem* que lhe queira com verdadeiro amor e que lhe dê carinhos e afagos, é uma coisa superior ás nossas forças!

E este enternecimento, que define uma alma, constituiu para o grande Morgado a preocupação de sempre, uma especie de *ideia fixa* que parece absorvel-o.

A intimidade verdadeiramente fraternal das relações entre o Morgado e o auctor d'estas desalinhadas *notas de viagem*, deriva precisamente d'este motivo: *as creanças abandonadas!*

Oh! estava-se ainda muito longe da criação do Albergue, e os casos de abandono da infancia succediam-se com uma reincidencia desconsoladora, sem que ninguém soubesse que destino dar a essas infelizes

creaturinhas da rua... *Les enfants du ruisseau*, segundo a expressão usada pelos francezes.

Mas, então, nunca houve creanças abandonadas?... Ou estas nunca tiveram quem olhasse para ellas?... .

O Morgado não podia supportar este esquecimento, esta falta de providencias! E, de cada vez que, na repartição em que officia de chefe, um dos seus subordinados lhe apresentava uma creança sem pae, nem mãe, nem agasalho, nem pão, era para elle um novo desgosto! Procurava os jornalistas nas redacções ou escrevia-lhes longas epistolas, advogando calorosamente a causa das creanças e solicitando os bons officios da imprensa, contra esta deshumanidade que, a seus olhos, assumia as proporções d'um delicto social!

— Escreva um artigo em defeza d'esta causa justa! — exclamava elle cheio de vehemente convicção. — Chame a attenção das autoridades superiores, dos poderes publicos, das pessoas de bons sentimentos para este lamentavel estado de coisas que nos envergonha e que nos confrange o coração!

E explicava prolixamente a situação.

Assim arranjou o Morgado em cada jornal um redactor amigo de quem fez um interessado e um entusiasta na cruzada a que elle sósinho se dedicou durante muitos annos.

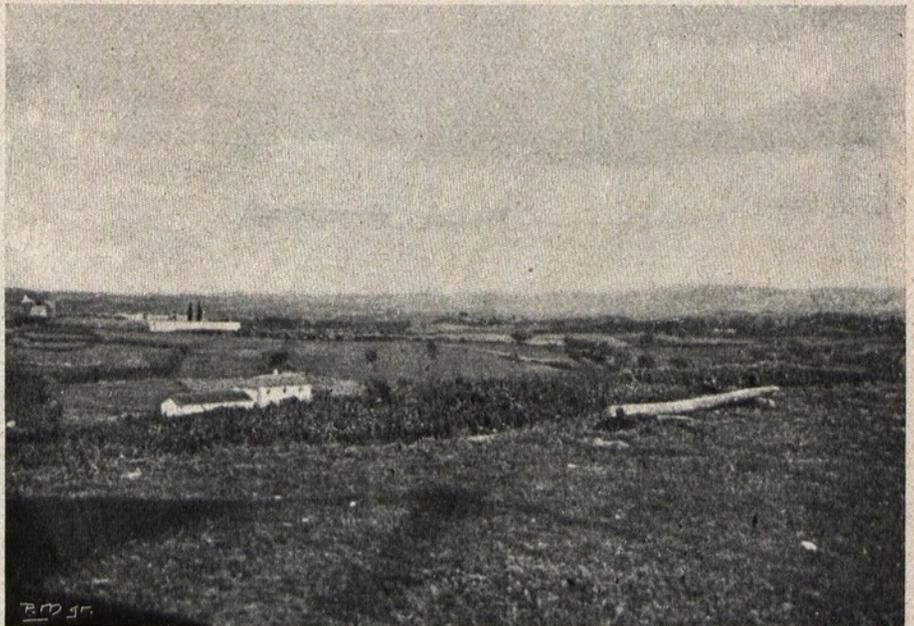
A imprensa occupou-se, effectivamente, com persistencia d'este assumpto. E todos esses numerosos artigos que ácerca do caso urgico appareciam nos diarios eram os eccos da voz modesta e occulta do Morgado!

Era elle o inspirador dos jornalistas, o auctor indirecto d'esses caudaes de prosa que, primeiramente, passaram como *vox clamantis in deserto* e que, por fim, lograram commover o publico, tendo como resultante

a criação d'esta obra magnanima que se chama o Albergue das Creanças Abandonadas, de que esse mesmo Morgado tem sido a vida, o nervo, a alma!

A sociedade que occupa este compartimento de segunda classe é na realidade excellente.

Ao lado do Morgado vae o dr. Nuno de Gusmão, o clinico illustre que disfructa mercedissimos creditos profissionaes e que reune



VISTA DO CONCELHO DO CADAVAL
(Tirada da colina do poente)

a sua reputação scientifica á d'um primoroso character. E' um dos medicos do estabelecimento, ao qual tem prestado assignalados serviços, devotado amigo da infancia e verdadeiro humanitario, honra da medicina portugueza.

E quem mais vem?

Ah! o Augusto Morgado, moço intelligente, activo, sympathico, já iniciado nos assumptos do Albergue das Creanças Abandonadas, ao qual presta os seus serviços, com zelo pundonoroso e com aptidão muito para notar; — é, emfim, o discipulo de seu pae, de quem segue os bons e honrados exemplos, sempre desejoso de cumprir exactamente o seu dever, sempre insaciavel na sêde de estudar e de saber.

E para que nada falte a esta expedição, até a arte vae representada. Aqui temos o distincto photographo Armindo da Silva, da casa Grillo & Sá, munido d'uma das suas melhores machinas e de todo o apparelho necessario para reproduzir pela photographia os quadros mais pintorescos da paizagem e as scenas mais palpitantes d'esta jornada.

Desde que o comboio se engolfou na escuridão do tunnel, anima-se a palestra no nosso compartimento ou, para melhor dizer,

seu itinerario rotineiro, rolando sobre os rails, rallentando a marcha nas subidas e accelerando-a nas planuras, detendo-se em apeadeiros e estações, ninguem n'este compartimento tem ensejo de bocejar.

A viagem vae-se fazendo sem se dar por isso.

Mas, passado o primeiro tiroteio de chalaças e *humoradas* alegres e inoffensivas, quasi ingenuas, a conversação vae derivando insensivelmente do jocoso para o serio e vem cahir,



GRUPO DE RAPAZES DO ALBERGUE, COLLOCADOS NO CONCELHO DO CADAVAL

trava-se um tiroteio de ditos e chistes que promovem a hilaridade geral.

O Morgado, com aquelle aspecto de *pincensans-rire* que nós lhe conhecemos, dispõe d'um inesgotavel repertorio de agudezas e occorrencias que ninguem pôde presumir-lhe. Em sua companhia não nos invade a tristeza nem o tedio.

A exuberancia de boas chalaças denota n'elle o maximo da satisfação. E o Morgado está felicissimo n'esta viagem. Signal evidente de que está satisfeito. E' que o dia para elle não é *diem perdid!*...

Emquanto o comboio vae percorrendo o

sem se saber como, no assumpto das creanças.

E' o ponto fraco do Morgado! E por isso elle cessa de dizer as graças e os commentarios que vem prodigalizando com tanto proposito.

Pela millionesima vez, faz a historia do Albergue, elogiando calorosamente quantos teem levado uma pedra áquelle edificio de benemerencia, que constitue o objecto dos seus amores, abstando-se modestamente de se attribuir quinhão, por mais parco que seja, na partilha de gloria que corresponde aos obreiros d'aquella instituição, que é hoje alguma coisa.

Segundo o seu dizer despretencioso, nada tem feito, senão zelar, como póde e sabe, os interesses d'aquella casa, á qual, na realidade, prestou e está prestando serviços de inestimavel valor.

Todos os companheiros da viagem conhecem, mais ou menos miudamente a historia da fundação do Albergue, mas o Morgado está a par de todo o seu movimento, de todas as suas particularidades e sabe de memoria onde param a estas horas perto de

E' com verdadeiro orgulho, um orgulho que não tem nada de vaidoso, que o Morgado enumera os beneficios que aquella instituição tem espalhado, nos doze annos da sua existencia.

Ninguem pensou, quando foi da fundação do Albergue, que elle viesse a prestar tão grandes serviços á infancia. Presumiu-se que remediaría de momento muita desgraça...



GRUPO DE TUTORES E TUTORAS DE CREAÇAS DO ALBERGUE, COLLOCADAS NO CONCELHO DE CADAVAL

dois mil rapazes e raparigas que por ali tem transitado e ao Albergue devem a sua salvação moral... e talvez physica. Recorda os nomes de todos elles e tem de cór as circumstancias em que cada um se acolheu á protecção da casa.

E' interessante apreciar a precisão e a lucidez com que elle faz o relatorio... oral do Albergue das Creações Abandonadas e é curioso observar como elle é cioso da felicidade, do bem estar e do futuro de toda aquella pequenada para quem é um desvelado pae!

Raros são os paes tão dedicados.

e já não era pouco! Esses serviços fôram muito além do que se esperava. O anjo da Caridade alargou as suas azas e abrangeu mais largo espaço... para receber debaixo d'ellas maior numero de infelizes que necessitavam o seu calór.

Alguns dos internados dos dois sexos, admittidos nos primeiros annos, tem posição e contam com o futuro. Outros vão encaminhados na carreira da vida honesta e da felicidade que dão o trabalho e a virtude.

E, d'onde vieram todas essas creanças ou quasi todas?

Da rua, onde as mais bem formadas crea-

turas se perdem e se pervertem, começando pela vadiagem ociosa e acabando pelo vicio e pelo crime!

Os vadios, os gatunos, os desordeiros, toda

trabalho e com o seu exemplo para a riqueza da nação.

Em Villa Franca de Xira, em Alemquer, em Azambuja, no Cadaval, em Obidos, nas

Caldas da Rainha tem sido collocadas, por intermedio d'aquelle estabelecimento, em casa de lavradores ou de industriaes, nada menos que quatrocentas creanças!

Muitas d'ellas, que ao ser recolhidas pelo Albergue, se apresentavam magras, enfezadas, anemicas e com todos os indicios da miseria physica e moral, transformaram-se completamente no campo, graças á existencia methodica e regrada de trabalho, graças á alimentação abundante e sadia que lhes proporcionam os seus protectores, graças á pureza dos ares e á excellencia das aguas.

O campo é a saude, é a vida, ao passo que os grandes centros, com as suas agglomerações, com as suas contaminações inevitaveis, de vicios e de maldades, são a ruina e a morte!

O Morgado confessa-se satisfeito

com a obra do Albergue. Mas aspira ainda a muito mais.

Segundo o seu desejo, nenhum rapaz ou rapariga seria entregue a um protector da provincia, sem ter feito o exame de instrucção primaria. E' verdade que durante a permanencia na casa nenhum deixa de ir á aula,



DE VISITA AOS MENORES DO ALBERGUE NO CADAVAL

1.º Pío Fontes Pereira de Mello — 2.º Dr. Nuno de Gusmão — 3.º Alexandre Morgado — 4.º Agente Andrade — 5.º Augusto Morgado.

essa onda miseravel, que a policia persegue e que a justiça condemna e que constitue um flagello para a nossa sociedade, procede d'onde procederam aquelles rapazes e aquellas raparigas que o Albergue salvou da vovragem, tornando-se pessoas uteis e de bons costumes, capazes de contribuirem com o seu

onde a todos se ministra instrucção, e tambem é certo que muitas das familias que tomam a seu cargo um albergado o mandam á escola.

Mas isto não basta. E' necessario garantir a todos a posse das primeiras lettras a fim de melhor os preparar para os combates da vida e para contribuir d'alguma maneira para a extincção do analphabetismo, do mesmo modo que para a extincção da vadiagem.

Não é mettendo na cadeia os vadios que se extingue a vadiagem. E' fazendo d'elles cidadãos. E' mandando-os á escola. E' inculcando-lhes o gósto pelo trabalho. E' ensinando-lhes a honra e o dever.

Chegámos, emfim, ao Bombarral. Apeêmo-nos aqui, e deixemos o comboio seguir o seu destino: S. Mamede, Obidos, Caldas da Rainha.

Emquanto o trem continúa na sua marcha monotona, vamos nós ao almoço.

E enquanto nol-o não servem, continuemos conversando.

No Cadaval e immediações ha actualmente collocadas, em casa de honradas familias, nada menos que cento e dezeseite creanças, das quaes cinco são meninas.

O Albergue não confia uma creança a uma familia sem que tenha procedido a uma rigorosa informação ácerca da honorabilidade dos protectores.

Adquirida a certeza de que essa familia é, sem duvida alguma, gente de bem, é-lhe entregue a creança.

Mas a direcção ainda não se dá por satisfeita com esta informação preliminar. Tem correspondentes nas proprias localidades, de quem recebe noticias, com bastante regularidade, ácerca do modo por que são trata-

dos os seus protegidos, estado da sua saude physica e moral. De quando em quando, ainda envia um empregado de sua confiança em visita de inspecção, — visita que nunca é annunciada e que os tutores da pequenada recebem inesperadamente.

Depois de todas estas medidas, pelas quaes a instituição vela pelos seus protegidos, como poderia fazel-o uma mãe carinhosa e solícita, ainda ha a visita annual da direcção e do medico, que se realisa geralmente na primavera.

E' uma revista em ordem de marcha que não dispensa a inspecção clinica.



VISTA DO SANGUINHAL
REGIÃO ONDE ESTÃO COLLOCADAS MUITAS CREENÇAS DO ALBERGUE

Todos os tutores recebem previamente a indicação de que devem encontrar-se com os seus tutelados, a uma hora determinada do dia designado para esta interessante parada, na administração do concelho do Cadaval.

O administrador compraz-se em prestar o seu valioso concurso, collaborando, d'esta sorte n'uma obra de grande alcance moral e humanitario.

.....

Mas o almoço terminou. Eis-nos em caruagem, a caminho do Cadaval, por uma bella manhã banhada de sol, que torna mais linda e suggestiva a paisagem, á esquerda e á direita da estrada que vamos transitando...

estrada que, por signal, não se encontra em estado muito lisonjeiro.

São seis kilometros de tombos e solavancos que nos despedaçam os ossos, mas de que nos compensam largamente a belleza do panorama e os commentarios alegres do Morgado.

Ao cabo d'uma hora, — pois a estrada não permite marchas acceleradas e obriga o cocheiro a caminhar com circumspecção, — chegamos, finalmente ao Cadaval. A rua onde é situada a administração do concelho está cheia de gente camponeza: homens e rapazes de barrete e chapéo desabado, ostentando os seus varapaus... indispensaveis, e mulheres de diferentes idades de lenço na cabeça.

O quadro é bello e suggestivo! Os rapazes, ao avistarem a *expedição* do Albergue, separam-se impetuosamente dos seus parentes adoptivos e correm cheios de contentamento ao encontro do Morgado, de barrete na mão, beijando-o com soffreguidão e enternecimento. E a estas manifestações corresponde o Morgado com um desvanecimento baboso de pae velho, e... quem bem o fitar, observará que pelas faces lhe rebolam duas grandes lagrimas...

Mas o Morgado sobrepõe-se á commoção que o embarga e consegue fazer-se forte, beijando este, afagando aquelle e examinando todos com detenção, a ver se a cara lhes de-

nuncia contentamento, saude e bom passado.

Este exame deixa-o satisfeito. Um que sahira de Lisboa com olheiras e cór macilenta, apparece gordo e vermelho como um abbade de aldeia. Outro que entrára para o Albergue cheio de escrophulas, apresenta-se limpo e sadio como um novillo.

E tudo são exclamações do Morgado:

— Olha o Fulano como está bello!... Este parece um nabo saloio! Aquelle está como o Chaby! Aquelle outro vende saude!...

O secretario da administração, que assiste ao acto, está maravilhado. O Morgado não cabe em si de contente.

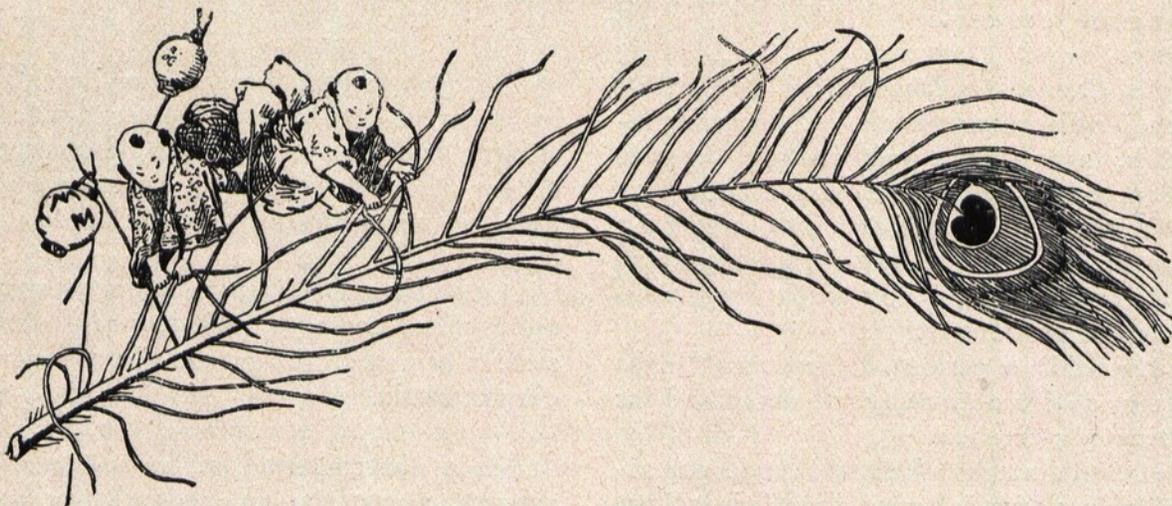
Os tutores portaram-se brilhantemente. Attestam-n'o as caras sadias e satisfeitas d'aquella rapaziada, salva pelo Albergue da miseria das ruas da cidade, onde se envenenavam e definhavam e perdiam o senso da virtude.

Agora o medico examina os rapazes um por um e depois os tutores conversam com o Morgado, dizendo-se satisfeitos com os seus protegidos.

E assim se passa um dia felicissimo, praticando o bem.

Creio, leitor, que não te enganei quando te disse que ia mostrar-te alguma coisa que te havia de interessar e commover: uma parte da obra d'essa santa instituição que se chama o Albergue das Creanças Abandonadas.

SANTONILLO.



Contos da minha aldeia

*A minha aldeia, é lá n'um alto,
D'onde se avista o verde mar.
Sente-se, ao vê-la, um sobresalto,
Quer-se por força lá chegar.*

*E' tão bonita a minha aldeia!
Rescende tanto a rosmaninho...
E' branca luz da lua cheia,
Parece assim feita de arminho!*

*Ali viveu em tempos idos,
Um gentil moço pegureiro,
E que segundo os entendidos
Entre os da terra era o primeiro.*

*Ora as cachopas lá da aldeia,
Todas o queriam requestar.
Mas elle sim!... a tal cadeia
Sempre tratou de se esquivar.*

*Porém, um dia em que elle andava,
No campo apascentando o gado,
Sentiu que ao pé de si estava
A gentil filha do morgado.*

*Mudou de côr, estremeceu,
E deu-lhe um salto o coração;
Julgou até que ia morrer,
Pois foi enorme a commoção.*

*De tal maneira ella o fitou,
Que elle sentiu-se confundido;
E n'um momento, se deixou
Cahir aos pés, d'amor rendido.*

*Que foi então que se passou?
Ninguém o pôde perceber.
Mas quando a noite o céu toldou,
Inda elles tinham que dizer.*

*O caso é, que o bom pastor,
Cada vez mais enamorado,
Pensava só no seu amor,
Sem se importar saber do gado.*

*Mas uma vez em que elle estava
Esp'rando aquella que não via,
Esp'rou em vão pois não chegava...
Julgou então que enlouquecia.*

*Passou um dia, e outro, e outro:
E assim o tempo decorreu.
E o infeliz, como n'um pôtro
Todo esse tempo elle soff'reu.*

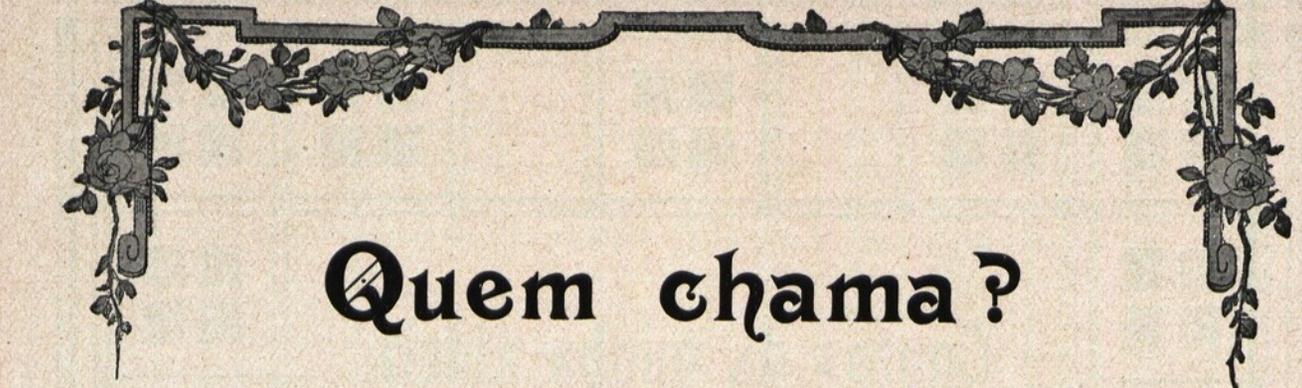
*'Té que um domingo, em que devia,
Ouvir a missa abençoada,
Viu lá da igreja que sahia,
A morgadinha já casada!*

*— «Tudo acabou!... — disse elle então,
Um sonho foi de insensatez!...
Não chores mais, meu coração,
Que o sonho vaes seguir talvez!»*

*Correu depois, 'té ao basalto,
Que o mar beijava docemente,
E dos rochedos mais do alto
Se despenhou, heroicamente!*

*Hoje, d'lareira, quando em volta,
Já tudo está, pela noitinha:
Esses gemidos que o mar solta,
São do pastor, p'la morgadinha.*

Ricardo de Souza.



Quem chama?

(CONCLUSÃO)

As suas ultimas palavras comtudo tinham alterado a situação. A rapariga presentiu qualquer coisa n'ellas que a assustou. Este branco da planicie tinha vindo ali para lhe fazer a côrte e... que lhe iria elle dizer? Via-se que estava acanhado mas ao mesmo tempo tinha confiança em si, tinha medo d'ella, da sua delicadeza, da sua graça, da sua belleza e da sua educação, e apesar d'isso confiava nas vantagens que lhe dava a posição de branco que se abaixa a uma mestiça. Elle não tinha consciencia da complacencia e majestade da sua attitude, mas involuntariamente fazia-as sentir á rapariga, nas suas palavras rudes de ignorante: esta revelação trouxe-lhe um sentimento mixto de triumpho e humilhação. Que este branco tinha vindo para lhe fazer a côrte era evidente; mas que elle um ignorante rude e inculto podesse pensar que não tinha mais que fazer senão estender a mão para que ella voasse ao seu encontro, ella que se sentia vibrar com todas as emoções delicadas, ella de quem as palavras, os sentimentos, as maneiras eram tão differentes das d'elle como a noite do dia, sentiu-se córar de indignação com essa ideia. Comtudo respondeu á saude com que elle a brindara com um sorriso amavel, e disse rindo e enchendo-lhe de novo o copo: «Mas se o senhor continúa a vir cá com tempestades como estas não haverá muitos anniversarios a festejar.»

«Bem, bem, talvez tenha razão, por isso parece-me que a unica coisa a fazer é não continuar a vir, mas sim ficar d'uma vez, ficar onde a menina estiver.»

A indiana não podia ver o rosto de sua

filha porque ella estava voltada para o fogão, mas sorriu a João Alloway, approvando-o. Este era o remedio para a sua apoquentação e para o seu isolamento. Paulina e ella não se comprehendiam, e comtudo estavam ligadas uma á outra por circunstancias que não podiam vencer, e agora poderiam viver cada uma á sua moda já que João Alloway falava em casar. Ella voltaria para a sua gente e Paulina ficaria em Portage vivendo com seu marido branco entre a gente da sua raça. Ella voltaria para os fumosos lumes das apinhadas cabanas: para os guisados de veado, e a dança da serpente; para as festas dos feiticeiros, as longas séstas nos dias de verão, e os contos de inverno, teria descanso entre a sua gente; Paulina vingar-se-hia da emproada mulher do Bailio, e talvez se esquecessem que era filha d'uma indiana.

Revolvendo todos estes pensamentos no seu espirito preguiçoso, levantou-se e saiu do quarto deitando um ultimo olhar de approvação a João Alloway, como que dizendo-lhe. «Tem coragem vae para deante que os valentes são os que vencem sempre.»

Apesar de estar de costas voltadas Paulina viu sua mãe sair, viu o olhar que deitou a Alloway, e quando a porta se fechou voltou-se e encarou-o.

«Que idade tem?» perguntou subitamente.

Elle mexeu-se na cadeira quasi que nervoso. «Uns 50 pouco mais ou menos», respondeu confuso.

«Então faria melhor e seria mais prudente se não andasse nas tempestades a

festejar anniversarios.» disse ella com um sorriso meigo mas perigoso «Cincoenta — ora, mas estou mais valido do que muitos homens de trinta, disse rindo com atrapalhação. Eu havia de vir cá hoje ainda que a neve em vez de cair em flocos caisse em lanças e espadas. Resolvi que havia de vir, e vim. Salvou-me a vida isso é certo e seguro; e estaria a esta hora no outro mundo se não fosse a menina e o seu pony Piegan — Os ponies piegans são incomparaveis nos temporaes conhecem o seu caminho como se tivessem olhos nos pés — e a menina tambem; eu que toda a minha vida tenho andado nas campinas perdi-me n'esse dia como um pateta; mas a menina — bem se vê que tem sangue Piegam nas veias, é verdade.»

Parou um momento detido pela expressão que via no rosto de Paulina. «E a menina encontrou o caminho n'esse dia nas campinas mesmo no meio do temporal como um passarinho encontra o seu ninho. Foi-lhe tão facil como me é a mim achar um novilho n'uma manada de touros. O que eu nunca pude comprehender é o que tinha ido fazer ali n'aquelle horrivel dia. Tenho pensado n'isso mil vezes. Se não sou indesejado, diz-me o que estava fazendo ali?»

«Estava procurando perder uma vida», respondeu tranquillamente, olhando para elle sem o ver, porque n'esse momento soffria de novo a angustia que a levava a procurar refugio eterno na tempestade.

Elle riu-se. «Ora essa é boa! isso é que se chama sarcasmo. Estava ali para salvar uma vida e não para a perder; isso foi provado com plena satisfação do tribunal.» Fez uma pausa, riu-se pensando que dissera um dito de espirito e continuou: «Eu era esse tribunal, a minha sentença foi que a divida contrahida para comsigo havia de ser paga dentro de um anno com os juros legaes, pagando a percentagem que se paga quando os bens empenhados são seguros. Essa foi a minha sentença e não ha appello nem agravo. Eu sou o unico juiz competente n'este caso.»

«Já salvou a vida a alguém alguma vez?» perguntou Paulina emquanto guardava a garrafa depois de elle ter enchido o seu copo pela terceira vez.

«Duas vezes sósinho, e uma vez dividindo as honras», disse satisfeito que ella lh'o tivesse perguntado.

«Pagaram-lhe ou esperou que lhe pagassem por isso com juros ou sem elles?» perguntou ella.

«Eu? nunca mais tornei a pensar em tal coisa. Ai! sim pensei; Um dos casos foi engraçado, teve mesmo muita graça. Foi Ricky Wharton, lá para as bandas do Rio Maskwat. Salvei-lhe a vida não ha duvida; e um anno depois veio ter commigo e disse:» Você salvou-me a vida, e agora o que vae fazer d'essa vida que salvou? Estou completamente arruinado. Devo 100 dollars e não os estaria devendo se você não me tem salvo a vida. Quando você se lembrou de me salvar tinha de meu 200 dollars que teria deixado. Estou perdido porque você teimou em me salvar a vida; agora tem que tomar conta de mim! «Fiquei tão aparvalhado com isto que — confesso-o — sustentei Ricky durante um anno até elle partir para o Norte á procura de minas de ouro. Se me pagaram? Eu é que paguei. Já vê, meu amor, salvar vidas traz responsabilidades!»

«Em geral não se pode salvar uma vida sem correr algum perigo, não é verdade? perguntou ella sentindo-se magoada com esta familiaridade.

«Lá isso é verdade, vá lá que a menina e o seu pony Piegan arriscaram-se bastante para me salvar.»

«Ah! eu era muito nova,» respondeu debruçando-se sobre a meza e começou a desenhar n'um papel que estava deante d'ella. «Podia arriscar-me, era tão nova, tinha apenas 18 annos.»

«Que differença faz isso? Quando se morre tanto faz que seja aos 18 como aos 50, ou vice-versa!»

«Não é tanto assim. Aos 50 deixa-se tanta coisa a que se tem amor.»

«Essa é boa! Nunca pensei n'isso, creia.»

«Deixaria tudo quanto lhe pertence. Já foi casado e tem filhos, não é verdade?» Alloway estremeceu e franziu os sobr'olhos depois endireitou-se e disse como que atirando as palavras. «Só tenho uma filha que vive com a avó lá para Leste.»

«Foi isso mesmo o que eu disse, tem-se mais que deixar aos 50, replicou fazendo-se muito córada. Não olhava para elle mas sim para o retrato de um homem que acabava de desenhar — um rapaz de farta cabelleira, um queixo denotando firmeza de character, olhos grandes e eloquentes; em

volta d'esse rosto tinha ella desenhado repetidas vezes o rosto de uma rapariga e escreveu por baixo — Manette e Julião.

João Alloway não a comprehendeu e não se sentindo á vontade voltou ao que o interessava. «Não sei falar nem discutir, disse: mas tenho uma certa habilidade para contar historias á noite em volta da lareira, fumando o meu cachimbo e tomando a minha tigela de chá: por isso não vou metter-me a discutir comsigo. A menina teve uma boa educação em Winnepeg. Ganhou todos os premios e foi sempre a primeira nas classes, ainda que barafustassem bastante por causa disso, e mesmo por a terem lá recebido sendo mestiça. A menina nunca ouvia o que se dizia cá por fóra, na turalmente. Mas que importava se vencia sempre! É bem tola essa idéa de querer pôr uma linha de separação entre os vermelhos e os brancos. Já se vê que

são as mulheres, sempre as mulheres, que querem ou tudo branco ou nada. Aqui em Portage tem-n'a tratado como se não trata um cão. Emquanto á mulher do Bailio — deixe-a commigo — bem, depois falaremos n'isso, porque com João Alloway, não se brinca, elle está ao facto de muitas coisas e todos o sabem. Quando João Alloway, morador em Main Street, 32, e dono de uma boa roça, disser eu e minha mulher ahi vamos, elles todos terão cuidado de apromptar os seus bilhetes de visita.»

A cabeça de Paulina conservou-se inclinada sobre os retratos que retocava cuidadosamente. — Manette e Julião — Julião e Manette, e essa lembrança trazia-lhe aos

olhos a alegria e despreocupação d'essas tardes em que Julião vinha e que o echo da margem do rio repercutia as suas gargalhadas; esses dias os mais queridos e felizes da sua vida.

Aquelle velho de 50 annos nada via senão uma rapariga em volta da qual elle ia em breve atirar o laço da sua affeição e depois levar-a-hia para sua casa, condescendente e contente, um branco com a sua mulher mestiça — mas que linda mestiça!

«Eu bem vi como algumas d'essas mulheres a tratavam», continuou elle e eu disse com os meus botões; nós veremos; a vez d'ella ha de chegar, João Alloway cá está, e elle sabe pagar as suas dividas. Quando chegar o anniversario eu porei as coisas a direito.

Ella salvou-me a vida, e essa vida pertence-lhe

se quizer dar um recibo total, e abrir uma nova conta debaixo da firma de Paulina e João Alloway. Percebeu? Compreendeu Paulina?»

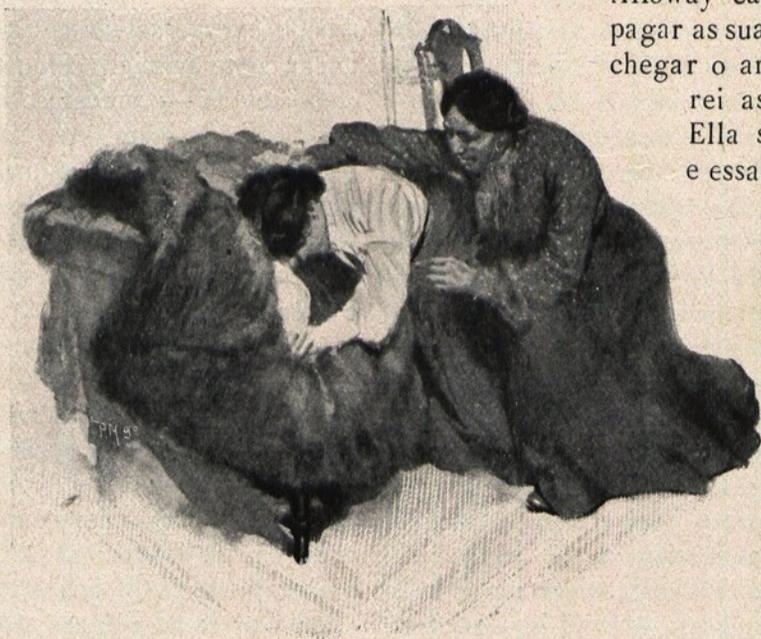
Paulina levantou-se vagarosamente tendo no olhar, intensificado, a mesma expressão que

ha pouco brilhava nos olhos de sua mãe. o olhar que pertencia ao flux e reflux do sangue indiano que lhe girava nas veias, dominado pela força da raça branca mais pura e mais civilizada.

Por um momento voltou-se para a janella. A tempestade tinha cessado repentinamente e um raio de sol poente alongava-se sobre aquelle deserto de neve.

«Quer pagar uma divida que julga ter contrahido», disse ella com uma voz estranha e sem vibrações voltando-se por fim. «Bem, está paga.» Deu-me um livro para ler que conservarei sempre. Dar lhe-hei o recibo total da sua divida.

«Não sei de que livro fala», disse Allo-



APPROXIMANDO-SE DO SOFA' AJOELHOU-SE ATIRANDO UM BRAÇO POR CIMA DOS HOMBROS DE SUA FILHA

way perplexo. «O que quero é casar com-sigo.»

«Muito obrigada mas não é preciso», insinuou ella.

«Mas eu quero. Não é uma divida, isso foi uma maneira de dizer. Eu quero-a para minha mulher. Tenho uma posição e posso fazer que a respeitem e bajulem.»

De repente a sua colera brilhou, concentrada, vivida e feroz, as palavras saim-lhe pausadas e distinctas. «Não ha nenhuma razão para que eu case comsigo, nem uma, uma unica. Offerece casar commigo como um principe dá uma esmola a um mendigo. Se minha mãe não fosse indiana não estaria tão seguro que havia de o querer. Meu pae era branco, sou filha d um branco. Antes quero casar com um indio que me julgue o seu mais querido thesouro, do que casar comsigo. Se não fosse mestiça ter-me-hia pedido para casar comsigo não me teria offerecido casamento como uma caridade. Não lh'o agradeço. Nunca devia approximar-se d'uma mulher com as palavras com que se approximou de mim.»

«Olhe, a tempestade já acabou, pode-se ir embora, já não ha perigo. A neve está talvez espessa, mas não tem muito que andar.»

Foi á janella buscar o boné e as luvas e entregou-lhe. Elle pegou em tudo como que fulminado e aniquilado. «Diga se quizer que não me sube fazer comprehender, mas as minhas intenções eram boas teria sido um bom marido orgulhoso de minha mulher e tel-a-hia amado acima de tudo n'este mundo», disse elle envergonhado mas arrebatadamente e com sinceridade tambem.

«Ah! devia ter começado por essas ultimas palavras», respondeu Paulina.

«Digo-as agora.»

«Vieram demasiado tarde; mas de qual-quer maneira teriam chegado tarde, acrescentou. Comtudo estimo que as tivesse dito.»

Ella acompanhou-o até á porta. «Commetti um erro, disse elle humildemente. Só agora o reconheço. Se eu sou um ignorante!»

«Oh! não foi isso, respondeu a rapariga com bondade. Adeus.»

Alloway voltou de subito. «Tem razão era impossivel. A menina é. . . é admiravel. Devo-lhe ainda a minha vida.»

E saiu.

Por momentos Paulina conservou-se im-

movel no meio da casa fixando a porta que se acabava de fechar; depois com um gesto selvatico de desespero e angustia, atirou-se para cima do sophá chorando convulsivamente.

D'ali a pedaço a mãe entre abriu a porta e espreitou com anciedade. O que viu ensombrou-lhe a physionomia endurecendo-lhe o olhar por instantes mas o desespero e sofrimento de sua filha venceram-n'a e um vislumbre de comprehensão illuminou-lhe o espirito, entendeu um pouco esse problema que torturava Paulina e affastou do seu coração essa carapuça de egoismo que o cobria. Approximando-se do sophá ajoelhou-se atirando um braço para cima dos hombros de sua filha. Realizou o que tinha acontecido, pela primeira vez teve a revelação dos sentimentos intimos da rapariga e a fiel interpretação dos factos que se tinham dado na vida de ambas.

«Disse-te — Não — a João Alloway? murmurou ella.»

Com um gesto rapido de protesto e desafio Paulina retorquiou. «Julgava que por elle ser branco eu ia-lhe cair nos braços? Não. Não. Não.»

«Fizeste bem, creança.»

Os soluços pararam de repente e Paulina parecia escutar com toda a sua alma. Havia qualquer coisa na voz de sua mãe que nunca tinha ouvido — pelo menos não tornara a ouvir desde que, creança, fôra embalada n'uma rede de pelle de veado suspensa de uma arvore junta á porta da cabana do seu pae onde os chefes se reuniam. Havia agora n'essa voz qualquer coisa de meigo e de terno com que então adormecia.

«Offereceu-te isso como se offerece um torrão de assucar a um passaro — bem sei. Elle não sabe que corre no teu corpo sangue de grandes homens — não o sabe, mas é verdade. O avô do meu homem descendia dos reis de Inglaterra e tinha provas d'isso, e a minha gente tem sido chefes por mais de mil annos. Não ha em todo o Oeste sangue tão nobre como o teu. Eu sentia o coração pesado e negros pensamentos me atormentavam, por ter perdido o meu homem e esta vida não ser a minha vida, sou apenas uma indiana creada no Warais e o meu coração foge sempre para lá agora. Mas não sei que grande balsamo se infiltrou no meu coração quando entrei aquella porta e te vi ahi dei-



COM UM GRITO, MIXTO DE DOR E ALEGRIA, ELLA RECONHECEU-O

tada soluçando; invoquei o sol: «Oh! Grande Espirito, disse eu, ajuda-me a compreender, porque essa creança é osso do meu osso e carne da minha carne, e o Espirito do Mal se interpoz entre nós! «E o Espirito do Sol derramou o seu balsamo em mim e agora não ha nenhuma nuvem entre nós. Passou; e eu já vejo. Amor de minha alma, a vida dos brancos é a verdadeira vida e, eu vive-a-hei contigo até que venha alguém que te dê um lar semelhante ao lar dos da tua raça. Não o João Alloway. — Pode lá o corvo fazer ninho com a pomba!»

Emquanto ella assim falava tendo na voz as modulações d'um coração que se revela, a rapariga que quasi deixara de respirar ao principio, comprehendendo emfim a significação d'essas palavras arquejou e o rosto cobriu-se-lhe de grande vermelhidão e quando sua mãe cessou de falar ficou tudo no mais perfeito silencio, porque Paulina, calada, quieta deixava que penetrasse até ao mais intimo do seu ser essa luz nova que a vinha illuminar; depois deitou os braços á roda do pescoço de sua mãe n'um extasi de amor e de paz.

«Lalika! oh! minha Lalika!» disse com meiguice beijando-a repetidas vezes. Havia muitos annos que a rapariga não chamava sua mãe pelo seu nome indiano como ella e seu pae lhe tinham ensinado a fazer quando era pequenina n'esse tempo feliz lá nas margens do formoso rio e junto ás magnificas florestas onde ella apesar de trazer como uma joven Diana um arco e settas, só matava de amor.

«Lalika! minha mãe Lalika, isto faz lembrar os tempos antigos, disse ella suavemente, agora nada importa porque já me comprehendeste.»

«Não intendo tudo, murmurou a indiana meigamente. Não sou branca e os nossos modos de pensar são differentes; mas porei nas tuas as minhas mãos e viveremos juntas a vida dos brancos.»

Com as faces unidas viram o crepusculo dar lugar á escuridão, e a lua prateada estender-se vagarosamente sobre um mundo gelado, no qual o ar mordida como aço e invigorava o coração como vinho. Depois ás nove horas, como o seu costume, a indiana foi-se deitar deixando sua filha a meditar tranquillamente, junto ao fogão.

Durante uma hora se conservou na mesma

posição depois levantou a cabeça e poz-se a escutar inclinando-se para a janella pela qual entrava o luar que vinha misturar a sua luz com as chammas do fogão. Ouviu o seu nome distinctamente pronunciado lá fóra. «Paulina! Paulina!»

Levantou-se correu para a porta e abriu-a. Tudo estava silencioso e cruelmente frio.

Mas emquanto ella escutava avidamente destacando-se a sua figura á luz viva do fogão de novo se fez ouvir o grito de: «Paulina!» O coração batia-lhe apressado, levantou a cabeça e gritou — «Qui appelle? Qui appelle?» Que impulso a teria levado a falar n'uma lingua estrangeira?

E mais uma vez se ouviu na noite serena vibrar trememente o grito, «Paulina!»

«Qui appelle? Qui appelle?» repetiu com um anhelante murmúrio de comprehensão e reconhecimento. Dirigiu-se fremente na direcção d'onde vinha a voz. Seria o mesmo instincto que a levava a falar francez que lhe revelou quem a chamava? — ou seria que mesmo n'essa unica palavra pronunciada havia o som d'uma voz nunca esquecida desde esse tempo feliz passado com Manette em Winnepeg?

Não longe da casa no caminho de Portage la Drôme, um pouco afastado da estrada havia um precipicio onde já se dera um desastre, e para ahi correu ella assustada. Emquanto corria a voz fez-se ouvir mais uma vez — «Paulina» — e ella respondeu que já vinha. D'ahi a pouco estava espreitando attentamente á beira do precipicio, a uma pequena distancia da borda via-se um homem estendido na neve. Tinha-se extraviado do caminho que a neve escondia, e caído no barranco torcendo gravemente um pé. Impossibilitado de andar tinha-se arrastado pela neve alguns metros, mas faltando-lhe as forças, atirara ao acaso para essa casa onde vira luz nas janellas o nome da mulher que viera de tão longe para ver.

Com um grito, mixto de dôr e alegria, ella reconheceu-o. O seu coração adivinhara, era Julião o irmão de Manette. N'um momento estava ao seu lado encostando ao braço a cabeça d'elle.

«Paulina!» disse com voz apagada e desmaiou nos braços d'ella. Paulina não perdeu tempo, correu para casa acordou sua mãe e os creados de cavallariça, tirou do arma-

rio um frasco de cognac e voltou correndo para o precipício.

Uma hora depois Julião Labrosse estava estendido no sophá na saleta junto ao fogão, o pé já ligado, e revelando no olhar toda a afeição que o trouxera ali. Mais uma vez o instincto maternal segredou á indiana o que esse homem queria, mas d'esta vez comprehendeu que sua filha encontrara o que seu coração procurava e que teria junto d'um marido de raça branca um lar digno d'uma mulher branca como as mulheres da familia de seu pae.

«Sinto muito incomodal-as, disse Julião rindo-se — com um riso ligeiro que era muito seu — mas espero amanhã já poder voltar para Portage.»

«Fazer a sua vontade é uma grande coisa, Mossô Julião, mas fazer a vontade aos outros é ainda melhor; disse sorrindo a indiana, por isso vae ficar até que possa ir pelo seu pé para Portage.»

«Por mim confesso que nunca me senti tão confortavel e tão feliz. Ficarei já que assim o querem, e não me acham importuno.»

A indiana sorriu-se affectuosamente e achou uma desculpa para se auzentar por um quarto de hora. Mas antes de sair conseguiu collocar junto d'elle um d'aquelles papeis onde Paulina tinha o habito de desenhar os retratos d'elle e de Manette, a vista d'esse papel trouxe ao rosto do rapaz uma expressão de viva alegria e felicidade, depois escondeu-o nas pelles que guarneciam o sophá.

«Em que se occupa agora?» perguntou Paulina quando momentos depois os seus olhos procuraram os d'ella.

«Tenho um grande trabalho adeante de mim, uma esplendida occasião para fazer caminho — a construcção de uma ponte sobre o Rio S. Lourenço, aos trinta annos é um magnifico começo. Reedifiquei o velho castello que me deixou meu pae e vou viver para lá. Ha de ser uma soberba vivenda quando estiver acabado, grande e confortavel, com vigamentos e paredes de carvalho antigo, grandes fogões, com embutidos á Luiz XV, cortinas de velludo en-

carnado escuro para a sala, pelles e arminhos. Sim, quero pelles como estas.»

«Manette viverá comsigo não é verdade?» interrogou Paulina.

«Não me parece que o marido consinta n'isso. Manette vae casar e disse-me que lhe contasse tudo.»

Contou-lhe então tudo que havia a contar a respeito do namoro de Manette.

«Foi Manette que quiz que se fizesse o casamento quando as folhas começam a despontar e as aves a voltarem, acrescentou elle alegremente; vé porque é que ella não pode ir viver commigo no meu velho castello? Não, elle lá está, uma esplendida moradia digna de um principe, e eu terei de lá viver só, a não ser que. . .»

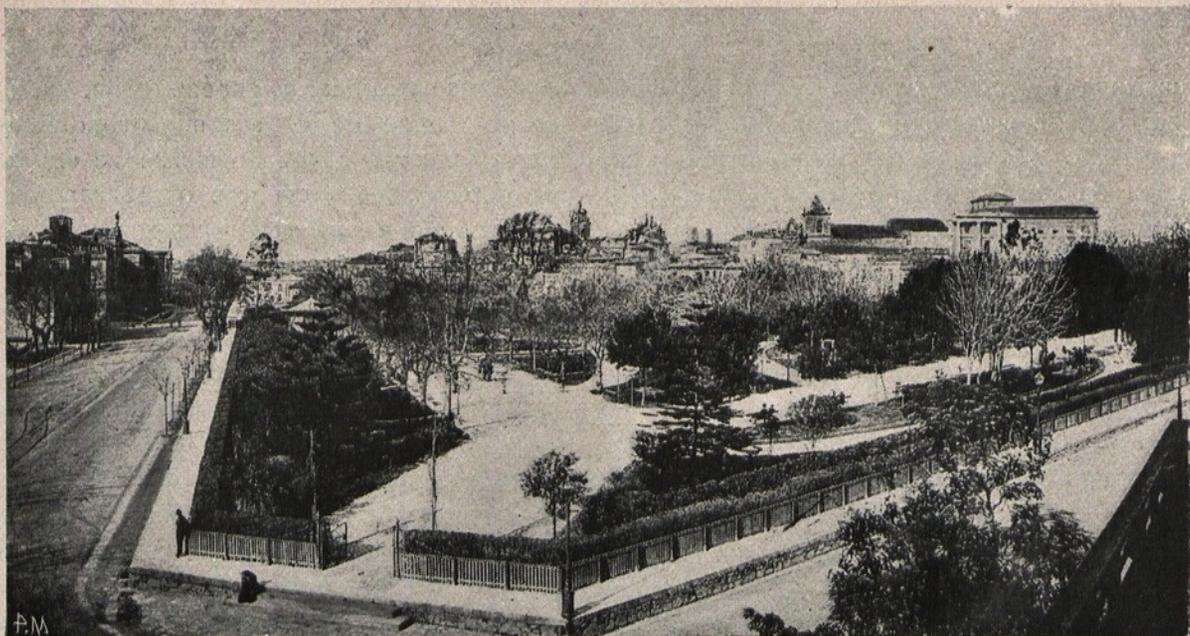
Os seus olhos tornaram-se a encontrar, e antes que ella confusa podesse desviar o olhar, elle teve tempo de lhe ler nos olhos o que lhe ia n'alma. «Mas ainda faltam dois mezes para a primavera, disse elle.»

«Para a primavera?» interrogou ella intrigada, mas quasi com medo de falar.

«Sim, vou para a minha casa nova quando Manette fôr para a sua. . . na primavera. — E não irei sósinho se. . .» De novo os seus olhos se confundiram, mas ella levantou-se precipitadamente estendendo-lhe a mão: «Boa noite.»

«Está bem, amanhã lhe direi o resto — respondeu — amanhã, sim, quando a noite estiver assim tranquilla como n'este momento, illuminada pela luz serena das estrellas. O meu lar será como este. Não acha, Paulina!»

Essa noite a mãe indiana fez assim a sua prece ao Sol: «Oh! Grande Espirito, eu te dou graças pelo balsamo que derramaste no meu coração. Protege a minha filha, oh! Sol. no seu lar longiquo ao lado do seu marido da raça que ella ama. Oh! Grande Espirito protege-me tambem no meu isolamento quando voltar para as cabanas do meu povo; porque não terei commigo a minha filha e não poderei ouvir a voz do meu homem. Dá-me um Remedio, oh! Sol Oh! Grande Pae, para que nos meus sonhos possa ver meu marido vindo d'além dos montes a buscar-me outra vez!»



JARDIM DA CORDOARIA

*Construido no Campo onde se fizeram as execuções dos cabeças de motim
contra a Companhia dos Vinhos do Porto*

O VINHO DO PORTO

II

Um motim ha 200 annos.— Repressão dos amotinados: processo que dura 5 mezes, julgando 478 pessoas.— Sentenças da Alçada especial.— Devassas mandadas ao Douro.— A «preferencia» das adêgas.— Uma expedição nocturna: arietes de nova especie.— Fraudes e abusos varios.— Toneis em «estado interessante», etc., etc.



OMEÇAREMOS este segundo artigo referindo, embora a largos traços, o famoso motim do Porto (ou antes dos taberneiros e prejudicados nos seus conluios e fraudes) contra a Companhia dos Vinhos. Como, pelo privilegio concedido á Companhia, do exclusivo da venda de vinho atabernado, se julgassem (e não só julgassem mas sentissem) lesados os taberneiros do Porto e Gaya, inhibidos de proseguirem na venda do vinho a retalho, e, portanto, de realisarem os lucros provenientes, principalmente, da agua com que *refrescavam* as pipas, levantou-se esse motim, que ficou memoravel, sobretudo pelo

modo como foram punidos os cabeças, mais ou menos provaveis, do levantamento. Era uma quarta feira de Cinza, 23 de fevereiro de 1757. Os taberneiros congregados para o protesto contra aquelle privilegio, juntos á populaça, que sempre acompanha todas as manifestações de rebellião contra os poderes constituídos, reunindo-se no Campo da Cordoaria, onde é hoje o jardim, pelas 9 horas da manhã, desceram d'ahi, em grita, para o largo fronteiro ao convento de S. Domingos, onde morava o Juiz do Povo, e entrando em casa do pobre funcionario, que se achava doente na cama, d'ella o arrancaram para uma cadeirinha, que alguns exaltados foram buscar ali perto, á

rua Nova, levando-o «em charola» até á rua Chã, onde morava o Regedor das Justiças. Entretanto o rapazio havia-se dirigido ás torres da Misericordia e da Sé, e fazia ahi tanger os sinos a rebate para que o motim mais augmentasse. Passava de 500 pessoas a turba que rodeava a cadeirinha do Juiz do Povo quando chegou em frente á casa do Regedor das Justiças. Os gritos de *Viva o Povo!* e de *Morra a Companhia!* atroavam os ares. Era já uma rebellião em fórma, e respeitavel pela decisão de que todos se mostravam possuidos. O Juiz do Povo, sahindo da cadeirinha, e levado nos braços de alguns populares, subiu a casa do magistrado, cujo nome era Bernardo Duarte de Figueiredo, e cujo cargo official era o de Corregedor do Crime Privilegiado de Primeira Vara; e, em nome dos amotinados, leu uma representação, elaborada por Nicolau da Costa Araujo, em que se pedia a extincção da Companhia e a liberdade da venda do vinho no Porto e seus arredores. Debalde se esforçou o Corregedor em fazer comprehender que não tinha poderes para derogar um decreto real, nem da sua competencia era acceitar a representação, pois não desejava incorrer em um crime de lesa-magestade, como ao tempo eram consideradas as rebelliões, havendo todavia chronistas que referem ter elle, no intuito de apasiguar de momento o conflicto, declarado que socegassem e que cada um comprasse e vendesse o vinho onde lhe aprouvesse. Não é isto crível, porque, a ter dito tal, decerto teria sido incluído na devassa que se seguiu, e severamente castigado. D'ali seguiu a multidão, aos gritos de *morra!* para casa do provedor da Companhia, Luiz Belleza de Andrade, que uns dizem morava na mesma rua Chã, e outros na rua Nova, e, assaltando-lhe a habitação, despedaçaram-lhe toda a mobilia, e rasgaram e queimaram quantos papeis encontraram em casa, lançando tudo, pelas janellas, para a rua, onde foi feita uma fogueira com todos esses destroços, não sendo elle victima por se haver retirado a tempo, quando viu o *caso mal parado!* . . .

Com estas violencias terminaram as furias dos amotinados, de modo que pouco depois se realisava, com toda a tranquillidade, a procissão de Cinza, da Ordem Terceira de S. Francisco, como se nada de anormal houvesse succedido.

O caso não ficaria, porém, assim, que não era o Conde de Oeiras ministro que deixasse passar á revelia o mais leve desacato ás determinações em que o soberano houvesse posto a sua regia assignatura, tanto mais que tinha razões para crer, e alguns escriptores não deixam de asseveral-o, haver sido o motim instigado pelos negociantes para corrigir os abusos dos quaes fôra creada a Companhia. Sabendo-se quanta era a sua aversão aos estrangeiros que procuravam entrar o desenvolvimento das industrias e do commercio nacionaes, melhor se comprehenderá como tudo dispoz para dar um exemplo de correctivo energico aos que, desrespeitando a lei destinada a proteger uma das fontes de riqueza dos naturaes, indirecta, e talvez inconscientemente, serviam os interesses dos estranhos em detrimento dos seus.

Uma Alçada especial foi mandada ao Porto, com poderes discricionarios, tanto no civil como no militar, sendo escolhido para presidil-a o desembargador João Pacheco Pereira de Vasconcellos, tendo como secretario e adjunto seu filho, José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. A Alçada fez-se acompanhar de um destacamento de cavallaria de Chaves, e de mais tres regimentos — dragões de Aveiro, infantaria do Minho e infantaria de Traz-os-Montes. Com estas forças se estabeleceu um cerco, impedindo que alguém entrasse ou sahisse da cidade, sendo todos os officiaes e soldados aboletados pelas casas dos moradores, com a obrigação d'estes os sustentarem, e sendo os seus soldos e munições tudo pago por uma contribuição especial, que ia abranger principalmente os suppostos poderosos instigadores do motim, embora abrangesse tambem todos os que n'elle nem haviam sequer entrado. Uma determinação especial recomendava, que «nos locaes onde se presumisse morarem os instigadores ou agitadores, ahi fossem os aboletamentos duplos, para ser mais pesada para esses a contribuição».

Os trabalhos da Alçada levaram cinco mezes, enchendo-se o castello e os carceres da cidade, de presos de ambos os sexos, visto que no motim se haviam salientado diversas mulheres, de melhor ou peor nota. Foram accusadas e julgadas 478 pessoas, muitas das quaes obtiveram a liberdade por não se lhes conhecer culpa; e ouviram-se

os depoimentos de 250 testemunhas. O primeiro a ser preso foi o Juiz do Povo, sendo exautorado em publico, na praça da cidade, tirando-se-lhe ahi a vara das mãos, e partindo-a em pedaços, e arrancando-se-lhe a cabelleira para lhe baterem com ella na cara.

A 11 de outubro foi proferida a sentença condemnando á morte, na forca, o dito Juiz

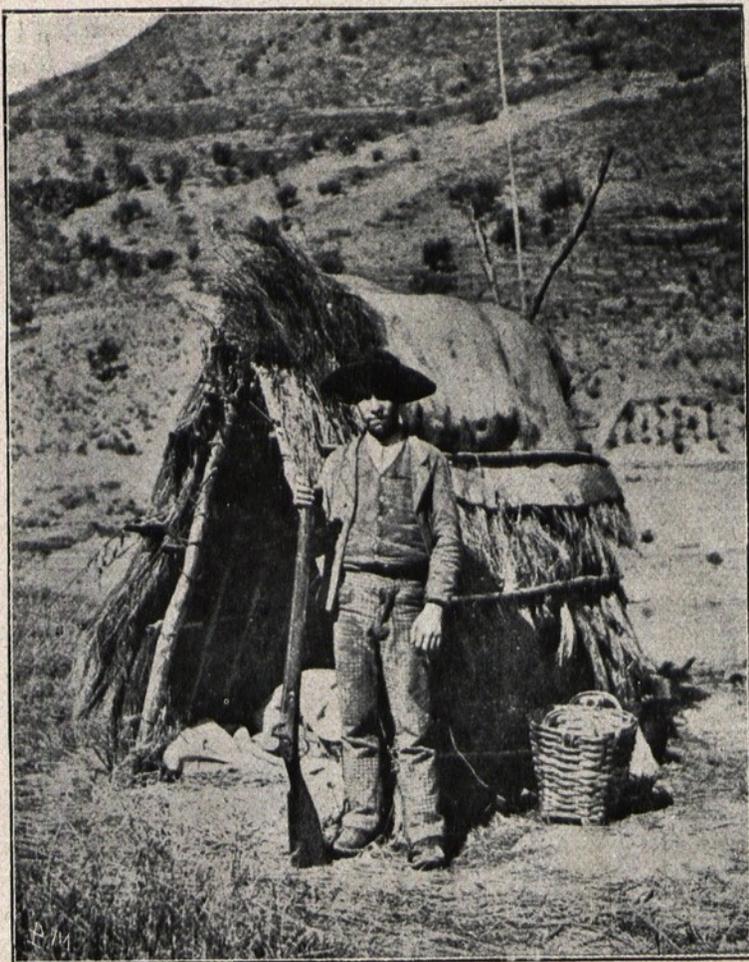
do Povo, José Fernandes da Silva; Caetano Moreira; José Antonio de Beça; Domingos Nunes Botelho; Filippe Lopes de Araujo; Thomaz Pinto; Balthazar Nogueira; Marcos Varellas; José Rodrigues, o *Grande*; João Francisco, o *Mourão*; Manoel da Costa, sargento da guarnição; José Pinto de Azevedo, e Antonio de Sousa, o *Negres*, soldados; Michaela Quiteria, mulher de Caetano Moreira; Maria Pinto, mulher de Antonio de Sousa; Anna Joaquina, mulher de Antonio de Sá; Paschoa Angelica, filha de Thomaz Pinto; e ainda uma mulher do povo, por alcunha a *Estrellada*.

A pena de açoites e confiscação de metade dos seus bens foram condemnados 26 homens; a pena de açoites e degredo para Angola, e confiscação de metade dos bens, 8 homens e 9 mulheres; a pena de degredo, sem açoites, e confiscação, 3 homens e 1 mulher; a degredo para Mazagão e confiscação da terça parte dos bens, 9 ho-

mens; a degredo para Castro Marim e multa, 3 homens; a degredo para Castro Marim, e confiscação da quarta parte dos bens, 9 mulheres; a degredo para Africa e confiscação da quarta parte dos bens, 22 homens; a degredo para fóra dá comarca e confiscação da quinta parte dos bens, 56 homens e 5 mulheres; a 6 mezes de prisão e varias multas, 54 homens e 9 mulheres; e condemnados a

presenciar as execuções de pena ultima, 17 garotos dos que haviam andado no tumulto.

Excepção feita da *Estrellada*, por se achar grávida, todos os restantes condemnados á morte foram executados a 14 de outubro, no Campo da Cordoaria, considerado local do delicto por ahi ter sido feito o ajuntamento. Aquella mulher esperou quatro mezes pelo supplicio, e logo que ficou desembaraçada, subiu tam-



NO ALTO DOURO

Um guarda das vinhas, junto da sua cabana

bem ao patibulo, cumprindo-se d'esse modo a sentença tão integralmente como fóra ditada.

Não foi a famosa Alçada do Porto a unica a que deu origem o vinho da Companhia.

Com effeito outras houve, não funcionando no Porto, como aquella, mas passando por ali em direcção ao Douro, para averiguarem e castigarem os crimes de lesapureza dos vinhos d'aquellas regiões, em virtude de queixas varias contra determi-

nados abusos. Ficou famosa uma, á qual vamos alludir antes de mais nada.

Em 1771, recebendo o governo denuncia de que no Douro se haviam feito introduções de vinho de *ramo*, no districto do de embarque, o que era prohibido, ordenou uma devassa, com Alçada e auxilio de tropa, ficando incriminados diversos lavradores dos mais ricos e notaveis ao tempo, sendo presos e conduzidos para a Relação do Porto, onde veiu a fallecer um, o dr. José Antonio de Sousa Faria, natural de Santa Maria da Oliveira, do termo de Mezão Frio, 24 horas depois de ter dado entrada n'aquella prisão. A devassa durou tres annos, mas as sentenças nunca appareceram; sendo todavia arrazadas algumas adéguas e lagares, que por estarem proximos da demarcação do vinho de *ramo* podiam facilmente prestar-se á fraudulenta introducção d'esse vinho para misturar com o de embarque, cujo credito era necessario erguer acima de toda a suspeita.

Como sempre, e em toda a parte, uns abusos chamam outros, dos abusos dos assambarcadores e negociantes de má fé, nasceram os abusos dos lavradores, como dos d'estes, a pretexto de execução das providencias governativas, nasceram os abusos dos executores das leis e regulamentos, e dos empregados da Companhia, commissarios, provadores, tomadores de adegas, etc. De todos esses abusos correm memorias impressas, que não extractamos para não alongar demasiadamente este artigo, limitando-nos apenas a referir alguns que nos consta se deram.

Alguns lavradores de vinhos ordinarios conseguiram que os provadores da Companhia os reputassem e marcassem como superfinos por meio de avultados presentes aos mesmos provadores, como — urnas de prata para serviço de chá, do valor de 300000 réis, cartuchos de 100 moedas, rolos de panno de linho atados com cordões de ouro, etc.—, como vem referido por Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, na sua *Memoria historica e analytica sobre a Companhia dos Vinhos* (Lisboa, 1833).

Uma vez a casa ingleza do Porto, Clamouse Browne, disputou uma preferencia de certa adéga, mandando guardai-a por um

valentão chamado José dos Santos, com outros homens armados de bacamartes e espingardas; mas a Companhia, que soube do intento, e porque a referida adéga lhe convinha, mandou outro valentão, um frade capucho, natural de Moledo, commandando um verdadeiro exercito, com pistolas, bacamartes e outras armas. Não se deu a lucta que era de temer, porque os valentões respeitavam-se um ao outro e convencionaram pregar na porta da adéga cada qual o seu escripto, com a respectiva legenda, a saber: *Preferencia para a Companhia — Preferencia para Clamouse*. Para decidir depois a contenda instaurou-se processo, sendo preso o commissario da casa Clamouse, de nome Antonio Ignacio, que esteve durante alguns mezes na Relação do Porto, em razão de ter «peitado homens armados com armas prohibidas», quando era certo que tambem a Companhia, ou o seu commissario, peitára outros. Afinal a casa Clamouse perdeu a demanda.

Algumas vezes fazia a Companhia despejar adegas á viva força, sem que os seus commissarios se prendessem com formalidades. A alludida *Memoria historica e analytica* conta-nos ter a Junta da Companhia, em determinado anno, mandado ordem escripta ao seu commissario, Antonio Moreira de Carvalho, para que fizesse, sem demora, carregar e embarcar o vinho de nove adéguas, que iam apontadas na ordem, e fez seguir logo 12 barcos grandes para a foz do rio Pinhão. Aquelle commissario juntou mais de 100 carros e grande multidão de carregadores, preparados com todos os utensilios necessarios, dando-lhes ordens para estarem promptos, á sua voz, logo ao principio da noite. De noite partiu a expedição referida, e chegando á quinta de Val-de-Figueira ahi atacou a adéga de José Pinheiro d'Azevedo. Ao nome da Companhia e dada a *voz de preferencia*, appareceu o caseiro, estremunhado, a uma janella para dizer que ficava sabedor d'essa preferencia. A malta intimou-o logo a abrir a adéga para se começar o carregamento do vinho. Como o caseiro respondesse não ter a chave em seu poder, mas que a mandaria buscar, retorquiu-lhe o commissario que não havia tempo para espéras, e mandando virar dois carros bateu as portas com esses arietes de nova invenção; aquellas foram arromba-

das e a carregação do vinho fez-se. Como as torneiras dos toneis não dessem vasão ao vinho armazenado, com a presteza que se requeria, em cada tonél foram feitos tres grandes buracos, com um trado, e assim se enchiam quatro canecos ao mesmo tempo. D'este modo, tanto essa adéga como as oito restantes estavam carregadas pelo meio dia immediato, e poude o deputado da Junta da Companhia provar esse vinho ao jantar das 3 horas, na Regua.

O que é certo, repetimos, é que, com todos estes abusos e muitos outros que não mencionamos, a Companhia prestou incontestaveis serviços ao Douro; sendo o proprio Ferreira Girão que, no seu livro já citado, refere ter visto «jogar a chapa aos jornalheiros da sua quinta, com peças de ouro de 67400 réis cada uma, não havendo prata sufficiente para trocar o muito ouro do paiz, e dando-se 240 réis de

premio a quem trocava uma d'essas peças para se fazer a feria aos trabalhadores». Mais nos diz que se viam todos os dias «passeiar por entre as vinhas ranchos de senhoras tão asseadas como se fossem para o theatro de S Carlos, trajando vestidos de seda e caças da India bordadas a ouro». Isto devia ser certo, porque no Douro fizeram-se

fortunas colossaes que davam margem para isso tudo.

Não deixa de ser curioso conhecer-se a



ANTIGO PALACIO DA VIUVA NAVARRO, NA RUA DE ENTRE-PAREDES, NO PORTO
Séde da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

origem de um cargo creado na Companhia dos Vinhos, com a designação de *Esquiça*, que era um empregado auxiliar dos provedores officiaes nas visitas ás adégas. A origem d'esse cargo foi a seguinte: n'uma freguezia qualquer, que não é citada, houve um padre que tinha o seu tonél de vinho, e dando-o á prova foi achado tão doce e agra-

davel de paladar, e com uma tal fragancia como só costumava apparecer nos vinhos creados a pequena distancia da corrente do Douro, e não na dita freguezia. O provador da Companhia, admirado de tal raridade n'um local tão alto, ficou, por momentos, pensativo, até que disse a um dos chamados *môços do copo*: «Fura-me esse tonél por outra parte». E viu-se então sahir um vinho frouxo, descorado e sem nenhuma das qualidades do que fôra dado á prova. Averiguou-se logo que dentro do tonél de vinho ordinario havia o alludido padre feito introduzir um pequeno barril de tres canadas, contendo vinho magnifico, em correspondencia com a torneira por meio de um tubo, para assim ludibriar o provador, impingindo-lhe *gato por lebre!* Desde então, para prevenir fraudes identicas, creou-se o *Esquiça*, portador de uma algalia de metal, «de perto de uma braça de comprimento», com a qual examinava os toneis para se assegurar de que elles não estavam... no seu *estado interessante!*

A proposito de provadores de vinho tambem se conta que uma vez, em Penaguião, certo lavrador tinha a sua adéga cheia de vinho muito bom, mas não lhe deitou aguardente alguma, nem presenteou o provador, como era costume. Este veiu, provou o vinho e disse para o caseiro: «A massa d'este vinho é boa, mas o sr. F. não lhe sabe deitar agua-ardente, e por isso estragou-o.» E toda a adéga foi rejeitada. No anno seguinte, tendo o lavrador comprehendido onde o provador queria chegar, mandou-lhe, antes da prova, uma peça de panno de linho finissimo, atada com dois cordões de ouro. O provador, quando veiu á adéga, disse então ao

caseiro: «Ah! Este anno sim; a agua-ardente foi muito bem deitada, e diz aqui ás mil maravilhas.» E classificou o vinho, que nem o cheiro da agua-ardente havia sentido, como de 1.^a qualidade para embarque!

Isto dava-se com empregados subalternos, como eram os provadores; mas parece que não deixava de succeder coisa parecida com os de mais alta categoria, os juizes conservadores, por exemplo. No opusculo impresso em Londres, que já citámos, refere-se o caso de certo introductor de vinhos de Penafiel, ou suas visinhanças, que dava todos os annos 100 moedas ao conservador, para não sahir culpado d'essa introducção na devassa a que o referido juiz presidia. Em um anno qualquer, o escandalo da introducção fraudulenta, de vinho inferior, no districto de 1.^a qualidade, foi tal e tão grande, que a justiça *tornou-se inflexivel* e não quiz receber as costumadas 100 moedas. Ferveram os empenhos, mas o conservador a todos desattendeu. Houve então alguém, de bom juizo e melhor humor, que lembrou aos interessados na salvacão do traficante, que o *dobrar a parada* seria talvez o meio de vencer os escrupulos do magistrado... E lembrou bem, porque o conservador não resistiu ás 200 moedas, e o homem não appareceu culpado! Lá vem isto, em nota, no alludido opusculo, a paginas 33 e 34. O que não nos explica é se, nos annos subsequentes, o livramento da devassa foi pago pelo primeiro ou pelo uítimo preço...

O mais que ha ainda a referir ficará para um terceiro e ultimo artigo.

ALBERTO BESSA.





LAGO MAGGIORE — ILHA DOS PESCADORES — UM ASPECTO

A LENDA DAS TRES ONDINAS

Do Lago Maggiore

(Excerpto do proximo livro de Justino de Montalvão: «Italia coroada de rosas»)

I

Perto de Pallanza, de repente, n'uma volta do caminho, a terra verde entreabre-se sobre o azul da agua e do ceu. E os olhos avistam em extase, para nunca mais a esquecer, a paisagem do Lago Maggiore, que os poetas teem cantado como uma das mais bellas do mundo.

N'uma manhã de maio de 1864, ao voltar da sua peregrinação atravez de toda esta Italia que tanto seduziu sempre as imaginações estheticas, Taine escreveu: «Se eu tivesse de escolher uma casa de campo, seria aqui.»

Tal foi tambem a minha primeira impressão.

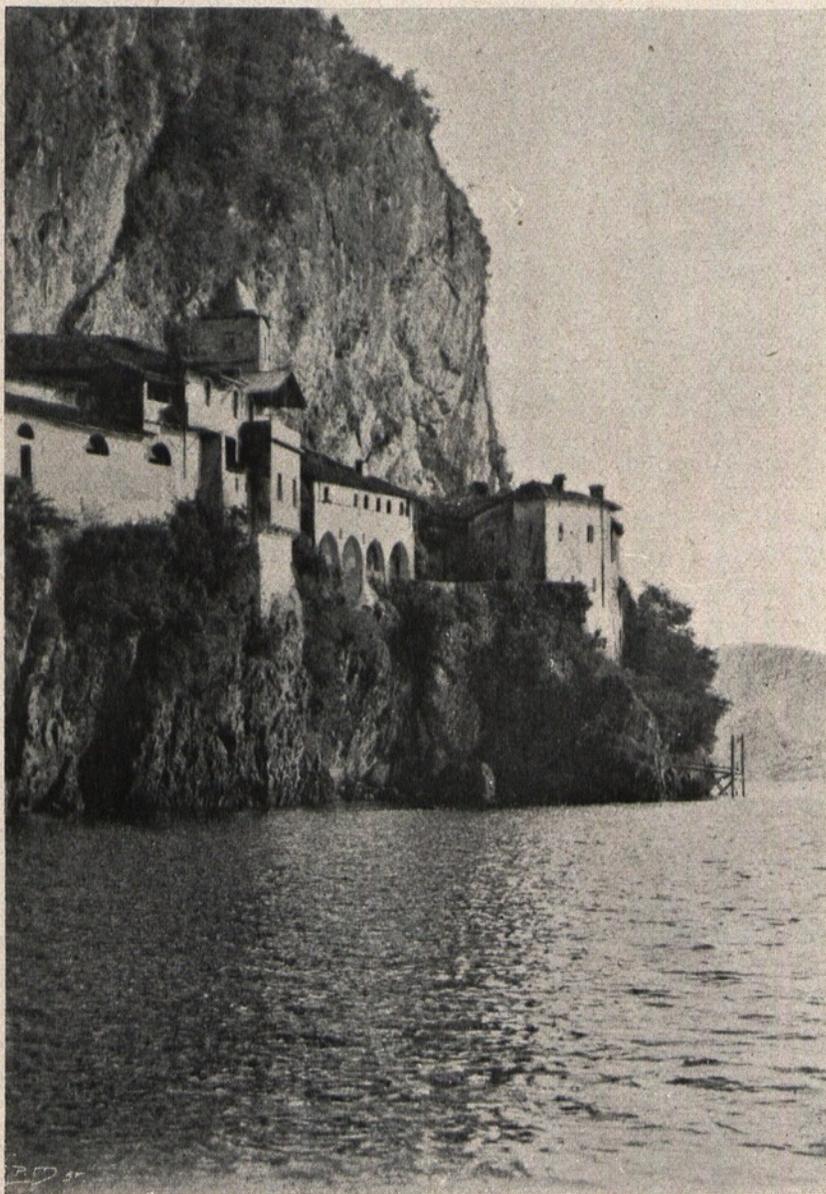
A' magestade da natureza do norte,

junte-se a graça voluptuosa da natureza do sul, para formar um quadro de caracter unico. A luz, a agua, o ceu, as montanhas e os valles fundem-se n'uma diversidade de tintas e aspectos, cuja alliança é uma harmonia perfeita.

Circundando o horizonte n'uma cordilheira, cujas cristas argenteas de neve eterna, descrevem longas curvas irregulares, as altas collinas descem até á agua que as reflecte n'uma doçura infinita de tons ultramarinos. Nas margens fertes, d'um verde viçoso, povoações esparsas rutilam, brancas sob os telhados vermelhos, entre o azul do lago e o azul do ar. Villas silenciosas, de claros perystilos engrinaldadas de vides e roseiras, alongam até á margem os seus jardins em terraços sobrepostos. E tudo pa-

rece vibrar, arder em clarões de apotheose, no deslumbramento d'esta atmosphaera de saphyra e oiro, como se no ceu se vaporissem esmaltes.

Oh! que esplendor divino n'esse azul que não tem par em nenhum ceu ou lago, tão



SANTA CATHARINA DEL SASSO

vivo que a principio offusca, mas para logo se harmonisar com a paysagem de que é a expressão suprema — como a luz e a côr do olhar o são d'um rosto.

Por toda a parte a agua vive, freme, lampeja, espelhando, reverberando a luz ardente. O ceu puro parece d'agua limpida. Não se sabe qual dos dois elementos é mais transparente e mais fluido. Para qualquer

ponto que me volte, é uma feéria de verdes claros, d'azues rutilantes, de relampagos de prata, de frémitos doirados, de espelhamentos de crystal irizado, n'uma festa triumphal de côr para os meus olhos, que sob os ceus cinzentos de Paris, tantas saudades tinham

d'esta kermesse sensual dos climas meridionaes. As sombras são violaceas. As pedras têm tons fulvos. Perto das margens, a agua toma reflexos d'ametysta e d'esmeralda. E n'esta prodigiosa luz que faz destacar os contornos com um vigor maior sobre o ceu de cobalto, as coisas revestem côres mais intensas, relevos mais fortes. As casas das aldeias parecem aguadas a carmim. Borboletas tremem sobre as folhagens metalicas dos laranjaes, como chammias. Os pardieiros mais velhos, de cascalho secco e tignano, parecem pintados alli, sob latadas, por um pintor impressionista. Uma revoada de rôlas bate as azas, como uma geada de prata, sobre um velho campanilho côr d'ocre, do alto do qual um apostolo de bronze abençôa os pescadores, com a mão estendida, e cujos sinos repicam no ar de crystal nitido, n'um carrilhão alegre e festivo que ora se accelera, ora se espaça, espargindo os campos d'uma chuva de sons. O trilar dos passaros, que agora parecem mais

numerosos, vibra n'um *allegro* mais musical, como se cantassem ainda, nos poemas d'Horacio e de Ovidio, os espasmos das hymadriades, sob as caricias dos aegipans victoriosos. E tudo ri, tudo canta na alegria da natureza fecunda. Os cemiterios parecem pomares. Sobre um tumulo, vejo uma latada cheia de cachos. N'um d'esses povoados de nomes risonhos e cantantes como pregões, Baveno,

Canobbio ou Streza, não sei qual, uma chaminé de fabrica sobe toda florida de trepadeiras. E que harmonia lyrica nas vozes de todas essas creaturas do campo, tostadas pelo sol, d'olhos avelludados e amorosos. N'uma estação, Lesa, só no nome parecida com a minha cinzenta Leça, ouço um rapaz esbelto como um gladiador apre-goar: «*Vino bianco!*» E esta simples phrase, tão banal, canta melodiosamente no ouvido como um verso, entre as vozes guturaes e duras dos viajantes allemães, inglezes, escandinavos, russos e francezes, que discutem o preço dos lindos *fiascos* empalhados, de longo tubo esguio, cheios do vinho generoso da Lombardia, que sabe a flores e faz as almas dos homens amorosas e luminosas, como as dos deuses.

Assim á entrada, para logo seduzir os que chegam das terras sombrias e geladas do Norte, este voluptuoso lago lombardo é, na verdade, a symphonia transcendente d'essa opera da Sublime Belleza, que a Italia canta ás almas rudes e seccas dos Barbaros que vêm conquistal-a — e que ella acaba sempre por conquistar.

II

Isola Madre! Isola Bella! Isola dei Pescatori!

Atravez das folhagens dos laranjaes e dos pomares que marginam o Lago Maggiore, as Ilhas Borromeas surgem das aguas sintillantes, como n'um sonho oriental.

O verde milagre florido da sua apparição é tão extasiante, que a principio as imaginamos chymericas, feitas de miragem, no deslumbramento d'aquella luz elysea que tudo irrealisa.

A mais sumptuosa é a Isola Madre, com os terraços suspensos, coroados por um velho palacio cór de rosa, a que as janellas sempre fechadas dão um ar lendario de novella, e que apenas habitam, romanticos fantasmas empoados, as figuras silenciosas



ILHA DOS PESCADORES — OUTRO ASPECTO

e sempre empertigadas das telas ancestraes.

Ha duzentos e cincoenta annos que jardineiros de genio alli têm aclimado a flora das cinco partes do mundo, desde o papyros sagrado do Egypto, ao cypreste hieratico do Himalaia, e da arvore de papel da China á andromeda da Ilha Formosa.

Nenhum ruido da existencia tumultuaria chega áquella ilha encantada. Apenas lá



ILHA BELLA

vive um velho guarda que o isolamento e a solidão de certo fizeram poeta ou santo; e os pavões que pelas aleas lentamente passam, abrindo as caudas heraldicas e flammejantes, como nos quadros do Veronezo.

Toda decorada de porticos, estatuas, obeliscos, cascatas, grutas de conchas e deuses marinhos, com um castello d'opera sobre os sete terraços abobadados, a Isola Bella é toda gorgear de passaros e fontes, ao poente, a reflectir-se no fundo da agua luminosa, como as miragens.

Sobre um ilheu de rochedos chatos, os Castelli di Cannero esboroam as suas muralhas em ruinas, á tona do lago.

E a mais pittoresca de todas, para mim, é talvez, na sua rustica humildade, a Isola dei Pescatori, com as pequenas casas pobres de varandas de pau, enramadas de trepadeiras e trapos de côres, á volta do campanario agudo, e toda rodeada d'um enxame de barcos toldados como os *rabellos*, desfraldando as grandes velas com a *Madona* pintada a vermelho.

Foi nas Ilhas Borrromeas que Rousseau pensou em desenrolar os episodios da «Nova Heloisa». Nenhum scenario parece realmente mais talhado pela natureza para um poema ou para um romance.

Ha certos logares da terra que nos pren-

dem com uma seducção tão intensa como um bello amor, e que nunca se deixam sem a promessa de lá vivermos, mais tarde, como n'um Eldorado.

Esta paysagem tão lyricamente elegiaca, á beira d'agua, é para mim uma d'essas. Durante as horas que lá passei, o meu unico desejo era ficar alli, sem ir mais longe, encantado por aquella harmonia de tons e de linhas, deixando pairar a alma esquecida do passado e do futuro, na contemplação absorta d'aquelle espelhamento multiplo das vagas luzindo atravez das folhagens, no esplendor sereno da luz doirada.

Não sei que mysterioso atavismo, inconsciente e profundo, nas raizes do meu ser, attrae sempre para a Agua a minha alma nascida nos Montes. Por mais celebrada, uma paysagem parece-me incompleta, se ella a não anima com a sua vida multiforme.

Sempre que avisto um rio, um lago, ou o mar, o meu coração bate mais calmo e mais livre, como se a minha personalidade se dissolvesse, como se a agua me deshumanisasse, e minhas chymeras se transformassem nas pequenas ondas innumeraveis e ephemerias que pacificamente vêm morrer nas margens, depois de reflectir as nuvens e as azas.

Uma paz infinita embala-me o coração farto de soffrer e d'aspirar, sem encontrar nunca, vagabundo eterno, o seu asylo n'um lar, tão depressa atraído como desenganado. Ficar alli, n'uma d'essas lindas *villas* tão calmas, entre arvoredos, junto d'estes lagos lombardos, ou n'um logarejo ignorado do Mediterraneo, vendo aos poentes fluctuar como chammas as velas dos navios que passam...

Quantas vezes tenho concebido puerilmente este sonho — sem me lembrar que os unicos sonhos verdadeiramente bellos são os que se não realisam nunca. A quantos tenho aspirado, e depois de os attingir, todos me parecem estereis, como aquelles fructos da lenda, que sob as cascas d'ouro só contém cinzas. E se no emtanto me perguntassem se a unica maneira de supportar a vida é esquecel-a, eu responderia ainda e sempre que a unica maneira de a supportar é viver-a. Viver-a intensamente, febrilmente, nas alegrias e nos prazeres, como nas dores e nas decepções: viver-a sob todas as fórmãs, espalhar a nossa alma pelo mundo, colher todas as sensações imprevisas no espectaculo sempre novo das coisas e dos seres.

Alma insaciada, ávida sempre de novos amores, de novas dôres, que importa!...

Sê como a agua, tua irmã, como a agua informe e transitoria, que reflecte as auroras e os poentes. Como a agua, egual ao desejo eterno e vario, como elle inquieta, cambiante, obscura, luminosa, errante, espelhando as nuvens e os astros, as arvores das margens e os caes das cidades antigas, vive e passa a desejar, a aspirar, até á morte!...

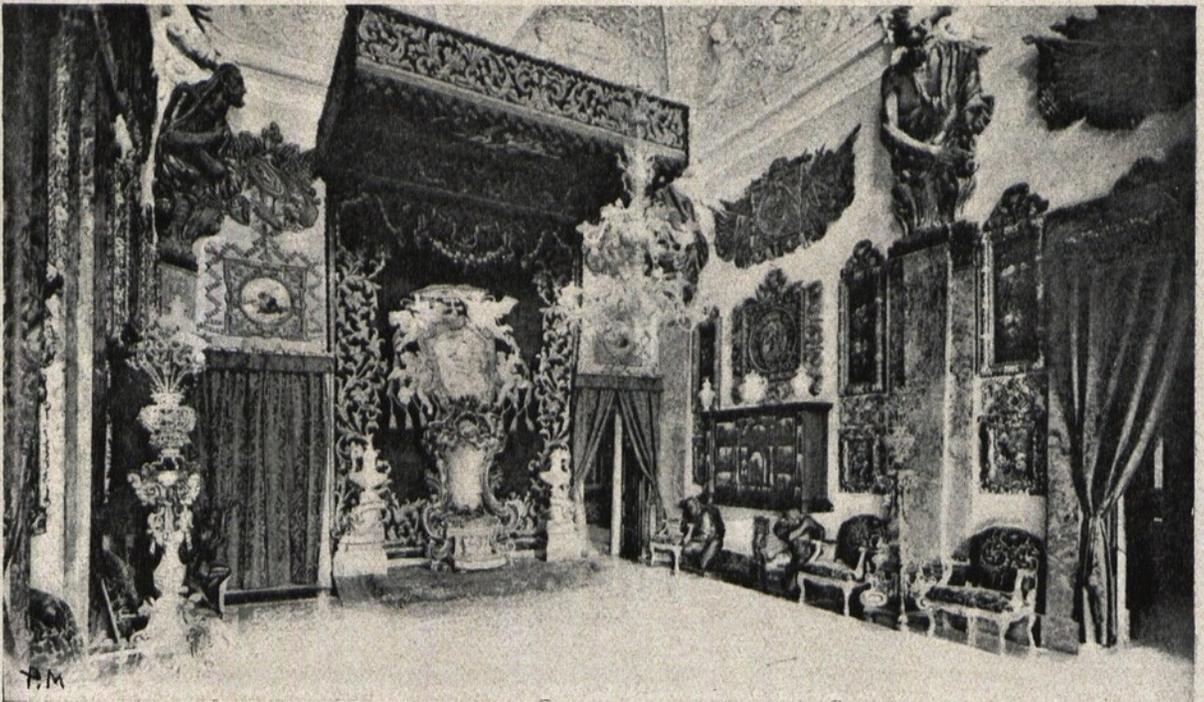
III

Isola Madre! Isola Bella! Isola dei Pescatori!...

Que inolvidavel sensação d'encanto, a da primeira vez em que ouvi, como n'um hymno lithurgico, cantar estes tres nomes, na voz d'emballo d'Aquella que nunca mais ouvirei!

Estações passaram. Já por tres vezes os jardins do Lago Maggiore floriram e murcharam. Outras terras, outros amores, por esse largo mundo, me attrairam e me desilludiram... E no emtanto, parece-me velas ainda, deante de nós dois, de pé no carro que nos levava para ellas, a surgirem das aguas d'esmeralda, como tres Ondinas de cabellos soltos, todos engrinaldados de algas e pedrarias...

Como tres Ondinas que, na era das lendas, Jupiter convertesse em rochedos.



SALA DO THRONO, NA ILHA BELLA

para as castigar talvez d'algum d'esses deliciosos pecados d'amor humano, que fazem o encanto do incomparavel poema das *Mil e uma noites* occidentaes, que é a Mythologia greco-latina.

Seculos e seculos, assim viveram no seu mudo somno, as tres irmãs aquaticas, em

E isoladas do mundo vivo, dos idyllios e das luctas dos homens, no meio das aguas frias, assim viviam as tres Ondinas encantadas, sem já ninguem saber sequer do seu doce e terrivel mysterio originario, a não ser porventura aquelles que ao morrerem d'amores, por uma noite de luar, iam des-



BAVENO — EGREJA DA VIA CRUCIS (A MAIS ANTIGA DO LAGO MAGGIORE)

negros penedos transfiguradas, suffocando no vivo coração encarcerado, a ancia amorosa e chymerica que as animára.

Lentamente, os homens antigos que tinham ouvido contar, nas primeiras tardes do mundo, a sua luminosa e tenebrosa historia, as foram esquecendo — como a tudo o que foi divino. Gerações nasceram, gerações morreram. O sol dos fulvos estios tisonou-as. A geada dos asperos invernos gelou-as. O tempo, que tudo endurece, ainda mais endureceu a sua dura pedra. Sobre a sua desolada esterilidade, em vão os ventos rapidos e as brizas ligeiras espalharam as sementes; as chuvas beneficas caíram; e as primaveras se demoraram, tentando reanimar-as com o seu halito aromal e aquecelas com o seu bafo creador. Em vão os passaros vieram procurar n'ellas uma arvore ou um beiral onde fizessem ninhos. Em vão os pescadores do lago, por todas ellas buscavam uma flôr, bem maninha e pobre que fosse, para levar ás suas *fidanzatas*.

vendar os segredos da outra vida, no fundo do lago...

Mas eis que um dia chegou (como nos contos de fadas) em que um principe da velha e mui nobre familia dos Borromeus, á qual as ilhas tinham cahido em suzerania, veiu emfim despertal-as d'aquelle somno millenario.

Oh! a linda historieta maravilhosa que eu ouvi uma noite, não sei se á propria nympha resuscitada, que desde então vive entre as flôres de Isolâ Bella, á semelhança das suas duas irmãs nas outras ilhas, — ou se em sonho, com o ouvido sobre o teu coração, oh! minha Emigrada, que como ellas tantos annos viveste com teu sonho petreficado pela magua no coração, que o meu desejo de vagabundo um dia fez acordar, para de novo partir aonde outro destino o chamava...

O lindo conto tão puerilmente poetico, que eu só deveria contar em versos, se soubesse compôl-os em rythmos harmoniosos

como os d'aquelle *Canto Novo*, de Gabriel d'Annunzio, que com tanta doçura triste me cantaste, atravez do teu nostalgico sorriso de Beatrix, nos jardins da *Punta Balbianella*, sobre o *Lago di Como*, uma certa tarde, em que as folhagens e as aguas, sob a luz dourada, em torno de ti, pareciam suspensas, á escuta!...

*...O fremiti freschi de l'acque
riscintillanti d'ambre e di topazî!*

*fremiti novi de li alberi su le colline
a l'alitare largo de'l maestral, vi sento*

*ne'l cuor palpitante, nei nervi, ne'l sangue, e una strofe
è ogni fremito, una divina strofe*

*che vola a l'immenso poema di tutte le cose.
Io — grida entro una voce — non sono io dunque un nume?*

Triste fado de quem não é poeta!...
Todo esse mundo encantado de coisas inviveis, que meia duzia de versos apenas bastam para conter e revelar — assim

d'esta espessa prosa, que só serve para modelar a vulgaridade das coisas materiaes.

E aquelle mesmo fluido esparso de evocação e nostalgia que fluctuava na doçura vespéral da hora fugidia, sobre as ondulações dos arvoredos e das aguas luminosas, na irrealidade da paysagem lacustre; e todo aquelle prestigio nobre que idealizava d'um ar de novella de cavallaria a figura d'esse principe que então concebi — como agora me parecem desvanecer-se e banalizar-se em torno da personalidade concreta d'este principe Vitalio Borromeu, que o meu «Baedeker» cita... e que não passava provavelmente, d'um cavalheiro bem mediocre e um pouco ridiculo... como toda a gente!

Mas que importa, oh! minha saudosa companheira, que esta lenda não existisse nunca senão na minha imaginação, inspirada por ti, uma tarde, á beira d'um lago, sem sequer precisares de m'a dizer em palavras?

Que importa a verdade? Pois não é o unico mundo real o que sonhamos?...



ILHA DOS PESCADORES — OUTRO ASPECTO

como meia duzia de gottas de perfume n'um frasco de crystal cinzelado, bastam para resumir e evocar todos os aromas esparcos das florestas e dos prados — milhares de linhas não chegam para o indicar sequer, sem lhe toldar o mysterio, no gesso

E poderia ser outro, senão um suave milagre d'amor, o que fez resuscitar as tres nymphas, depois de milhares de primaveras petrificadas: n'aquellas tres ilhas até então ermas e aridas, como as almas dos descrentes e dos abandonados?

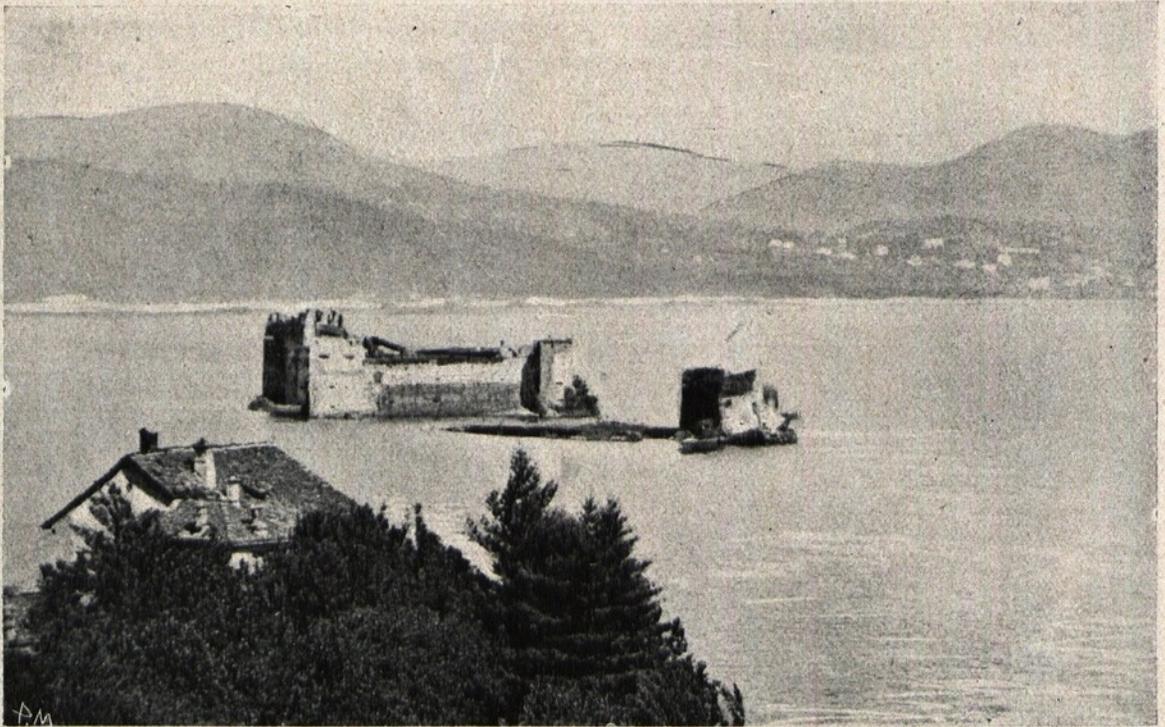
Elle foi assim, decerto, tal qual o imaginado, enamorado e moço e formoso, como os dos poemas e das operas, este principe chamado Vitalio, que n'uma clara manhã de maio, tão extaticamente luminosa como deviam ter sido as primeiras manhãs do Olympo, alli veiu trazido pela mão da Chymera, para abrigar os seus romanticos amores no meio das aguas confidentes, longe do mundo tumultuario.

E ella, a Eleita do seu desejo, como eu a vejo (á tua imagem e semelhança, oh!

comprehende o magnifico e perdulario capricho da paixão d'este principe Borromeu que, para lhe dar um decór de maravilha adequado, de estéreis penedos converteu as suas ilhas em jardins d'Armida.

Que importa o que dizem os guias fastidiosos e banaes?... Só um amor assim alto, para além da vida e da morte, mais forte que todas as leis dos homens e da propria natureza, poderia ter creado e realizado este sonho extraterreno!

Aquecidos pelo calor d'aquella paixão



CASTELLO DI CANNERO

meu amor d'outr'ora!) ethereamente gracil, muito loura, com um sorriso de tristeza tão meiga na pallidez lunar do rosto exangue, e os olhos tão videntes e extrahumanos, que as proprias coisas pareciam estremecer quando ella passava, pelo seu braço, ao longo das margens silenciosas...

Qual o seu nome, não sei. Mas juraria que ella é, decerto, aquella que n'um sumptuoso vestido florentino de brocado d'oiro, e vasado como o calice das tulypas reaes, dir-se-ia olhar por uma janella do outro mundo, na moldura desdourada d'um dos velhos quadros que pendem nos salões desertos do palacio senhorial.

Se ella assim foi, como o meu sonho

d'um principe poeta e d'uma princeza fada, tão sobrehumana como a que outr'ora exaltara e perdera as tres Ondinas, os negros penhascos que durante seculos e seculos as encarceravam, arfaram, estremeceram e fecundaram... Dos monticulos duros e redondos como os seus peitos, manou a vida occulta que as animara. O seu ventre de pedra desentranhou-se em plantas arfantes, emervas humidas, em flóres e em fructos, n'uma prodigiosa eclosão d'amor. Arvores brotaram, cresceram, ondearam ao vento, como as suas cabelleiras verdes. Aguas virgens jorraram dos olhos azues das nascentes, que eram talvez as torrentes de lagrimas tantas noites retidas nos seus corações

sempre vivos. Passaros alegres cantaram, que eram os risos das suas boccas até alli emudecidas. Rosas desabrocharam, por toda a parte, estrellando a terra, brancas, os seus sonhos; vermelhas, os seus desejos. E borboletas, que eram os seus pensamentos alados, pelo azul, encheram as ilhas d'uma palpitação aerea e luminosa...

.....
Nenhuns olhos mortaes viram ainda as tres nimphas resuscitadas. Nenhuns ouvidos humanos ouviram jamais ás suas vozes. Mas, a certas horas, pelas noites caladas e lunares em que o ar parece tremer, como uma carne lactea e setinea, ao menor movimento, e das sombras e das folhagens vem um aroma ardente que nos sobe á cabeça como um licór que entontece, só aquelles que não perceberam nunca o que ha para além da sua densa materia, não têm sentido

a sua presença invisivel, a sua presença mysteriosa.

E é por ellas lá reviverem, e de novo irradiarem o seu divino sortilegio, que dos quatro pontos cardeaes, mysteriosamente attraidos por um sonho mais bello que os humanos, aos pares, d'olhos extasiados, os noivos e os amantes vêm cada anno em romagem, a todo o vapor dos expressos e dos paquetes, á procura d'estas ilhas lombardas, onde o amor tem um encanto melhor que em nenhum outro logar da terra...

...E eis aqui, em dura prosa narrada, a lyrica Lenda das Tres Ondinas do Lago Maggiore, que uma d'ellas me inspirou, ou que eu mesmo sonhei porventura, uma noite, entre as flores de Isola Bella, ao adormecer com o ouvido á escuta sobre o teu coração, oh! meu amor d'outr'ora... depois de ter lido o «Baedeker».

JUSTINO DE MONTALVÃO.



O mais feliz

*Sempiterna ambição, desejo ardente,
Que os nossos corações trazes sujeitos,
Origem principal de tantos feitos,
Do mais vil que ser possa, ao mais ingente.*

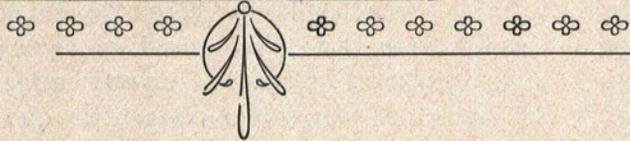
*E' difficil dizer seguramente,
Quando se attenta assim em teus effeitos,
Se mais virtudes tens, ou mais defeitos,
Se evitar te é ser fraco, ou ser prudente.*

*Se existe alguém que não deseje nada,
Por nunca ter podido achar seu norte,
E a quem toda a ambição seja vedada,*

*Esse é que deve abençoar a sorte,
Porque mais facil tem a dura estrada,
— Mais calma a vida e mais serena a morte.*

Celestino Soares.

JOÃO



AO ILL.^{MO} SR. EDUARDO DE NORONHA

I

Um sino vae lançando pelo espaço
As notas langorosas de matinas,
Tão limpidas no ar da madrugada
Que mais parecem de harpa merencoria
Vibrando solitaria nas alturas...
As cigarras accordam pelo campo
E vão uma por uma respondendo
A'quelle que primeiro viu a franja
Do astro purpurino e triumphante.
Na caricia da briza os vegetaes
Saccodem os seus ramos orvalhados
Da névoa que cahiu durante a noite.
Desfaz-se o nevoeiro pelo ar
E mostra de repente o céu azul
Sulcado pelos raios luminosos
Do sol que resplandece no infinito...
Alvorecêr de abril... Nessa manhã
João léva á egreja a namorada
E atravêz da estrada pittorêscas
Segue o cortêjo alegre e sorridente
Pondo uma nota viva na brancura
Da fita que serpeia pelo valle,
Até á capellinha, aonde espera
O cura, um bom velhito, ainda o mesmo
Que os baptisára outr'ora quando a voz
Era mais forte e o braço mais seguro
Para lançar com extremada uncção
O gesto que absolve e purifica...
João tem vinte annos e na face
Brinca, serêno, o riso da alegria...
Uma vêz, ao descêr até á aldeia,
Viu caminhar, ligeira, pela estrada
Maria, a rapariga que o seu peito,
Mesmo antes de a ter visto, já escolhéra...
Amou-a simplesmente e é por isso
Que segue pela estrada a companhia
Até á capellinha aonde espêra
O velho cura... João lançou á terra
A semente que vinga e que floresce...
João é bem feliz... — João semeou. —

II

Um sino vae lançando pelo espaço
Um dobre compungido de finados...
João tem trinta annos e na face
Já não lhe brinca o riso da alegria.
Emquanto a chuva cêe e tristemente
Vae cantando nos vidros das janellas,
Emquanto vae dobrando um sino ao longe,
Levam consigo uns homens descuidados
O corpo da vêlhinha, a sua mãe
Que Deus chamou emfim á Eternidade...
Vae sahindo esse corpo e devagar
Vão sahindo tambem recordações
A enterrar tambem na terra fria.
Quando elle sêe — meu Deus! — morreu de todo
A vida que com elle nós vivêmos,
Deixando-nos no peito torturado
A lembrança dos dias que não voltam...
Quando elle sêe — meu Deus! — fugiu, fugiu
A parte mais risonha d'uma vida:
E' como se vivêsse um desgraçado
Sem nunca têr infancia nem carinhos...
Quando elle sêe, mudou-se em noite escura
A luz que nos anima, allumiando
A esp'rança que floresce dentro em nós...
Se ha coisa bem terrivel na passagem
Que todos nós fazêmos pelo mundo,
E' esta, com certeza, que nos léva
O nosso coração amortalhado
No mesmo panno que o embrulha a elle!...
Meu Deus! Pobre João, pobre João!
Como é que vive ainda e cresce mais
A espiga que é dobrada pelo vento?
Como podem voar na immensidade
As aguias, contra o sôpro das procellas?
Os entes que povóam o Universo
Parecem procurar a robustez
Na propria dôr que os vae apoquentando!
João é desgraçado, João chôra
Mas fica-lhe ainda força p'ra vivêr...
João é só... — João amadureceu. —

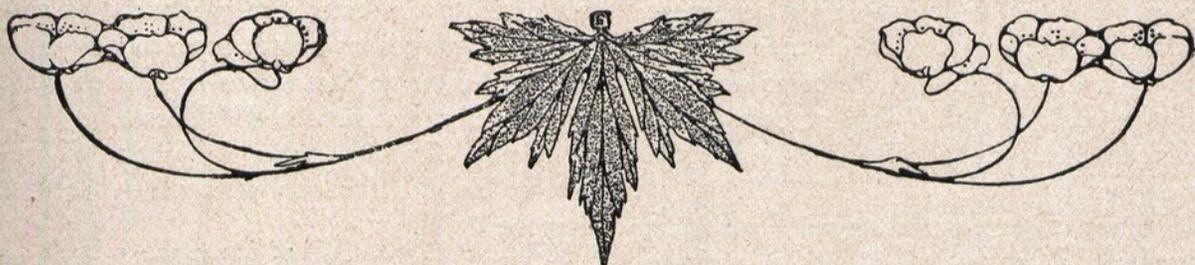
III

Um sino vae lançando pelo espaço
 Um repique festivo, uma alegria...
 E no calor pesado dessa tarde
 As notas espreguiçam-se no ar
 Tão lentas, tão cançadas que parecem
 Morrêr pela amplidão do céu azul...
 Cerca os campos em roda e o horisonte
 Uma auréola que disséreis feita
 De pó illuminado pelo sól.
 Os cães, ao longe, ladram pelas quintas
 E algum grito longinquo de pastor
 Vem perturbar — suave — a placidéz
 Das casas cujas portas entreabertas
 Deixam passar a luz, medrosamente.
 João tem quarenta annos e na face
 De novo lhe sorri a alegria.
 Vae baptisar o filho que lhe deu
 A esposa, a companheira d'uma vida,
 Trilha outra vez a estrada pittoresca
 Até á capellinha onde outro cura
 Ha-de tornar christão o pequenino
 Que meche os braços, agitadamente
 Numa alegria doida de vivêr...
 Segue o cortejo alegre e buliçoso
 Apenas mais cançado e com o péso
 Dos annos que passaram pela aldeia.
 Lá vão... pondo uma nota na brancura
 Da fita que serpeia pelo valle...
 João vae relembrando devagar
 Tristezas, alegrias que passáram.
 O mesmo sino que o casára a elle,
 Levára-lhê p'ra terra a velha mãe
 E de novo o chamava até á igreja
 A baptisar o filho — o seu amor...
 A vida é um tecido de emoções
 Que esconde a realidade ás almas puras.
 João sente que os olhos se lhe orvalham
 E ao elevar a Deus a sua vôz,
 Deixa a bocca sorrir por entre o pranto...
 João é bem feliz... — João colheu. —

IV

Um sino vae lançando pelo espaço
 Ave-Marias tristes e pesadas...
 Cae a tarde tão linda! Tão serêna!
 A natureza tem neste momento
 A magestade augusta e a belléza
 Que vêm das coisas grandes, simplesmente...
 Surgem no céu estrellas pequeninas
 — Mundos rolando pelo espaço em fóra —
 E nessa immensidade toda azul,
 Cortados pelo trillo das cigarras,
 Agitam-se impalpaveis, invisiveis
 Os sonhos que sonhamos devagar
 Na claridade dubia do poente...
 Em baixo, a massa escura do arvorêdo
 Cicia com a briza rumurosa...
 Nos ninhos, pelo chão, por entre o tójo
 O canto é mais agudo, é transparente;
 Ha trillos, ha mordentes, pizzicatos
 Que encham de harmonia a noite escura...
 E, quando num stacato tudo calda,
 E' mais nitida a vôz da ramaria
 — Arpejo grave de um violoncello... —
 João tem setenta annos e da face
 Fugiu-lhe ha muito tempo a juventude
 Deixando em cada anno uma saudade
 Com uma ruga a mais na fronte branca...
 Se ha paz por esse espaço sem limite,
 Tambem ella desceu e emfim se abriga
 No peito que palpita débilmente...
 E' tão velho João!... Pela janella
 Entram arômas penetrantes, finos
 E a branda aragem dessa noite linda
 Ondeia os seus cabellos branqueados...
 Elle olha vagamente em derredôr,
 Sorri ainda num sorriso triste...
 Uma lagrima rôla... Santamente
 Deixou pender a fronte encanecida
 E foi talvez errar por esse espaço
 Todo cheio de Luz e d'Harmonia...
 João não sente mais... — João morreu. —

MARIO D'ALMEIDA.





O punhal do Destino

CAPITULO I

O gatinho

Stepan Trofimitch estava á porta da sua choupana, a observar uma scena familiar com uns olhos meio tristes, meio turvos. No lado opposto da estrada erguia-se um muro de pedra, topetado por umas faias e uns amieiros, despidos de todo; através da aldeia de cabanas de madeira, cortava a direito uma estrada, péssima, sem curvas nem desvios, e com o leito entrecortado de pôças de agua gelada. Lá ao longe, por entre a floresta, numa elevação do terreno, uma mole architectonica negra e alterosa, campando de encontro ao ceu abrasado pelo occaso do sol.

O Orel septentrional conta mais de uma aldeia similar, arredada de Bolkhoff a distancia de um dia a cavallo, mas não haverá uma só que exceda em esqualor, miseria e desfavoravel situação a aldeóla de Ashinka.

Na floresta ecoava a nota estridula do canto de uma ave, e as derradeiras e amarelidas folhas das faias caíam silenciosas sob a pressão dos dedos da geada; lá ao longe, no castello, um templete envidraçado coava a luz do sol posto, refulgente como oiro rubro; iam passando dois mujiks, com as alparcas de casca de betula a emittirem um som curioso.

Os olhos injectados de Stepan Trofimitch coruscavam á luz do sol prestes a sumir-se

e a ruiva e crespa ganforina como que se expandia por baixo do negro carapuço, tapando-lhe as orelhas.

Era tal qual o Judas do painel pendurado dali dois passos, na egrejinha. Era esquadrado, quer dos hombros quer dos queixos, com um corpanzil desastrado e uns braços compridos que nem os de um macaco.

Era o proprio typo do camponês russo de raça branca, a encarnação do descontentamento marruaz reprimido pelo espirito lethargico do Eslavo — a integração dessa tremenda força latente sopeada durante séculos, que tanta vez tem ameaçado, á qual, comtudo, por uma qualquer paralyisia da iniciativa, sempre fallece a concentração precisa para actuar.

Rodara o anno memoravel de 1860, e a emancipação era um facto, mas os beneficos designios de Alexandre II não haviam tido seguimento, e a burocracia estava forte como nunca, ao passo que o socialismo theorico do principio da éra de 60 ia gradualmente cedendo lugar áquelle Nihilismo pratico que desabrochou volvidos dez annos.

—Tal qual a sua habitação mancha o sol posto, assim este homem mancha os nossos pensamentos, as nossas esperanças — rosnavá lá comsigo Stepan, ao erguer os olhos para o sombrio castello da floresta.

Nicolai Kriloff — lobo de lobos, vil cachorro de um tyranno mais vil — o ceu se lembre delle.

Passou um camponês baixinho. Tinha um

nariz bicudo tal qual o focinho de um rato, e a cara sulcada de rugas. Olhou sorrateiro em redor, com medo de que alguém o estivesse observando, e estacou defronte do nosso homenzarrão.

— Oxalá corram bem as coisas a Stepan Trofimitch, disse elle, em voz estragada pelo abuso do rapé.

Trofimitch não terá olvidado a seu pae?

— De vagar, Yasha Aratow. O ar leva as palavras, apesar de não haver vento.

— Rosnam por ahi que o Semyon Ruskow anda prégando a guerra á faca.

— E então, isso que tem? Nós cinco não temos medo á faca. Não será a justa resposta ao knut, irmão?

— E' isso, é; nós cinco a favor da causa. Mas o que eu peço a Deus é que a sorte caia seja em quem fôr menos em mim.

— *Todo aquelle que confessa ser cogumelo, não tem que ter medo ao cesto.* E's um covarde.

— E' certo que sou, confessou o Yasha com franqueza. Mas nem por isso deixo de ter amor á Russia.

Stepan apontou para a estrada, onde assomára um pequerrucho, montado num garra-nito pigarço. Vinham atrás dois lacaios com a libré dos Kriloffs.

— O filho do Conde — a cria de Nicolai Kriloff — a esperança da nova geração; é quem hade vir a involucrar em trevas o viver de nossos filhos, declarou Trofimitch.

— Graças a Deus que os não tenho para chorarem por mim, ou para eu chorar por elles. E agora, sigo meu caminho. Encontraremos esta noite em casa de Semyon Ruskow.

Desappareceu, deixando atrás de si um fartum de rapé e de breu, e neste comenos, a filhita coxa do Stepan, a Marfa, saíu da choupana e postou-se ao lado do pae. Trazia ao colo um gatito, um rôlo de pello preto, macio e felpudo, com uns olhos amarellos que nem topazios e um rabo grosso. Em volta do pescoço uma tira de panno vermelho, e um guiso a tilintar a cada movimento do animal. De repente, eis que o bicho pulando, se esquivava dos braços da Marfa, e marinha pelo ripado, que servia de vedação á cabana. Subia devagarinho, equilibrando-se com o auxilio da cauda, tal qual um esquilo.

N'isto, eis que apparece o filho de Kri-

loff. Era um rapazote macilento, com o cabelle côr de palha caíndo-lhe em madeixas corredias sobre o colarinho. O Stepan fez-lhe uma mesura de nariz ao chão, quando elle ia a passar rente da porta; eis senão quando, com grande espanto do mujik, o juvenil Pavel Kriloff soffreia o garrano, e os lacaios detêm os cavalloos.

Falou, isto é, guinchou o pequeno.

— Quero aquelle gatito, olá, ó tú, Stepan Trofimitch. Já o vi indagora, quando passei por aqui, e torno agora a vê-lo. Entrega-o ali áquelle laçao. Quero-o para mim. Avia-te! Que estás tu para ahi de olhos espantados? Ahi vae um rublo para a pequena.

Arremessou a moeda de prata aos pés de Stepan, mas o camponês nem sequer fez menção de a apanhar,

— Lá isso não, meu paezinho, não pode ser. Pense bem no caso, querido paezinho. O gatinho é da minha pequena, que é coxinha e não tem outra coisa neste mundo que lhe dê satisfação. Não lhe tire o seu thesouro, coitadinha; o menino, de mais a mais, que dispõe de cavalloos e de bonitos, a rodo, e de tudo quanto ha...

— Atreves-te a dirigir-me a palavra, tu, Stepan Trofimitch! Quando é que se viu meu pae trocar palavras com cães? E' elle abrir a boca, e tu obedeceres. Pois agora hei de ter esse bicho, gratis, fica intendendo! Passa-me para cá o meu rublo e entrega o gatinho ao meu laçao. E já!

O Stepan apanhou do chão a moeda de prata, limpou-a, e restituiu-a ao juvenil Pavel; mas o gatinho era agora apertado d'encontro ao seio pela Marfa, desfeita em lagrimas só com a ideia do imminente apartamento,

— E' o thesouro da minha querida filha, meu paezinho, insistiu o camponês, com decisão. Vae para casa, pequena, e leva o teu gatinho. Não deve ateimar em exigir-lh'ó, meu patrãozinho.

A Marfa lá se sumiu a manquejar, na lóbrega cafúá, e o fedelho, de enraivecido, pôs-se a berrar,

— Havemos de ver, deixa estar, assim que eu contar tudo a meu pae.

Hasde amargá-lo, meu macacão da grenha assanhada! Hasde ser açoitado e retalhado em bocadinhos. Mando-te agarrar, e heide zurzir-te até espilrar o sangue; atar-

te-ão de pés e mãos, Stepan Trofimitch, para eu te dar cabo da vida.

A chorar de raiva, meteu a galope até ao immenso portão de ferro que quebrava a monotonia do interminavel muro e marcava a entrada para o castello de Kriloff.

— Cachorrinho de tigre, exclamou o mujik, pensativo. E o peor é que o tigre não tarda a ser sabedor do caso.

— Forte doido! clamou um dos assustados lacaios, metendo a galope atrás do amo. Fazer semelhante alarido por causa de um gato!

— Até amanhan.

— Amanhan pode muito bem nunca alvorecer para Nikolai Kriloff, commentou o Stepan, mas ninguem ouviu.

Sucedeu, porém, ao Stepan, o ter de liquidar a sua conta naquella mesma noite, e o incidente do gatito da Marfa não estava ainda encerrado. O menino Pavel encontrou o proprio conde a caminho de casa. Galopando através da avenida de arvores nuas passou por um *drosky* a abarrotar de bagagem, ao passo que uns cem passos mais para diante lhe surgiu outro, dentro do qual iam Nikolai Kriloff e um forasteiro.

— Ali vem o meu Pavel, exclamou o senhor de Ashinka. E acenou ao cocheiro que parasse.

O Conde de Kriloff era loiro, e os seus olhos azues fulgiam com a dureza do ceu quando o vento sopra de leste. Tinha a face marchetada de nodoas arroxeadas, um tanto suspeitas, e o tremendo queixo de cão de fila marcava um caracteristico da raça a que pertencia. Pouco mais mediria acima de cinco pés craveiros, mas era largo de hombros e de constituição assás robusta. Vinha envolto numa pellica de pelle de lobo, por debaixo da qual apontava um par de pernas curtas, solidas, enfiadas numas botas á húsar, com umas borlas muito grandes. Firmava-se num bengalão, e trazia calçadas umas luvas grossas, de pelle.

— Estimo ver-te, filho, exclamou.

Apresento-te *monsieur*... John Jessop... *mister*, queria eu dizer.

E' *mister* John Jessop que se diz?

Vem apresentar-lhe os teus respeitos.

Um inglès, ainda moço e de estatura avantajada, sorriu estendendo a mão, mas não encontrou boa acolheita. Sob a impressão da recente arrelia, Pavel pespegou tudo

no ouvido do pae, e com grande espanto de *mister* Jessop, o Conde ficou tão furibundo como o proprio filho.

— O Stepan Trofimitch! vociferou. Não será ainda sufficiente? Já se esqueceu do pae que foi parar ás minas de sal? Vem, vem dahi, no mesmo instante. E o senhor Jessop, tambem. Aprenderá com isso alguma coisa. Vae ver o reverso da medalha.

Disse, e lá foi calcurriando a pé, com umas passadas tremendas considerada a escassez da estatura, e o recém-vindo seguiu-lhe nas piugadas, com o Pavel, que deixou para trás o cavallo.

O Conde cuspinhava, bufava e praguejava lá comsigo, mas nem palavra aos companheiros. Até que alcançaram a choça do mujik, e o encontraram ainda a tomar o fresco no esmorecido crepusculo. Assanhouse-lhe ainda mais a côr do rosto ao dar com os olhos no amo.

— Que quer isto dizer, marrano! Atreves-te a negar a Pavel Pavlitch Fedor Kriloff um animal qualquer que lhe apeteceu?

— Com a devida venia, meu amo e senhor, pensei que o amo novo teria intendido. O gato pertence a minha filha.

— A' tua filha! E aqui está o meu filho! Temos que te cortar as ásas, Stepan Trofimitch! Vem vindo uns sussurros assás feios lá da olga da floresta, duns certos esconderijos onde não devia jazer alapada nenhuma besta fera.

— O vento tanto carrega com os maus boatos como com os bons, tal qual arrasta sementes boas, e sementes ruins, o fodor do pantano que fica para além e o aroma dos pinheiraes.

— Atreves-te a replicar! E's o teu proprio pae, escrito e escarrado, que é que elle ganhou em dar tanto á lingua?

— O ir apodrecer para ás minas.

— E é assim que se dá cabo de semelhantes sevandijas. Mas primeiramente, o knut, meu amiguinho, e, por Deus! se é verdade o que me contaram, é chegada a tua vez. Trata de olhar por ti, Stepan Trofimitch. Estamos fartos de saber, lá no Castello, o que significa o môcho que pia em noites escuras. E agora, vê se vaes sacar dessa tua espelunca para fóra o tal bicharoco, e é para já, pois estamos anciosos por respirar um ar mais limpo.

O desgraçado ficou-se por instantes hirto, inerte e como que pregado ao chão.

Os olhos injectados e os de azul acerado encontraram. Então, o Stepan, cerrando a dentuça tal qual uma ratoeira, deu uma viravolta e enfiou pela cabana sem dizer palavra. A Marfa estava a brincar ao pé de uma fogueira de gravatos, e o pae, em voz aspera, disse-lhe que tinha que apartar-se do seu companheiro de brinquedo. Ella, abraçou-se ao bichinho, afflictissima, aos beijos a elle, e depois, com silencioso pranto por unico protesto, entregou-o ao pae. Ao mesmo tempo ouviu-se lá fora uma voz a chamar pelo pobre do homem; e a aspereza da ordem, de par com a magua da filha, induziram-n'o a perpetrar um acto de loucura.

— Deus o entregue ás minhas mãos, resmoneou, para o tratar como merece!

Contorcia lhe os musculos como que um tetano, ao passo que a raiva lhe contorcia o espirito, turvando-lhe o parecer. Agarrou no gato e esmagou-o entre os dedos, tirando-lhe a vida, tal qual uma criança mata uma mosca. O malfadado animal soltou um guincho, luctou frouxamente, pegou a escoucear nas convulsões da morte, e ficou pendurado, inerte, das mãos do Stepan.

Este, assim o apresentou ao amo, e, implantando-se-lhe, hirto, na frente, arremessou o gato morto aos pés de Pavel.

— Ahí o tem, leve-o — o mesmo acontece a todos os seus escravos. Os corpos são seus, mas não a vida que os anima.

Uma onda de sangue assomou á face do Conde, e este fincou os dentes, arreganhando os labios.

— Cão! bramiu, dando um salto á frente e fustigando o outro, por duas vezes, no rosto, com quanta força tinha. A cada vergastada correspondia uma tira rôxa, e o olho direito do camponês pegou a verter sangue. O desgraçado recuou, cobrindo a cara com as mãos, e depois, a titubear, encaminhou para a choça. Acompanhou este acto silencio absoluto.

— Isto foi só para provares, escorpião do matto!

O Conde de Kriloff voltou costas. O moço inglês, a segui-lo com uns olhos espantados, e o menino Pavel esteve um minuto a uivar e a olhar para o gatito defunto, e depois correu a ir ter com o pae.

CAPITULO II

A semente vermelha

Percorreram as trevas um murmúrio e uma restolhada — um som mais forte que o dos activos dedos da geáda. Não havia luar, mas as estrellas rutilavam brilhantissimas; e nos sitios em que as póças geladas se estendiam por baixo da escuridão, tremeluzia frouxamente como que uma caligrafia de astros.

Um vigia percutiu a competente prancha e bradou que não havia novidade. Nisto, abre-se uma porta nas trazeiras da choupana, e apparece o Stepan Trofimitch. Atravessou um charco na retaguarda do seu habitaculo e meteu pela charneca em fóra, cujos vimeiros em breve brotariam assim que se fosse o inverno. Agora, os podados cêpos erguiam-se quaes espectros de cocoras em redor do nosso mujik, ao passo que este ia abrindo caminho pelo pantano congelado, e dali a nada, afastando-se do vale e arrostando com uma encosta de declive irregular, encontrou-se nos confins do escuro pinheiral. Ali, parou, escutou um pedaço, e depois, lá foi atrependo, cauto, para a frente.

Em vinte minutos, alcançou uma deveza cerrada de matto e éra; em seguida, rastejando por entre os moitodos, entrou numa clareirinha onde uma duzia de pinheiros sêccos, esbulhados do cascabulho, surgiam lividos nas trevas. Por baixo, vasquejava um luzeiro rubro, tal qual um olho á espreita, e ali, por umas sendas enredadas, se dirigiu Trofimitch. Dali a pouco, loirejou na escuridão uma choça de couteiro, e o nosso noctivago, ao entrar, saudou um grupo silencioso de cinco almas congregadas lá dentro.

— O ceu fortaleça as tuas mãos, honrado homem, disse elle; e tambem as tuas, Semyon Rusakow — vieste para accelerar as pulsações ao nosso indolente coração — sé bem-vindo.

Alumeava os Nihilistas um candil de kerosene, sobresaindo entre todos o vulto dominante de Semyon Rusakow, o propagandista, oriundo da Russia Menor, e natural de Pultava. Era um individuo magro, com uma cabeçorra desconforme, testa abaulada e cór macilenta. As barbas negras

quasi que lhe chegavam á cintura; aquelles, porém, propensos a rirem-se-lhe da esquipatica apparencia, embatucavam logo á primeira olhadela que elle lhes desfechava. Este activissimo agitador, e um cento delles da mesma laia, representavam a Nova Russia, ahi pela éra de 1870. Furavam através do estagnado coração do país, desafiando organizações, civís, ou militares, arriscando-se a ir parar com os ossos á Siberia, a cada instante, e espalhavam a mãos rôtas aquella semente que cada qual, no seu entusiasmo pessoal pela liberdade, acreditava dever germinar muito brevemente, medrar, e dar fruto. Aquelles homens, comtudo, semeavam sem conhecerem o terreno. Elles proprios eram as excepções, e o som unisono do seu clarim apenas acordava em resposta um grunhido daquelles que o ouviam.

Depois, esse monstroingente, o povo russo, lá tornava a cair na maldição lethargica da propria indole.

Os individuos que cercavam Rusakow eram um bando deminuto mas typico de descontentes — Stepan Trofimitch, Yasha Aratow e um irmão, e mais duas almas — servos antigos do castello de Kriloff, cujos paes haviam succumbido a golpes do knut.

O viandante havia discursado por mais de uma vez perante auditorios semelhantes — alguns mais reduzidos, até, — e a assembleia, planeada por arranjo particular, tinha como escopo unicamente questões de negocios, com ausencia de vodka, de tabaco e apenas uma restea de luz.

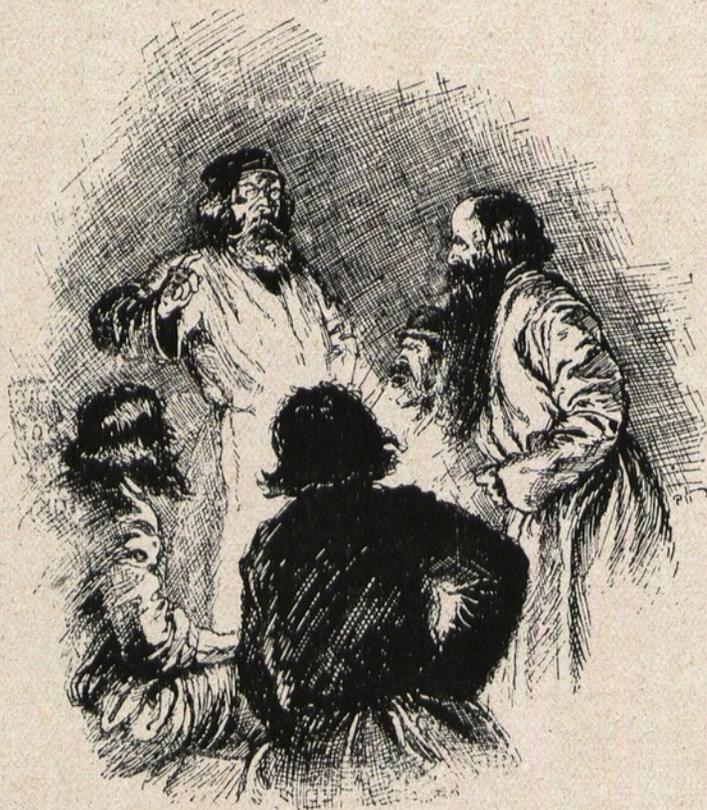
A esta, mesmo, apagaram-na para maior

segurança, e o conclave passou a funcionar nas trevas.

— Negam-nos a luz, afirmou Rusakow, e portanto, labutaremos nas trevas. Cheguem-se para cá, irmãos, para se conservarem quentes e afim de melhor me podem ouvir. Digo milhares de milhões de palavras, em cada anno, e tenho que poupar a voz a prol da causa.

Resmungaram annuindo e aconchegaram-se em torno d'elle. Então, naquelles accentos fatigados, que tão amiude incidem com o exordio de um orador de profissão, Sémyon Rusakow tomou a palavra.

— Desde o anno passado tenho percorrido quinze districtos e falado em dezeseite vilas, vinte e uma aldeia, e treze casaes, encetou: — Tenho espalhado os meus panfletos e vi-os a remoinhar com o vento irem parar ás mãos do lavrador agarado á rabiça do arado e ás do rachador na floresta. Tal qual vóam as folhas do larigo e



OS INDIVIDUOS QUE CERCAVAM RUSAKOW
ERAM UM BANDO DEMINUTO MAS TYPICO DE DESCONTENTES

da cerejeira brava, nas porrascas do outôno, assim vóam as minhas palavras; e permita o Céu que, assim como as folhas estrumam as arvores, possam as minhas palavras fortalecer-vos e ajudar o meu país. Sabei, pois, que: o povo deve ser capitaneado pelo povo. As imagens sagradas, os padres, as proprias orações de nada vos podem valer. O Céu está pronto, não ha duvida, mas á espera de que a Russia dê o primeiro passo para a sua libertação. O Céu aguarda o signal da vossa parte, — a insignia vermelha da liberdade, enrolada durante demasiado tempo, meus irmãos. As ideias liberaes tiveram o

seu dia, e nem o proprio Socialismo tem poder para sarar o mal. Não podemos curar tumores malignos com agua de rosas, pois estão a pedir lanceta.

E o mesmo se dá com todo e qualquer país desditoso; precisa do ferro para extirpar este cancro maldito de um milhão de sangue-sugas que se lhe aferraram no coração e lhe vão sugando a vida. Sois o coração da Russia, vós cinco que me escutaes; e é o vosso sangue, o sangue de vossas mulheres e de vossos filhos que vos estão sugando das veias.

Com os argumentos do costume, adubados de linguagem que elle julgava mais idonea a despertar o seu bucolico auditorio, foi Semyon Rusakow desinvolvendo o seu thema. Explicou que a liberdade nominal representara o unico resultado da emancipação dos servos.

— E agora as pontoadas do alveão furaram o formigueiro e as formigas têm que tratar da propria salvação, declarou, e em seguida passou a indicar uma politica arrojada e luminosa o sufficiente para agradar aos mais ferozes de quantos o escutavam. A propaganda Nihilistica de Rusakow abarcava um plano de acção, que, com certeza, tinha feito ouvir a voz do povo em todo o comprimento e largura do territorio Russo.

O seu systêma consistia no conjunto dos esforços e sacrificios pessoaes em favor da causa; e era nesse sentido que elle elaborava o seu plano.

— Este vampiro da burocracia não succumbe ao primeiro golpe; mas ferí amiude e ferí bem fundo e as ulceras corromper-se-ão recusando-se a sarar. Num país tão vasto como é a Russia, não se pode combinar qualquer avalanche simultanea, nenhum cataclismo da indignada humanidade, e a nós falecem-nos meios para organizar semelhante emprêsa. Mas quem haverá tão escasso de forças que não possa brandir um punhal ou puxar um gatilho? Quem haverá que se arreceie de ferir em prol do seu país, ainda quando a Siberia seja o premio iminente? Fazei aquillo que tiverdes mais á mão. Considerae o que seria se todo e qualquer Nihilista fizesse outrotanto! Obras, obras, nada de palavras; e, acima de tudo, sede humildes em vossas ambições. Nem vós nem eu, irmãos, nos preoccuparemos com os grandes. Dae tempo ao tempo. Decepae os

membros e definhar-se-á o tronco. Contetae-vos com a tarefa que encontrardes a geito, pois qual será o casalejo a que falte o seu foco de infecção. Onde se encontrará o nucleo de russos honrados que se atrevam a afirmar que entre elles e os seus direitos se não entrepõe qualquer homem deshonesto? Procurae no que tendes á mão, e ferí sem piedade.

Continuou explicando que o desejo do seu partido era o incitar o camponês contra o seu immediato oppressor pessoal. Que era um plano pratico de campanha podendo dar resultados praticos. Semyon Rusakow almejava por ver um milhar de facas russas rubras de sangue de um milhão de tyrantes, proprietarios rucolas, magnates locaes, camponêses donos das suas creaturas. Todos os pequenos proprietarios e quantos abusam do poder, todos esses representantes inferiores da burocracia, os unicos com quem o camponês se acha directamente em contacto, tinham que ser objecto de uma cruzada sanguinaria. Espraiou-se longamente o orador rematando o seu evangelho de exterminio com uma allegoria.

— As nossas mesquinhas choças de sangue e ossos, neste mundo, são foreiras da Natureza, meus irmãos. Os arrendamentos são deficientes, a nossa situação de rendeiros, precaria. Sobre alguns delles, o destino cáe sem previo aviso; outros recebem-n'o prevenindo-os de que o contrato attingiu o limite. Mais cedo ou mais tarde, — o que pouco importa, contanto que tenhamos vivido como homens. Agora, porém, deveis operar como bailios da Natureza. Cumpre que sejaes o ferreo mensageiro do Omnipotente e caír sem remorsos, tal qual o proprio Destino, sobre essas propriedades que encerram demonios em vez de homens. Deveis esquarterar-lhes, pulverizar-lhes as vis carcassas, e encommendar-lhes os tenebrosos espiritos ao Supremo Juiz, afim de que a Russia se torne mais amena e a face de nosso Divino Pae volte a illuminar de novo o país. O sol não brilha emquanto não estalou a tempestade, abonçando. Rebente o trovão da nuvem acolugada, e que entre vós, cada alma branda o raio do vosso Creador e se torne em Salvador da patria. A poder de sacrificios seremos bem succedidos, com o nosso padecer e a nossa morte a Russia hade ganhar a luz. Essas vossas

mãos enclavinadas, essas vossas respirações reprezadas, participam-me que fui entendido.

O aranzel crú mas efficaz de Rusakow impressionou a quantos o escutavam, e para alguém, acima de outro qualquer, soou como uma mensagem pessoal.

— Confiem-me a impreitada, exclamou Stepan Trofimitch.

— Todos nós sabemos em quem temos posto o pensamento. O mesmo nome re-tumba no cerebro de cada um.

O momentó criticó era porém um momento de paixão, e o Yasha Aratow foi o unico que se esquivou a submeter-se ao acaso da Sorte.

— Entreguem o encargo ao Stepan, que está faminto por tamanha honra, alvitrou. O Trofimitch é de nós todos quem tem o braço mais comprido. Quanto a mim, tenho as fevras de um leão no corpo de uma barata. O nosso Divino Pae bem sabe, meus irmãos, que a causa é o folego das minhas nariculas; mas se Elle me não fez para ser arma da Sua ira! Oxalá assim fosse, mas ponde os olhos em mim e julgae.

— Assim será, mas nem por isso deixas de ter a melhor pontaria em toda Ashinka, Yasha Aratow, afirmou o irmão, com frialdade.

— Quando o alvo é um gralho, mas não quando é um homem.

— Acendei a luz e olhae-me para a cara, exclamou Stepan. E depois dir-me-eis se a minha reclamação deve, ou não, ter preferencia.

Olharam todos para aquellas feições escaveiradas e sulcadas, abstando-se de comentarios. Tomou então a palavra o Semyon Rusakov.

— Tirem á Sorte, e o Destino que escolha a quem muito bem quiser. Não é o amor á Russia, mas sim o odio ao teu inimigo, que te faz fallar, Stepan Trofimitch. Os nossos actos não devem soffrer a influencia de escandolas pessoases; os nossos fins não devem ser viciados por qualquer inimizade particular.

(Continúa.)

Foi pois a escolha entregue á Sorte, ao que parecia; o caso, porém, ao Stepan estimulou-lhe a argucia, e falou este.

— Tenho aqui na algibeira uns grãos de trigo, vermelho e amarello. Servem para o caso. Emprasta-me cá essa bolsa de coiro que trazes na cinta, Yasha, deitar-lhe-emos dentro cinco bagos, — quatro, amarellos, e um, vermelho escuro —. Depois cada um de nós tira um bago da bolsa por escala, conforme a idade, a começar pelo mais novo.

O Semyon Rusakow acceitou o alvitre. Abriu a bolsa e o Stepan deitou-lhe para dentro cinco bagos; mas naquella escuridão não era caso para grande habilidade o elle realizar o seu intento, e o bago vermelho ficou em seu poder.

Todos soltaram exclamações á proporção que ia proseguindo o sorteio, e o homem do rosto escaveirado, o penultimo que imergeu a mão, sacou para fora a semente sinistra. Então, trocadas mais meia duzia de palavras, dispersou a assembleia, cada qual para o seu destino.

Até que por fim o Rusakow ficou a sós com o Stepan.

— Anda dahi, disse este ultimo, vem dormir comigo, na santa paz. Amanhã, antes da alvorada, tens que ir por ahi fora.

— Seja assim. Tenho um encontro aprazado para a madrugada, em sitio que não vem ao caso. Mas quanto a ti, coragem!

O Destino guiará o justo braço da sua escolha.

Ao passo que falava e seguia a par de Trofimitch para casa deste, Semyon Rusakov sentia o bafo de uma duvida a arrefecer-lhe o coração. Quanta vez não tinha elle dito aquellas mesmas palavras a individuos escolhidos á sorte, e com tão pouco resultado. A' ardencia da sua propria fé esfriava-a ás vezes o vento gelido do mallogro.

— O Céu me perdõe, se acaso a semente que eu intento semear está pôdre, murmurava por vezes, lá comsigo, em momentos de desalento e desespero.



O jardim da infancia

II



TENTAREI dar, em curto espaço, ideia dos principios de Froebel, que constituem o espirito, que, segundo elle, deve animar o Kindergarten. A formação desses

principios esteve, como era natural, muito estreitamente ligada aos factos da vida do reformador, pelo que se torna necessario dar destes succinta noticia.

Fredrich Froebel (1782-1852) era filho dum pastor (sacerdote) protestante e perdeu a sua mãe alguns meses depois de nascer. Seu pae tornou a casar-se; a madrasta a principio tratou o enteado de modo soffrivel; mas logo que teve um filho, passou a dirigir-se áquelle na terceira pessoa e a alheá-lo de cada vez mais da amizade paterna. Demais foi com pouco resultado que o pae tentou ensiná-lo a ler; mettu-o depois numa aula de meninas, onde o ensino se reduzia á leitura e escrita e a decorar passos da Biblia, tudo dirigido mecanicamente; em seguida a creança entrou numa escola em que esteve até aos 15 annos d'idade e ali aprendeu alguma coisa de calculo elemental, e de geometria e uns laivos de latim, sem que manifestasse gosto por estudos

conduzidos de modo avesso á estrutura innata do seu espirito. Posto em apprendizado para guarda florestal, na Floresta de Thuringia, despertou-se-lhe ali a paixão pelo estudo da natureza, principalmente da flora.

Um incidente levou-o a Iena, aos 19 annos d'idade, e ali estudou tres semestres na Universidade. Tendo emprestado o que lhe restava do seu patrimonio a um irmão mal comportado, chegou a estar algumas semanas preso por dividas. Em 1905 fez estudos de architectura em Francfort, onde se relacionou com Gruner, discipulo de Pestalozzi, e entrou como mestre na escola modelo daquelle educador. Gruner deu-lhe a conhecer as obras do grande mestre de Yverdun, onde Froebel o visitou e aonde voltou em 1808, conservando-se ali dois annos com uns seus educandos. Foi grande a sua admiração por Pestalozzi, a qual lhe fez dizer: «Não ha problema de que não espero solução em Yverdun.» Todavia pareceu-lhe insufficiente o fundamento das concepções pestalozzianas, pelo lado philosophico.

Graças a pequenas heranças, e ao que ganhava em diversas occupações, especialmente como educador, Froebel proseguia nos seus estudos. Attrahido pelas linguas antigas e orientaes, passou a Goettingen. O grande cometa de 1811 chamou-lhe a at-

tenção para a astronomia. Concebeu então «a lei esférica», de que fez applicação nos exercicios do Kindergarten. Dirigiu-se em 1812 para Berlim, cidade havia pouco dotada de Universidade. Consagrou-se então ao estudo da mineralogia e no anno seguinte veiu a ser nomeado assistente do Museu mineralogico daquela capital. A Allemanha estava no movimento da guerra da libertação. Froebel alista-se no corpo dos caçadores negros de Lutzow. Ahi encontra Langethal e Middendorf, que vieram a ser seus principaes collaboradores na missão pedagogica. Em 1816 fundou em Griesheim um instituto educativo, que foi transferido no anno seguinte para Keilhau. Em 1826 publicou a sua obra principal, *A educação do homem*, em que estão já os germes da pedagogia do Kindergarten.

Froebel sentia-se e confessava-se predestinado para realizar a grande obra da organização da vida educativa da creança no periodo preescolar, base indispensavel para que do trabalho da escola propriamente dita se tirasse o proveito a que devia mirar. A crença que depositava em si proprio era inabalavel, como a que consagrava ao poder da educação. As inumeras contrariedades da sua vida attribuia-as sempre ás circumstancias exteriores, comquanto a sua deficiencia de capacidade pratica muito contribuisse para essas contrariedades, coroadas pela prohibição, em 1851, dos Jardins da infancia, considerados falsamente pelo ministro dos cultos da Prussia como escolas de atheismo. Froebel foi um heroe de abnegação pela sua empresa. Os ultimos annos da sua vida teriam sido mais dolorosos, se um acasão lhe fizesse encontrar uma protectora, e depois propagandista entusiasta do Kindergarten, na pessoa da baroneza de Marenholtz, leitora da grã-duqueza de Saxe-Weimar. A attenção desta senhora foi um dia attrahida, por uma mulherzinha do povo, para «um velho louco encanecido», como a mesma dizia, o qual andava com varias creanças na sua companhia e com ellas brincava e cantava. Attentando para aquelles jogos e aquelles cantos, a illustre baroneza reconheceu um grande educador no «velho louco».

A infancia sem mãe, a dureza de sua madrasta, levaram Froebel a pensar na sorte das inumeras creanças que um mau destino priva duma sã educação nesse periodo da

vida, tão importante para o desenvolvimento infantil, o qual precede a entrada na escola. Nesse facto se manifestou a sua natureza generosa, que veiu a exprimir-se na divisa: *Vivamos para os nossos filhos*, e a encarnar-se no *Kindergarten*, com o seu duplo fim já indicado.

O ensino mecanico usual da escola, que foi o que lhe ministraram e contra o qual o, seu espirito por natural impulso se rebellou produziu tambem, por contraste, o desejo de crear coisa melhor para a infancia e adolecencia. Como autodidacto na essencia do seu processo de estudo, apreciou o que valia a actividade propria e reconheceu que amparada por quem soubesse provocá-la, consoante as leis do desenvolvimento do espirito individual, e não pretendesse metter á força na mente juvenil os conhecimentos como num sacco, se conseguiriam resultados mais largos, prontos e seguros. O encontro com Pestalozzi, o grande predecessor, foi decisivo. O auctor de *Lienhard und Gertrud* foi o pedagogista da *intuição*, em que teve predecessores, sem duvida, mas que elle pôs a muito maior luz. Condemnando a *suffisance livresque*, Montaigne, que dava aliás nova forma a uma ideia de Platão, recommenda o estudo directo das coisas, em vez do estudo dos que sobre ellas tinham escrito. E foi seguindo esse caminho que os grandes sabios dos seculos XVI a XIX renovaram as sciencias da natureza. Pestalozzi estabelece o preceito: «Das intuições sensiveis para os conceitos claros», como Kant dissera: «Pensamentos sem intuições (conteudo sensivel) são vazios; intuições sem conceitos são cegos». *Intuição* significa propriamente a acção de ver; mas o termo applica-se depois a todos os elementos sensiveis (obtidos pelos sentidos) do nosso conhecimento. A intuição é pois o fundamento absoluto de todo o conhecimento. «A intuição, disse ainda Pestalozzi, é a impressão immediata que o mundo physico e o mundo moral exercem em os nossos sentidos externos e internos.» O genial educador inventa um ABC da intuição, que porém se limita a ser meio de ensino para o numero e a forma. Na analyse de qualquer objecto ha tres pontos a considerar: «O numero, a forma, o nome». Era uma reducção, uma simplificação excessiva; demais, como Pestalozzi aliás reconheceu, o nome não pertence á intuição do objecto: liga-se-lhe por associação, se bem que

essa associação se torne muito íntima. Desses elementos tirava Pestalozzi a base do programma do ensino elementar: a) ao *numero* corresponde a *arithmetic*a; b) á *forma*, a geometria, o desenho, a escrita e os trabalhos manuaes, incluindo a modelação; c) ao *nome*, o estudo da linguagem (philologia). Muita coisa essencial ficava pois fóra do plano. E' certo que Pestalozzi ensinava também geographia e tentara um ensino artistico. Froebel quebrou o quadro estreito da intuição pestalozziana: na intuição, nos elementos sensíveis do conhecimento, faz considerar não só o aspecto *quantitativo*, mas também o *qualitativo*: as cores, os sons (com as suas variedades de elevação, intensidade, duração, timbre), as impressões gustativas e olfactivas, as tacteis, de peso, de pressão e de temperatura, as sensações de movimento, etc., são necessarias para completar o quadro de Pestalozzi. Também Froebel buscou desenvolver a intuição interna, a consciencia de certos estados, como expectativa, esperança, receio, alegria.

Mas o maior progresso realizado por Froebel relativamente aos seus predecessores

está na importancia dada á *acção* e no descobrimento dos meios para a methodizar.

Goethe fizera dizer ao seu *Faust*, com relação ás palavras do Evangelista: «*In principio erat verbum*», que não achava a palavra tão alta que a pudesse pôr como o começo dos começos e que buscando melhor acabara por descobrir a *acção* como o começo supremo: «*No começo era a acção* (im Anfang war die That). Pestalozzi escreveu: «O mais terrível dom que um deus malevolo pôde fazer ao homem é o de conhecimentos sem aptidões.» Mas não achou o ABC das aptidões, como achara o da intuição. Descobrir este foi o destino de Froebel, que pôde pro-

clamar triumphante a *acção* como o principio de todo o processo educativo. Para elle a suprema regra a seguir pelo educando é esta: «Faz tal ou tal coisa e vê o que em determinada relação se segue do teu acto e a qual conhecimento elle te leva.» O ponto de partida de toda a intervenção nossa no mundo, como no conhecimento, é a *acção*. Não um deus que só pensa e falla, mas um deus que actua, que cria sempre, será para o pedagogo o ideal a imitar. Tal foi a ideia religiosa de Froebel, corporizada nos seus processos educativos. O principio repete-se nas suas obras

em formas variadas; por exemplo: «O ponto de partida de todo o sensível, de todo o existente, de todo o visível, do conhecimento, do saber, é a *acção*, o fazer.» «Em cada grao do desenvolvimento (da creança) deve apresentar-se-lhe o objecto apropriado para exercitar o impulso que do interior vem actuar no exterior e manifestar-se em livre actividade.» O educador parece inspirado pelo poeta do *Faust*, que também deixou nas suas obras os elementos duma elevada pedagogia.

Froebel viveu no meio de um intenso

movimento nacional, em que se entrecrocavam ou convergiam correntes variadas de ideias e de factos politicos, sociaes, philosophicos, scientificos, litterarios, historicos, artisticos, pedagogicos. Excedia as forças dum homem dominar com a vista do espirito, ainda quando não fosse senão nos traços essenciaes, esse complexo movimento; todavia elle disse ter-se achado em contacto com esse movimento. Não conheceu por certo a fundo nenhuma das philosophias do tempo, e nenhuma por isso fez impressão consideravel no seu espirito. Teve relações pessoaes com o philosopho Krause e numa carta que lhe escreveu (1828) communica ter achado na exposição



PESTALOZZI

daquelle muito que elle proprio attingira pelo estudo e intuição interna. Dos escritos de Froebel não pôde, porém, colher-se uma philosophia mais ou menos completa e coherente, embora elle, partindo da observação, da experiencia, julgasse necessario completá-las com uma philosophia. A base geral da sua concepção é o que se chama um *naturismo*, com tendencias mysticas e symbolistas á mistura. Segundo elle, a vida humana e a natureza explicam-se reciprocamente; dahi a frequente comparação do espirito infantil com a planta que germina: «Em tudo reside, actua e domina uma lei eterna, que se exprime no Exterior (em a natureza), como no Interior (no espirito) e na unidade dos dois (a vida) sempre do mesmo modo claro e do mesmo modo determinado.» As ideias de unidade e de unificação exprimem-se repetidas vezes nos escritos de Froebel: unificação da vida, unidade de Deus, Natureza e Humanidade. O intellecto, o animo (*Gemüt*) e o corpo devem desenvolver-se, compenetrando-se reciprocamente, unificando-se. O individuo deve unificar-se com Deus, a Natureza e a Humanidade. A creança, o homem, hão de ser considerados sempre como todo e como parte do todo mais vasto, que é o Universo. Em cada grao a educação é um todo completo (não um fragmento ou conjuncto de fragmentos, a que noutros graos se juntam outros fragmentos): é a ideia dos circulos concentricos ou cyclos na educação. Já na idade do Kindergarten é mister despertar na creança um vislumbre da connexão interna do Universo, em virtude da qual toda a multiplicidade é revelação duma alta unidade, de modo que o educando seja levado a considerar o que é exterior como imagem sensível dos mais profundos pensamentos. E' evidente que segundo outras ideias do proprio Froebel, tudo isso ha de apresentar-se na unidade da intuição e do conceito (no Kindergarten), não de modo abstracto, generalizado, tudo deve surgir como producto da actividade livre da creança e não ser-lhe communicado como doutrina feita. Froebel não instituiu ensino religioso positivo. Mas o momento religioso, moral, esthetico, scientifico (do conhecimento como tal) marcham a par ou, melhor, compenetraram-se no seu processo.

Entre outros estudos, o da mineralogia levou particularmente Froebel ao paralelo entre a natureza e o homem. «O mundo dos

cristaes, escreveu elle, revelou-me de modo evidente e inequivoco, em forma clara e fixa, a vida e leis da vida do homem e em discurso silencioso (*sic*), mas verdadeiro e visível, a verdadeira vida do mundo humano.» Todavia (na mesma carta de 1831) elle notou a differença entre o organico e o inorganico, que consiste em que no primeiro predomina a irregularidade, a imperfeição, a assymetria, ao contrario no segundo a igualdade mathematica e a symetria; onde estes ultimos predicados apparecem, apparece tambem a morte; mas elle pensava que em si (na ideia platonica) os seres organicos são conformes á igualdade e á perfeição. A Froebel não parece ter sido estranha a ideia de Hegel de que a primeira forma individualizada em a natureza é o cristal; ou concebê-la-hia independentemente?

A philosophia de Froebel, ou antes a pretenção de achar e exprimir pensamentos profundos, a proposito dos objectos dos jogos e occupações que propunha, levou-o a verdadeiras extravagancias, como a respeito da esphera, por exemplo: «A esphera é a forma dos corpos que a não teem e a dos solidos mais perfeitos. Nella não se mostra nem um angulo, nem uma linha, nem um plano, nem uma superficie e todavia tem todos os pontos e todas as faces; tem todos os vertices e as linhas de todo corpo e de toda forma terrestre, não só nas condições, mas na realidade da sua existencia, etc.» Felizmente, nas ideias mesmas de Froebel isso não é para ensinar ás creanças, visto que ellas hão de achar tudo por si e por certo não acharão muitas das extravagancias do grande educador.

Foi pela observação directa das creanças que Froebel chegou a obter os mais notaveis resultados dos seus estudos. Elle reconheceu de modo mais completo que seus antecessores pedagogicos que na creança ha uma tendencia natural para a actividade e que essa actividade reveste principalmente a forma do jogo; a creança tende a produzir, a construir, se bem que seja innegavel que está longe de lhe ser estranho o gosto pela destruição; tende a representar (*expôr*, *exprimir*), já pela palavra, já pelo traço (*desenho*); já pela massa plastica (*modelação*), já pelos corpos duros (*madeira, metal, areia, etc.*), modificados ou não na forma por meio de instrumentos; pelo papel dobrado, perfurado, cor-

tado; pelo proprio corpo (dansas, jogos de movimento. imitativos, dramaticos), etc. Construir, representar, manipular são actos em que a vontade, a musculatura, os sentidos, a intelligencia, o ser inteiro se occupa, e mais proprios para concentrar a attenção, para levar ao conhecimento dos objectos que o simples processo intuitivo, embora seguido da analyse pestalozziana, completada por Froebel, que aliás tambem cultivou o ultimo processo no Kindergarten. Direi ainda que a attenção depende tambem da vontade, que a psychologia demonstra intervir nos mais altos actos do espirito. O pensamento é tambem uma forma de acção. Mas os exercicios froebelianos, propriamente ditos, são mais completos.

A psychologia da creança, dominio da maior difficuldade, não foi todavia tão bem conhecida de Froebel como devia ser; dahi muitos erros que se descobrem nas applicções que elle fez do principio excellente da actividade propria e o exclusivismo do seu conceito moral da creança.

«Tudo está bem, ao sair das mãos do auctor das coisas; tudo degenera entre as mãos do homem.» Taes são as primeiras palavras do *Émile ou de l'éducation*, de Rousseau. E noutro lugar: «Assentemos como maxima incontestavel que os primeiros movimentos da natureza são sempre rectos; não ha perversidade original no coração humano.» Froebel reproduz noutra forma essa ideia: «A acção do divino é, na sua indestructibilidade, boa; deve ser, não póde ser senão boa: essa necessidade faz presuppôr que a creança humana, o ser que se torna homem, comquanto inconscientemente como um producto da natureza, quer todavia o melhor, de modo determinado e seguro, e alem disso o melhor numa forma inteiramente acomodada, para cuja realização elle se sente com todas as disposições, forças e meios.» Dessa affirmacção deduz Froebel o principio capital da sua pedagogia:

«Educação, ensino, doutrinação devem ser originariamente e nos seus traços fundamentaes, de modo necessario, pacientes, indulgentes, condescendentes; perseverantes, defendentes; nunca prescritivos, determinantes, coagentes.»

«A creança dizia ainda elle, quer ser educada.» Educar não é empar ou enxertar.

Froebel empregava de preferencia a palavra desenvolver (*entwickeln*) em vez de

formar (bilden), com relação ao trabalho educativo.

Ainda esses preceitos lembram o *Émile*, com a sua educação negativa; mas ha progresso nelles.

Cerca de um seculo de estudos objectivos, de analyse mais ou menos scientifica veiu demonstrar que a ideia da bondade innata da creança, ideia deduzida de concepções *à priori*, era inaceitavel, e tanto como a opposta de que a creança é fundamentalmente má. Posta de parte a these de Schopenhauer, do character innato e immutavel, fica de pé como verdade inabalavel que os homens veem ao mundo com disposições diversas, moraes e intellectuaes, que a simples differença de educação (tomando a palavra no mais largo sentido, em que abrange todos os factores que actuam na creança desde o nascimento) não póde explicar só por si.

Esse facto natural torna mais difficil o trabalho da educação do que Froebel julgou. O preceito geral que estatuiu é da maior importancia como principio dirigente; é o que se chama o *principio heuristico* (do grego *heuriskô*, eu invento), o principio da invenção; todavia tanto o processo opposto e commodo de levar o educando á pura imitação, á reprodução mecanica é a morte do seu espirito, tanto o principio heuristico empregado de modo absoluto póde levar á fallencia da educação e nunca na realidade foi posto assim em pratica. A propria technica do Kindergarten, como Froebel a fundou e seus melhores discipulos a desenvolveram, contradiz o principio heuristico, o principio da pura actividade do educando e da pura passividade do educador. *Aprender (apprehendere)*, no verdadeiro sentido, *compreender (comprehendere)* são actividades importantes que não são todavia verdadeiramente o mesmo que *inventar, descobrir*. Os elementos de cultura existentes são o resultado dum largo processo historico de invenção. A creança não reinventa, por exemplo, a *linguagem*. A experiencia de Psammetico e a melhor dirigida e documentada do imperador Akbar provam-no, e a nossa propria observação nos leva a considerar falsas as affirmações de tentativas de creação dessa natureza. A creança *aprende* a fallar a lingua ou linguas dos que o rodeiam e nesse apprendizado ha um phenomeno muito importante de *compreensão*. O mesmo succede com a *moral*,

que é também um elemento de cultura; a creança é incapaz de crear por si, embora a colloquem nas condições que facilitem as suas resoluções no sentido desejado, a moral, ainda que imperfeita, duma sociedade adiantada em que tenha nascido, moral que é uma resultante daquelle largo processo historico a que alludi. Foi necessario o genio dum Newton para descobrir que o espectro solar produzido pelo prisma resultava do differente grao de refrangibilidade dos raios luminosos que se fundem na luz branca. Fizei um curso de physica, dirigido com o mais perfeito methodo, a creanças, preparadas para elle convenientemente; repeti as famosas experiencias do grande physico, sem dizer palavra e sem que os educandos tenham lido nada sobre ellas e vede se ha entre elles quem explique aquelle phenomeno. Se houver, será quasi um Newton. Quantos homens viram balouçar as lampadas dos templos e foi preciso um Galileo e o seu momento historico para que fossem descobertas as leis do pendulo. Em quantos narizes de homens caíram das arvores bolotas, maçãs e outros frutos até que um que vinha depois de Kepler e Galileo fosse, segundo se conta, por um caso desses levado á ideia da attracção universal. O espirito humano é muito estreito; a capacidade de invenção verdadeiramente rara. Se nos achamos no meio d'innumeros bens da cultura, isso é o resultado de accumulações d'inventos durante longuissimo tempo. Os antigos attribuiam os dons da cultura aos deuses ou semideuses. As creanças teem em si muitas forças latentes que buscam manifestar-se em actividade interna e externa; cultivemo-las, dirigimo-las para que dellas nada se perca que é bom germe e busquemos também, como faz o jardineiro, destruir o que surge mau entre essas manifestações; mas não exageremos o conceito dessas forças. A creança (prova a observação mais segura) é muito mais reproductiva, imitativa do que original, productiva. Ha nella muito mais intensa emotividade que imaginação creadora. Dos desenhos infantis, hoje muito estudados,

concluiu-se que «a creança tem uma imaginação reproductiva muito grande e sempre pronta, mas que não possui imaginação combinatoria». Pelo que respeita a outros productos da actividade infantil, cuja analyse é menos facil, os resultados não vão longe desse. A creança é mais phantasista que imaginativa. Temos ainda de considerar a differença d'aptidões, já originaria, já resultante da primeira educação. O educador que queira, pois, confiar-se a uma regra suprema, a um methodo absoluto, será um pedagogo infeliz. Nem o processo expectante, confiado, negativo de Rousseau, que inspirou Froebel, nem o processo d'imposição duma moral feita, duma sciencia feita, que se busca vasar num espirito como um liquido numa garrafa. O essencial é que a creança seja activa mental e corporalmente: que produza o que cabe nas suas forças e reproduza apprehendendo, comprehendendo, assimilando, agindo, verdadeiramente. Os elementos de cultura que se lhe transmittem em ordem apropriada ao seu desenvolvimento não devem ficar depositados, como materia inerte, na sua memoria labil, mas converterem-se em elementos vivos do seu proprio espirito, da sua personalidade em via de formação. O grande phisolopho Friedrich Wolff resumiu num preceito toda a pedagogia: Tem espirito! (*Habe Geist!*) Mas não tem espirito quem quer e não se tem espirito por commando; quem a tem, póde, sim, e deve desenvolvê-lo pelo estudo pratico. De muito servem as ideias e exemplos dos grandes educadores; mas a quem falta esse espirito de que fallou Wolff e que é também o espirito froebeliano no que elle tem de mais vivificante, não se confie a missão, embora aparentemente muito modesta, de jardineira da infancia. Na falta de jardineiras á altura dessa missão, mais vale deixar crescer as creanças como plantas bravias. Não são as Sequoias gigantes da America, os Cedros do Libano e do Himalaya plantas bravas? E que tirará de suas sementes um mau jardineiro mais que rachiticas arvores?

Julho, 1909.

F. ADOLPHO COELHO.

COMO VIVER?

(Phantasia symbolica)



ERA na terra... gargalhava o sol...

O homem estava deitado e soffria sempre.

Embalava-o o rithmo da vida, em roda, a pulular. Um céu sereno. Um peito triste.

Pelos bosques filigranava-se a luz e polvilhava de ouro oscabellos das nimphas. Faunos seguiam-nas. Fidas e Praxiteles, em triquillos emaranhados de murtas virentes, esculpam... Cantava Homero... Alexandre imperava.

Entanto o homem estava deitado e soffria sempre. Chegavam-lhe murmurios longinquos, multidões a esfacelar-se, tirannos a tripudiar... E deitado, olhando o céu puro, as mãos enclavinadas sob a cabeça, soffria sempre.

— Eu amo o teu azul alegre, ó céu puro, quando nas róxas manhãs se estende do oriente, como um perfume em vapores, subindo da pira em chammás; amo a tua tristeza calma e serena, quando ás noites te adensas sob um cendal viuvo, cahindo em farrapos de escuridão oppressiva. Eu amo-te, ó céu. No meu peito jorra sempre em borbotões tumultuosos de luz e de vida, uma canção cristalina para te saudar, majestoso, aos raios fecundadores de Apollo, lutuoso e baço no estertor ultimo do fim do dia. Amo as leves noites, ethereas e namoradas, quando por sobre ti saltam as estrellinhas a rir, a gargalhar, alegres e felizes sob o olho paternal de Jove bondoso, como virgens descuidosas por sobre uma campina, com hymnos a Venus criadora. Amo o teu clarão vitreo, ó noites de luar, amo as ternuras amorosas, de mysterio e de crença, de fé e de temor, ó noites de lento sonambulismo! Mas a mi-

nha frente arida e sêcca castiga-a sempre um sópro gelado e crestador como de ciclone varrendo a superficie debil d'uma seara viçosa. No meu peito cava-se um oppressivo vacuo minador, véla-se a minha vista á luz que cega d'esse contemplar infinito, abate-se o meu dorso ao peso de muda interrogação e esconde a frente no peito vazio, como viador a acolher-se num recanto do furacão que corre pela estrada em torvelinhos de poeira. Nos meus olhos nunca se seccam as lagrimas queimadoras na sua desolada frialdade... e eu estou deitado e soffro sempre. Contemplo-te, vivo e amo-te, mas não sei se vivo para te contemplar e te amar, se te contemplo e te amo para viver.

E' a vida o unico bem que possuo, e não o sei utilizar!

Ilumina-me, ó céu puro e azul, como as almas das virgens de Corinto, abre-te e engolfa-me no teu seio luminoso ou me subverte no nada, sob a terra hostile. Troveja e fulmina-me, mas faze-me viver um instante dos meus longos dias solitarios.

Ha seculos — oh! Eu sei lá quando foi! Que neste pesar immenso, perdeu-se-me a memoria! — Ha milhões d'annos, d'um barro molle, dizem uns, das aguas em espuma, dizem outros, eu surgi... Eras tu o mesmo céu, feliz e puro, indifferente e desdenhoso, o mesmo céu inconstante como criança bulicosa.

O mar, como hoje, gemia soluços ingentos, cachoando pelas cavernas e lambendo em espumas de languida escumilha as ilhas em flôr, como lascivo amante oriental revolviendo nos braços athleticos a terna amante, branca e delicada. A terra era já crúa madrastra, de horrido cariz em fogo e coleras.

O sol gargalhava na curta vida d'um dia e descansava esquecidamente um soce-

gado somno d'uma noite, num grande leito de fôfas nuvens, sobre os mundos sem luz.

Isolado, perdido no mundo, renegado por esse pae que me attribuíam, appellei para ti, ó céo.

Tu sorrias, qual terno pae adoptivo. Levantei os braços. O mar, alma dura, rugia com furor e entorpecia-se convulsamente em amores de colossal fecundidade. Nasciam os continentes. Corriam para elle os caudaes da terra, com zelos.

Levantei os braços, ó céo, terno pae que suppuz um momento. Mas a tua fronte liza conturbou-se numa crisão. Phalanges gigantes dos teus exercitos, as nuvens, varreram a campina azul e novos mares escorreram dos céos em torrentes inundadoras. Abriram-se numa clareira os teus exercitos e por elles assomou a cabeça de Vulcano. E mandaste o raio!

Antes eu nunca fosse, ó renegado pae, antes a minha alma dorida jazesse eternamente diluida e dispersa na massa negra da montanha abrupta, na sombra calada e fria dos mundos, no teu azul — ironia! — nos teus languidos amores — sarcasmo!

Deitei-me então e soffri sempre.

No espaço, mundos se esphacelaram, estrellas apagaram-se, cordilheiras surgiram e subverteram-se nas entranhas vorazes da terra-mãe. . . E tudo eu vi com lagrimas, ó céo, ó mar, ó terra, tudo eu vi com lagrimas d'este luto minaz e tristissimo a afundir-me o peito, a mirrar-me o coração.

Vi a existencia, mas não sonhei a vida.

Embalde eu vejo a Belleza vigorar, carnes bellas, sem o palpitar humano do soffrimento, a reviverem no marmore divino, amores e aventuras a perdurarem nos cantos immorredouros d'esse cego além, a tirannia a opprimir os meus irmãos, a perturbá-los na sua apathia quieta, no seu somno secular, d'um torpor de desgraça; o poder a embriagar cerebros escandecidos. . . Embalde me rumorejам, quebrados como écos de bosque longinquo, os clamores da turba a gritar ao acaso, a correr ao acaso. Eu soffro sempre, ó Fidias, ó Praxiteles, ó almas sobrehumanas, eu soffro sempre, ó Pisistrato cruel, eu soffro sempre, ó demagogos de toga vermelha, porque eu leio na vossa testa em rugas, no vosso olhar velado, a velha tristeza calada e vencida, em que se afunda a alma — uma mesma candeia mortíça a illuminar to-

dos os cerebros, pallida e tristonha, como brandão esquecido num subterraneo de larvas frias. Eu não creio em vós, ó turbas, porque esses cataclismos são só ligeiras perturbações illusorias, como a oscillação perpetua e molle do mar pesado. O fundo da vossa alma é escuro e insondavel, mysterioso e mudo como as cavernas do grande arcaboiço do oceano.

Por isso eu estou deitado e soffro sempre. . .

Gargalhava o sol, numa grande aureola luminosa por sobre o céo sereno. A sombra das montanhas estendia-se duvidosa e vaga pela planicie verde. . . Folhas rumorejavam e cahiam e perdiam-se. O cinzel burilava.

Ao longe, na volta do caminho, perdia-se a voz de Homero. Pelos ares, farrapos dispersos d'uma grande alma universal, perpassavam écos esparsos. Amansava-se a natureza. O dorso das montanhas arredondava-se, boleava-se num aperfeiçoamento consciente, e num anceio de Belleza. Sorriam os vales, mais verdes e mais densos, e os rios silenciosos lambiam as sarças marginaes num terno amor de humilde escravo. Ao longe, para além das montanhas — lá onde nuvens e cerros se beijam com um beijo profano — expandia-se em hymnos de melancholia a harmonia dos mundos sonorizada, trilos d'aves, lagrimas dos tristes, rumores dos bosques, trovejar de raios, soluços do oceano. . .

Das bandas do Egeu — d'onde se alava a aragem do Zefiro meigo — um velho caminhava. O homem lançou-lhe um olhar esconso. A estrada era longa. Sulcavam-na os vestigios das rodas do carro marchetado do tirano. Apressou-se. Parou. O homem olhou-o franzido:

— Realisa uma idéa pura, homem que és feito de trevas e ousas aspirar á luz. . . A luz está para além, d'onde veiu a alma, a chamma que entibiou na alliança incestuosa com essa grêda impura, que ahi jaz inerte,

Realisa a justiça e indaga o mundo. Essa tibia chamma te guiará. A quem deseja, na mais densa escuridade, uma candeia é guia facil.

Soffre a vida. Que ella te não possua. Ella é como a afloração d'um arco, cujas pontas mergulham na terra. A vida é esse arco, é a continuidade precisa para voltares á

Paz eterna da Liberdade e da Pureza, ao seio de Deus, lá onde te não fará palpitar sombra de desejo, nem a duvida gelará teu coração, nem te animará a crença em que viverás porque não existes. . .

E seguiu pela borda da estrada, evitando os sulcos do carro marchetado do tiranno, seguiu a passo lento, sumiu-se no além impossível e negador, apagou-se nas sombras vagas do nada.

O sol já não gargalhava. Exhausto de fadiga, empallidecia com um riso parado e propendia para o grande leito de fôfas nuvens, a noivar.

Mas o Homem viu ainda do meio da tristeza crepuscular surgir um vagaroso vulto melancólico. Da escuridade vespertina viu ainda brilhar com fulgor luminoso, num brilho transcendente, os olhos bons do místico vulto. Seguiu direito a elle, pisando com desdem os sulcos das rodas doiradas do carro do tiranno. Parou.

O homem bocejou e fechou os olhos.

— Platão falou a Verdade, homem que soffres porque existes e existes porque soffres, num fatalismo inexoravel de desgraça. A vida é um meio, uma prova, não um fim. Sómente não procures realisar — oh! Utopia blasphema! — uma idéa pura. O teu cerebro impuro nem póde concebê-la, como um terreno pantanoso não faz brotar a candida açucena.

Eu venho de Deus, meu pae, para te ensinar o verdadeiro caminho da felicidade e a verdadeira norma da vida. Na minha alma transmigraram-se todas as bondades do seu infinito coração. Por isso no meu peito ha lugar para todas as cabeças alanceadas, lugar para todos os arrependidos. Por isso a minha mão secca acaricia todas as cabezinhas, desde o anjo doirado já marcado para a dôr, da fronte escandecida do criminoso ás cans impuras do velho que poluiu. Eu dou a paz ao remorso, o esquecimento á saudade; justos e peccadores, sabios e ignorantes, velhos e novos, mães e cortezãs, vinde a mim que no meu peito eu reservo a todos o tepido calor da minha toga estreita, e inteira e una como Deus; vinde a mim que nos meus olhos ha prantos para todas as desgraças, na minha bocca perdão para todo o mal.

Deus disse-me: «Vai, consola-os e trá-los ao meu seio!» Por isso eu chóro comvosco,

ó pobres que soffreis d'um mal incomprehendido e incuravel, ó tristes d'este mundo.

A vida é o soffrimento; viver é soffrer muito, superviver é soffrer com os olhos postos em Deus, a alma quente numa esperança da verdadeira vida futura, no mundo da graça. Lá Deus te espera, braços abertos, uns grandes braços a palpitar de amor, todos apertando com carinho. Soffre o mundo, homem, que a morte não é o fim, é o principio.

Artistas, pensadores, tirannos, pobres vermes embriagados de vontade, todo o vosso trabalho é vão! Deus ri-se das vossas presumpções! E quando ergueis ao céu a Babel irreverente do pensamento, fá-la ruir numa temerosa catadupa de desillusões. Já foste á campina ondeante de messes fartas, na primavera em flôr, quando as aves noiavam pelas aradas verdes e a natureza ri? Então a tua mente desorientada, como véla perdida no pélagos da imaginação, quantas ambições architectou sobre a falsa areia do teu poder, quantos mundos novos phantasiou, quantos céos se illuminaram ao teu pensar, quantas nações tu esquartejaste a um gesto! Mas o céu turvou-se, uma escuridão sinistra desceu sobre ti. Relampejou, ribombou o trovão. . . e n'um momento, escondido até meio entre as messes fartas, mediste a tua pequenez, vendo n'um largo olhar nublado a campina interminavel.

Pensadores não inimigos de Deus a devassar os aditos da sua vontade; artistas nulos, criadores d'uma belleza humana, restricta, fugaz e peccadora, a representação adulada da carne, o estímulo aos sentidos. Que é uma estatua ante o mundo, ante o céu, a terra, o mar? Um pequeno seixo impuro.

Soffre e vive. porque viver é soffrer e soffrer ascender a Deus. Mas quando teu coração se alancear e teus olhos se molharem na dôr cruel da duvida, vem ao meu peito esquecê-la, bebendo o balsamo eterno da crença eterna, vem ao meu manto seccar as tuas lagrimas vencidas.

Então o homem levantou-se e correu, braços abertos, a acolher-se ao magro peito do viandante.

O sol recahira no seu letargo d'uma noite. O ar tornou-se leve e luminoso. No céu não moribundeava a lua; só dos olhos do viandante se esparzia uma luz espiritual e bran-

ca. E não se foi embora. Alli passou a noite, a acalantar na toga pobre o homem a soffrer.

A natureza crúa anastomasára-se na grande massa homogenea da noite. O mar urrava com furia, ciumento amante, rojando-se em abatimentos de pedido, com longos cicios espumantes pela praia, com intermitencias de colera, a galgar avidamente pelos seios reconditos das ilhas pudicas. Os artistas dormiam o somno eterno das almas dissipadas num desanimo. Monstros marinhos subiam pela areia. Dos covís sahiam as fêras, olhar agudo, faro attento, por entre os destroços das velhas epopêas da carne, em marmore, despedaçadas n'um impeto de descrença. Lambiam-nas, com amor, magicas transfigurações das almas dos artistas. E sob o olhar amarello. vitreo, das fêras, o marmore em transportes de yolupia, como que vibrava todo, n'uma revivescencia de antigas bellezas. De longe chegavam rumores trovejantes, alguma montanha a desmoronar-se, minada pelo oceano, algum mundo ruindo pelos espaços, alguma estrella que tombara apagando-se nas aguas, em convulsões, na lucta pavorosa da luz e da treva.

E o Christo, de barba afilada, um dôce perfil da Judéa, sonha e sustenta nos braços ossúdos o corpo flacido do Homem a soffrer.

Talvez que naquelle grande olhar lancinante, elle fosse repetindo as harmonias pacificadoras d'algum salmo, talvez — angustia! — talvez elle revisse, num grato aspirar de saudade, o estreito horisonte da plebeia Nazareth com seu grande sol, seu silencio resignado, suas tristezas messianicas, a sinuarem lentamente, amorosamente pelas vigorosas cumiadas do Carmelo. Talvez que no mais recondito recesso da sua alma — profanação! — palpitasse uma revivescencia de virilidade pagã, e á sua saudade se desenhasse o vulto dôce e macerado d'uma virgem lutuosa, de escuro olhar luminoso, triste como um ocase a desfazer-se em luz, brando e oppressivo como uma solidão d'amor, o cantaro molhado, o fumo transparente a subir no ar calido, com trepidações vibrateis. . .

Toda a natureza se entristecia numa saudade do Nada Universal, num abatido aneio de anniquillamento. As estrellas, ama-

rellas, lentos suspiros de luz, dizem a elegia dos mundos.

O Christo chora. Olha o Homem a soffrer, a chorar, e soffre e chora tambem.

— Eu sou teu filho e creio em ti, mas eu soffro, ó Deus. Embora a minha alma seja um farrapo da tua, immensa e infinita, como um véu enorme rodeando o mundo todo e o mundo todo acalutando, essa faisca fugidía do Teu clarão perpetuo — ó Deus, ó pae! — fundiu-se a um barro vil, e eu, embora teu filho, fui homem. Collocado entre o céo e a terra, não posso optar pelo céo, porque sou homem, não posso optar pela terra, porque sou teu filho. Por isso eu choro e soffro.

Virgens de cabellos doirados, em véus raros, cruzavam-se com adejos de pomba fatigada, em danças pagãs de himeneu. E o Homem sacudia os braços, aos córos alcionicos das virgens a embalar os mundos.

Dos montes negros, como solta após longa lucta dos seus pincaros abruptos, surgiu a lua, e num momento derramou-se um lacteo palôr, polvilhando de neve a coma das arvores. Chorões entrettecidos preguiçaram pela encosta, a despertarem do torpôr da treva. E as virgens de cabellos doirados cruzavam-se em torno do Homem, em adejos de pomba com danças pagãs de Hime-neu. E sacudiam as capellas de jacintos e rosas pallidas, mirtos e lirios. Embalde o viajor apertava mais no seu peito cavado a cabeça latejante do Homem a soffrer.

Pelos ares palpitavam nevrosidades de desejo, e os braços rugosos das velhas arvores, estendiam-se aos céos, hirtos de seivas vivas. Sombras fluidas corriam da banda do mar, olhavam o Homem triste a chorar, e corriam sempre e fugiam. . .

Embalde o vulto puro desenrolava magamente a toga, a crescer, a enrodilhar o Homem. Sombras fluidas corriam da banda do mar, olhavam o Homem a chorar, corriam sempre e apagavam-se. E o viandante casual d'uma noite mais estreitava o Homem.

Pastores correram dos desfiladeiros, saudaram nas avenas as virgens brandas. Depois, enquanto os gados se espalhavam baltando, entreteceram capellas de troncos sêcos.

O Homem sacudia-se num acordar de espirito. Sombras fluidas corriam, virgens brandas cantavam, pastores apascentavam.

Desceram pela vertente calada batalhões resplendentes de prata, aos archotes lividos, derramaram-se pela planície, interrogaram os pastores. As virgens brandas apagaram-se num tenuo vapor esbranquiçado. Era triste a noite, tornára-se sinistra a lua etherea, e os cimos dos montes empallideciam lugentes. Murmurava o mar choros gemebundos de velho saudável, debandavam os pastores, contorcía-se o Homem a suffocar, enrodilhado no manto, a crescer sempre.

E os batalhões resplendentes, em épicos ginetes, ao clarão queimado dos brandões, batiam a planície, incendiavam as sarças, sondavam as cavernas, interrogavam as estrellas. Alguem vislumbrou a luz espiritual dos olhos bons do peregrino. Soou um clamor e logo os exercitos o rodearam. E levaram-no manietado e mais triste, como que envergonhado sob o peso dos mantos de pedrarias, cabeceando funambulescamente sobre o corcél couraçado e atirando um derradeiro olhar ao Homem, a revolver-se calado, no chão, suffocando tolhido entre as faixas entrelaçadas do manto.

Apagou-se a lua, o mar de luto soluçou, lançando-se nos braços quentes das amantes. E as sombras fluidas adensaram-se, corporisaram-se em vultos gigantes.

— Eu sou Dante, Homem, pobre triste, que soffreste milhões d'annos na contemplação extatica do Universo inatingivel e que soffreste seculos nos braços d'esse mendigo agosto.

Elle era Deus. A sua alma era grande como o Mundo, porque ella era a força que anima a vaga, a tristeza que escurece o suspiro, o sopro do vento que impelle a nuvem, o clarão que crepita na chama. Mas tu, pobre triste, esqueceste-te e deste-te, os olhos fechados com confiança, o peito quente de fé. E não viste, pobre cégo, enquanto dormias, os pastores dependurarem da sua fronte pura as capellas de troncos seccos e nús — symbolos da Morte — e nos seus hombros os tirannos, descendo um momento dos carros marchetados, dependurarem mantos pesados de pedrarias custosas — insignias do mando.

Elle — o Bom — nem os sentiu, só cuidando em te acalentar eternamente no eterno somno do eterno esquecimento de ti proprio. Mas a sua toga suffocava-te... as virgens cantavam. Por isso acordaste.

Eu sou Dante, e amei...

Cuidei que no calix transcendente da odorosa flôr da Paixão jazesse o nectar da Felicidade, fosse ella o sonho, o somno, a lagrima, fosse o riso, o esquecimento, a actividade, o luto ou a morte. Eu só queria a felicidade, eu só queria norte para a vida. Por isso, ciumento da borboleta, do sol, do orvalho, colhi a flôr da Paixão e escondi-a bem ciosamente no meu peito palpitante de amor. Mas a luz do meu peito era como uma tocha sem calor, a empallidecer ao grande sol. E a flôr, sem a grande liberdade do azul, sem as grandes chuvadas do céu, sem a seiva vivificadora a subir da terra, emurcheceu, tombou da haste. Bejei-a então com aquella anciedade indizivel, com que as mães querem transmittir o sôpro da vida aos filhos, em longos osculos na bocca fria, bejei-a com um amor que nem Deus ainda sentiu, um amor que animaria o Universo inteiro, que daria luz ás estrellas, pensamento e vida á montanha. E ella — ó Homem, chora comigo — e ella morreu, sem uma vez, ao menos, ter evolado o precioso nectar. E eu, hoje, vivo só d'esta saudade, sonorizando, nos meus carmes, a perpetuidade do meu soffrimento.

E passou além, mãos no peito, enquanto o Homem se revolvía na terra. Sombras fluidas adensavam-se, corporisavam-se em vultos gigantes:

— Tu levantas, Homem, castellos de Illusão, pequeno mar querendo subir á lua, a pallida amante inconseguida de alvo sudario, á lua da Verdade! Corres pelas planícies, galgas os cimos asperos, estendes os braços ao céu, choras, imploras, anceias... e desanimas e choras ainda, rojando pelo chão a face macerada.

Mas não vês que tudo chora e tudo soffre. O céu de noite, com lagrimas sideraes, chora o sol, o mar chora a lua, as ilhas choram a sua condição de escravas d'um amante lascivo e brutal. As flôres lacrimem o crystallino orvalho das manhãs, chorando os amores da treva, os mundos choram elegias plangentes, e a tua alma, atomo perdido da grande lagrima Universal, chora e soffre.

E' essa a unica realidade: a Lagrima. Tudo quanto vês é transitorio e fugaz, tudo tem sua realisação ideal sómente no instante. Para lá é o passado, para cá é o futuro. A vida é o instante em que se chora e se ama. Apaga do teu cerebro a imaginação, e a vida será

um ponto no espaço e um instante no tempo. Porém, alguma coisa se conserva através da sequencia interminavel de pontos do espaço e momentos do tempo: a Fôrma, a unica verdade attingivel.

Vê o mundo na côr e no contorno e ama-o. Ajoelha e adora o cerro ingreme, o valle vertiginoso, o rio placido, o verde, o azul, a purpura. Vendado, nos braços d'um peregrino escuro, esqueceste o mundo. Renasce para elle, deslumbra-te e adora-o. Camarinha da grande lagrima, a ella regressarás. Chora e vê. Adora a Lagrima e adora a Fôrma.

Tinha-se libertado das préguas confusas da toga immensa e, estonteado, contemplava o velho mundo. Era o mesmo. Seculos de cegueira tinham-no apagado da sua memoria, mas revia-o o mesmo. E soltou aos céos a mesma voz cansada:

— Tudo é fôrma e côr, tudo luto e la-

grima, diz a natureza. Tudo é som, diz o vento a murmurar, diz o mar a soluçar, diz a floresta a susurrar. Nem a Idéa Pura, nem a renuncia á Vida, nem o Bello, nem a ancia da Verdade e do Bem occupam a ociosidade d'este captivo cruel.

Eu vi ruir as estrellas, vi correr o vento, vi correr o mar, todos numa debandada pavorosa para o Nada. Só eu, parado ha milhões de annos, estou deitado e soffro sempre. D'onde vim... não sei. Lá d'onde sopra o vento. Para onde vou... não sei. Lá para onde se apaga o sol. O meu corpo chagou-se em pustulas dolorosas, e o espirito, sem norte, beduino perdido no areal do Pensamento, erra ao longe, doidamente, pelos páramos da Duvida...

E continuou deitado e soffrendo sempre. Só mudou de posição, voltou as costas para o céu...

1908.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

A domadôra

Subindo a empinada encosta da deveza
ia um carro de bois. Sob a carga ajoujados,
os pobres animaes puxavam, resignados,
n'um arranco brutal de possante grandeza...

Eram lindos assim, de fôrça e de belleza,
com os peitos a arfar, os dorsos arqueados,
a baba a escorrer e os musc'los retesados,
tentando triumphar da propria natureza!

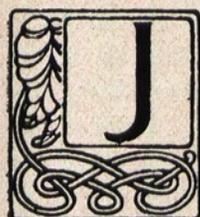
E para os subjugar, fazendo dispende
tamanha fôrça e toda esta energia... apenas
bastava um garotito, armado d'uma cana!

E vendo isto, eu lembrei-me então de ti, Mulher,
que ha tantos sec'los vens, com tuas mãos pequenas,
domando o Homem — essa ingrata féra humana...

J. Regalla.



Contrabando e contrabandistas



Á em tempos muito remotos o contrabando era prohibido, e, em certos casos, considerado um grande crime, a que se podia aplicar a pena de morte. Não diremos que essa prohibição seja absolutamente justa ou injusta; porquanto ou o livre-cambismo traria consigo um maior desenvolvimento industrial e commercial, por meio d'uma concorrência universal, ou então seria causa do aniquilamento do commercio e industria de cada nação.

Para obstar a esta segunda hypotese, e partindo do principio de que o governo deve proteger sempre o trabalho nacional, é que foram instituidas as alfandegas.

Existiam primitivamente com o character civil; mas em 1885, pela necessidade de disciplinar os respectivos agentes e para valorisar quanto possivel esta importantissima fonte de receita, militarisaram-se, substituindo os antigos *guarda-barreiras* pela actual *guarda fiscal*. As alfandegas veem dos tempos feudaes.

Os senhores prohibiam, sob varias penas, a entrada de certos productos nos seus territorios, e concediam a entrada de outros, mediante a paga de um determinado imposto. Cada feudo tinha uma alfandega particular; o que dava em resultado um systema complexo de alfandegas — que eram um empecilho para o desenvolvimento do commercio e industria de cada nação.

Só no seculo xvii, e devido á ideia do *système mercantil* de Colbert, se estabeleceram as alfandegas nacionaes, sujeitas ao governo central. Para isso publicou aquelle

grande estadista, successor de Mazarino, em 1662, uma tarifa prohibitiva para os productos estrangeiros. Este pensamento da França generalisou-se immediatamente. Mas logo em 1672, como o tem sido até hoje muitas vezes, foi causa de uma guerra, entre a França e a Hollanda, que durou seis annos. A maior parte das guerras na Europa tiveram por causa ou effeito os *trattados de commercio*.

As alfandegas teem servido muitas vezes como arma de guerra. Napoleão querendo hostilisar a Inglaterra no que ella tinha de mais vital — o commercio —, formulou o plano de balisar por meio de postos aduaneiros, (*bloqueio continental*) a extensa linha maritima que vae de Lisboa a S. Petersburgo. Levado a bom termo, equivaleria a forçar a Inglaterra a um isolamento mortal.

Entre nós chegou a servir para proteger a religião dos ataques dos livres pensadores. Quando as risadas de Voltaire e a profundidade dos argumentos da Encyclopedia faziam estremecer os thronos e os altares, dando a posse solemne da consciencia livre á humanidade fanatisada, attribuiu-se ás alfandegas o dever de proteger o espirito religioso do paiz, impedindo a entrada dos livros portadores de novas ideias. Para o que nascesse dentro do paiz, ou escapasse pelas malhas da alfandega, cá estavam as fogueiras da Inquisição.

Da prohibição, da vigilancia e do castigo resulta a necessidade de inventar meios engenhosos, subtilezas velhacas, para passar o contrabando e escapar á alfandega. Falamos de contrabando, mas no sentido generico de infracção dos regulamentos fiscaes aduaneiros. No seu sentido proprio, estas in-

fracções podem ser de dois modos: — por contrabando e por descaminho.

Contrabando é a importação ou exportação de mercadorias, cuja entrada ou saída seja absolutamente prohibida. Descaminho é todo e qualquer acto fraudulento que tenha por fim evitar, no todo ou em parte, o pagamento dos direitos ou impostos estabelecidos sobre a entrada, saída, fabricação ou consumo de mercadorias. Os castigos applicados por contrabando ou descaminho, são a multa, a perda da mercadoria e a prisão do contrabandista.

A astucia dos contrabandistas está na razão directa da vigilância fiscal. E nós bem sabemos que elles teem feito o que não lembraria ao diabo.

Ha em Portugal — como em todas as nações — verdadeiros profissionais dedicadissimos, que levam a vida entre mil interessantissimas aventuras e a sombra das cadeias. Tanta intelligencia, tanta originalidade, faz-nos pensar que certos contrabandistas podiam ser talvez grandes homens se teem nascido n'um meio melhor.

No ramo da sua actividade attingem por vezes a perfeição.

Quem se poderia lembrar de que os pombos-correios podiam servir aos contrabandistas para a passagem de joias caras, que d'outro modo mais facilmente cairiam nas mãos do fisco?

Pois servem; principalmente na fronteira commum á Suissa e á França.

E passam, innocentemente, longe da desconfiança.

Outras vezes são os cães amestrados, velozes e surrateiros, que passam cautelosos, coleando fraguedos e carreiros escuros, para não serem tão facilmente attingidos pelo tiro da lei.

Este meio tem feito suar a testa aos ca-

rabineiros espanhoes na linha de Gibraltar para o interior.

Como facilmente se depreheende, se da parte dos contrabandistas se estudam todas as fórmãs, se empregam todos os meios, para fugirem á acção da guarda fiscal, da parte da guarda fiscal procura-se tambem exercer uma vigilancia cada vez mais intelligente, procura-se apurar o *faro*.

O nosso guarda fiscal, para melhor poder corresponder a esta exigencia, é recrutado entre a tropa de linha e reservas militares. Gente simples, sincera e franca, tomando bem a serio os conselhos e ordens dos seus superiores hierarchicos, depressa se adaptam a este perigoso mister de caçar homens e outros animaes e coisas, no sentido de manter o respeito pela lei que são os interesses da fazenda nacional. Em regra o guarda fiscal é honesto. O que o faz ser malquisto é essa qualidade. A sua aspiração é agradar áquelles de quem depende.

Para elle, o resto da humanidade são tudo seres susceptiveis de um dia lhe virem parar ás mãos como infractores da lei. Communica sempre com elles, para

manter sempre independente a sua liberdade de acção no exercicio das suas funcções. Não direi que é absolutamente incorruptivel; mas o de outros paizes é-o muito menos, não sei se por virtude da instituição se por virtude do homem.

D'aqui e de tudo nasce a rivalidade entre o fiscal e o contrabandista. Entre um e outro não ha harmonia possivel. São o *cão* e o *gato*. Fóra do exercicio das suas funcções, toleram-se; mas no fundo ha o mesmo rancor felino.

Eu conheço um velho contrabandista, heroe destemido, cuja vida foi uma verdadeira epopeia.



O CANDONGUEIRO JOAQUIM JOSÉ

Natural da Beira-Baixa, de familia pobre, e assim mesmo muito cedo privado d'ella, viu-se de repente obrigado a ganhar com que viver. Olhando para o seu franzino corpo não lhe viu geitos de poder tirar da terra pão que bastasse para seu sustento. Não era que lhe faltasse alma para isso. A provincia é rica, mas toda a riqueza é arrancada á terra á força de braços. A classe pobre vive da enxada.

E elle tinha doze annos, pouco avantajados porque eram muito cheios de fome; não podia começar pela força, começaria pelo geito.

Arisco como um pardal, e leve como uma penna, sentia-se apto para a vida aventureira que levavam os contrabandistas seus conterraneos. Offereceu-se a um d'elles que o acceitou logo.

— E' preciso muito lume no olho e muito azougue nos pés, meu rapaz. Vaes hoje a Hespanha buscar um pouco de tabaco. E' o primeiro ensaio. Não ha que olhar ao tempo: — chuva, frio e tres acelerados por noite, são o pão-nosso de cada dia.

Partiu. Uns magros cobres eram a armadura com que entrava na lucta da vida. Chegou a Hespanha, comprou, bem pouca coisa, que escondeu dentro da camisa.

E contente, e feliz, julgando trazer no seio o germen da ventura feita de tabaco, esperou que o poente escurecesse e dispôz-se á volta passando o Erges, que nesse janeiro agreste ia de mar a monte.

A noite estava escurissima, chuvosa e ventada. Com agua até á cintura, lá passou como pode. Mas, quando tacteava o alto rochedo da margem portugueza, negro e aprumado, ouviu uma voz, por cima da sua cabeça, que dizia:

— Olho á lerta. Esta noite palpita-me. Aqui é o unico sitio por onde pódem passar.

O noviço ficou sem pinga de sangue! Por pouco que não soltou as mãos e foi levado pela corrente! Vêr o seu primeiro vôo tão perto de cair na mão inflexivel dos guardas fiscaes, estonteou-o; mas por um impulso forte e immediato da sua vontade, decidiu contrariar este acaso estúpido. Agarrou-se melhor, e, como um gato, agil e matreiro, foi de abraço em abraço torneando as escarpas do rochedo, a desviar-se, a fugir.

N'isto, ouve ainda dizer ao fiscal:

— Não vês além qualquer coisa que mexe? um vulto...?

— Nada, não vejo nada.

— Aqui n'esta direcção, não vês?

— Não vejo. Isso ha de ser cousa que se te afigura.

— Será; mas vou lá desenganar-me.

Sentiu então vir para o seu lado, mas dirigindo-se a um ponto mais afastado de si, o homem que falára. Acaçapou-se mais dentro de uma ravina, e esperou que passasse.

De repente, sente passar rolando por cima da cabeça uma trouxa pesada que ia regongando uma pra-

ga. Era o homem, que escorregára e se dirigia ao seu objectivo mais depressa do que queria. O companheiro para quem falára desceu logo pressuroso, e por um triz que não pizou uma orelha ao pequeno contrabandista que estava alapardado, protegido pela noite e agora por este feliz acaso. Ha males que veem por bens.

O garoto pode afastar-se então, e n'um momento estava longe d'ali. Preocupava-o menos a aspereza da noite e o mal do proximo do que a necessidade de se pôr a salvo. Era a sua primeira aventura, muito romanesca, se bem que perigosa.



FÓRMA DE PASSAR PRESUNTOS

Ouvira, a uns palmos por cima da cabeça, a voz da lei que o assustára; sentira passar por cima da cabeça a lei, que perseguia para deante, mas perto de si, um vulto talvez imaginario, e que, se não é o escorregão providencial o teria talvez empalmado a elle. Foi um ensaio muito a sério. Mas, *audaces fortuna juvat*.

*
* * *

Foi crescendo em annos e astucia, e aos vinte fazia parte dos bandos que, umas vezes a pé e outras a cavallo, fazem contrabando e larga escala, commissionados quasi sempre por commerciantes do interior do paiz.

Não o fadára porém a sorte para ser rico. E no meio d'aquellas alternativas de sol de liberdade e sombra de cadeias, começou a sentir a nostalgia de outros logares com melhor fortuna.

Como a todo o provinciano desajudado, sorria-lhe ao longe Lisboa, como terra riquissima onde o dinheiro corre pelas ruas.

Partiu da sua aldeia atraz d'essa miragem que é a fortuna de muitos e a desgraça de muitos mais.

Errou *solitario por entre as multidões*, mas viu que não estava preparado para viver sem collidir com a lei e arrependeu-se de ter vindo. Até que um dia, talvez porque os farrapos atrahem os esfarrapados pela mesma lei que a materia atrahem a materia e o dinheiro dos ricos mais dinheiro ainda, achou-se novamente entre os parias, os desherdados, os que a sociedade repelle, transferido da fronteira para egual mister na capital. Era *candongueiro*.

Precisava, todavia, estudar muito mais.

Contrabandear nas barreiras da cidade é differente de contrabandear na fronteira. Agora, visto que não podia furtar-se ás vistas do fisco, era necessario illudi-las, e assim foi correndo aventuras; hoje, subtrahindo o alcool aos direitos de consumo por meio de tripas; ámanhã, em colletes de folha; depois, das mil diversas maneiras que a rotina da sua arte conservava através do tempo e da civilização.

Voltava ás alternativas da liberdade e da prisão, contente com uma, como um pardal á solta, e resignado com a outra, como inquieto que não tem de cuidar da renda da casa nem da conta ao mercieiro.

Sive bene, sive mal, tudo era viver. Tornou-se conhecido, e o seu retrato, como o de tantos outros collegas, foi collocado nos postos fiscaes da estrada de cintura da cidade, em photographias de $5 \frac{1}{2} \times 9$, tendo nas costas do cartão o registo de identidade.

A sua vocação especial e o seu amor pela arte fizeram-no originalissimo.

Um dia tirou a palha da albarda de um gericco que alugára e substituiu-a por tripas d'alcool. Coseu o melhor que soube, apparelhou novamente o gericco e, para desviar desconfianças, carregou três mólhos de milho verde, e dos lados do Poço do Bispo vieram os dois cumplices para entrar

por Xabregas. Perfeitamente senhores dos seus papeis, um na sua bemaventurada inconsciencia asinina e o outro no seu sangue-frio de homem a quem o habito profissional gastou as commoções do perigo, iam seguindo os dois.

Mas ao passarem junto da sentinella, não sei se por acaso se por manha, o burro caiu.

Pela característica curiosidade alfacinha e saloia, juntou-se muito povo e entre elle



A CANDONGUEIRA ROSA MARIA

alguns fiscaes do posto proximo que tambem ajudaram a erguer a besta, lamentando todos que haja, onde quer, um bocado de mau caminho. O arrieiro, com uma cara de innocencia armando á compaixão, agradeceu muito, e seguiu, seguro do bom exito de mais esta rascada. No dia seguinte constou aquella tramoia, e os guardas praguejavam o seu dó pelos animaes que cáem, origem de logros como este, que os fez suar a ajudar a erguer uma carga d'alcool. Protestaram vingança, como todos os logrados.

Tempos depois, liam n um jornal: «Foi preso, por denuncia, um individuo que pretendia passar pelas barreiras do Poço dos Mouros, quatro litros d'alcool em caixas de folha, adaptadas ao interior de dois vasos e occultas sob uma ligeira camada de terra com flôres. E' reincidente, com largo e interessante cadastro. Já conseguiu subtrair aos direitos uma grande porção de alcool dentro da albarda d'um jumento, com a divertida particularidade de este haver caido perto do posto fiscal das portas de Xabregas, e uns

guardas mesmo o ajudarem a levantar, sem de nada desconfiarem. Saiu da cadeia ha pouco tempo ainda por tentar passar uma porção d'alcool em falsos taipaes d'uma carroça.

E' um dos mais destemidos e engenhosos candongueiros.

Muita vez tem feito suar a testa aos guardas fiscaes.

— Pois sim, sim! . . . E' fino, mas sempre vae caindo como os melhores — commentou o guarda, despeitado.

— Se me cálha cá pela porta alguma vez, hei de carregar a participação cá d'uma certa maneira, que ha de pagar cara a partida do burro.

Cada dia tomava seu disfarce, obrigando o fisco a adoptar expedientes que por causa de outros nunca foram precisos.

Muitas vezes, quando á porta do quartel os guardas espumavam com desejo de vingança por mais um logro do nosso heroe, elle, transformado já, fazia córo com elles, dava-lhes razão, achava justa a sua indignação, e assim passava mais uma vez.

Fôra contractado para passar uma certa quantidade de presuntos de Lamego.

Deu tratos á imaginação para inventar um novo estratagemma e conseguiu-o.

Os presuntos deviam ser passados um a um para dentro da cidade, por sua propria mão, como se levasse, dentro de um sacco, uma guitarra de que apenas se via a reluzente chapa de leque. O caso era simples. Mettia um presunto dentro do sacco e, com a mão, apertava-lhe a boca onde estava mettido um braço de guitarra.

Dir-se-ia que voltava de um passeio ás hortas.

Perseguiam-no já guardas á paisana que elle, como habil transformista, ludibriava. Mas no dia em que elle passava o vigesimo presunto, a alguns passos já da sentinella, sentiu no hombro a mão d'algum que lhe dizia a meia voz :

— Vá lá esse fadinho !

Volta-se e reconhece a cara de um fiscal á paisana que já o havia prendido mais vezes. Processado, e preso por se recusar a pagar a multa imposta, encafuaram-no no Limoeiro.

Era ali, mais socegado e em mais atuado convivio com os seus irmãos na arte e



VASOS DE PASSAR ALCOOL

outros *artistas de artes correlativas*, que elle estorcegava a esphinge da Necessidade até lhe fazer revelar novas maneiras de illudir a guarda fiscal.

Posto em liberdade, voltava á execução dos planos concebidos durante o tempo de férias a que o rancor dos seus inimigos o obrigava.

Entrava dezembro quando elle saiu do Limoeiro.

Passeavam nas ruas os numerosos bandos de perús, que são numero obrigado nas festas do Natal.

De que havia de lembrar-se? De fazer instrumento da sua profissão um innocente bando d'aquelles gallinaceos.

Foi ter com um relojoeiro, a quem já servira, e offereceu os seus prestimos.

Tinha lá uma ideia, que não dizia, porque as paredes ás vezes teem ouvidos. A occasião era opportuna.

Chegára ao Tejo um vapor vindo do estrangeiro, e um dos tripulantes fizera desembarcar na Outra Banda uma caixa de relógios que o relojoeiro havia encommendado com empenho. Estava combinado. Os relógios seriam passados debaixo das azas dos perús. Cada um tomaria á sua conta dois relógios.

E assim foi.

A originalidade da invenção garantia o bom exito da empreza. Quem poderia desconfiar de tal?

*
*
*

Até aqui havia a astucia pobretona, vestida de burriqueiro, de moço de esquina, de carroceiro, de fadista de guitarra e melena, de vendedor de perús, etc.

Faltava-lhe ainda passar deante dos seus inimigos não já despercebido, como d'antes, mas á vista d'elles, profundamente acatado por elles.

Queria ainda rir-se lá por dentro, como a sanfona, vendo-os humilhados, com os mesmos olhos com que os vira altivos, arrogantes, exterminadores do seu modo de vida.

Elle que havia provocado os seus odios, provocaria tambem o seu deslumbramento.

Recorreu á civilização e esta disse-lhe que o habito faz o monge; e elle, conforme se vestisse, seria general, bispo, papa e tudo o que quizesse:—o homem, é sempre o mesmo animal mais ou menos racional. Desejava ardentemente mais aquella vingança.

Perpassou-lhe pela mente uma ideia feliz, e teve vontade de rir-se, como o genio que tem a rapida intuição das coisas nas suas causas e nos seus fins.

O seu plano foi vestir-se de alferes, e metter-se n'um trem previamente preparado com caixas de folha adaptadas aos vãos dos assentos, da almofada, etc. Era excellente. Poderia passar, não só neutralizando, mas aniquilando até o fantasma da sua vida — a guarda fiscal. A' sua passagem, a sentinella teria um calafrio de respeitoso temor, e, sem revistar, até diria, n'aquella sua gentileza de urtiga em jandim:

—*Ora essa! tenha a bondade de seguir!
ora essa, meu alferes!*

Em virtude d'esta ideia, por causa do alcool podia deixar de existir guarda fiscal.

O que eu sei dizer aos leitores é que se o maroto do cocheiro não dá em ter inveja da fortuna do supposto alferes, todo o alcool dos arredores de Lisboa seria mudado para dentro da cidade sem pagar dez réis de direitos.

Mas, como não ha mal que se não acabe, tambem não ha bem que sempre dure.

E com a denuncia do cocheiro, foi apanhado aquelle melro de bico amarello que fazia honra a muitos outros melros d'este pinhal d'Azambuja.

Se é verdade que a evolução religiosa tende para a adoração da razão, da intelligencia, ahi fica mais um idolo a que a posteridade levantará altares, já que os idolos contemporaneos, com menos razão e menos intelligencia, não querem pagar essa divida sagrada.

A Humanidade quanto mais se distancia da vida d'estes gigantes, melhor lhes avalia a grandeza das proporções.

Confiemos no futuro.



O PAE DE SIMÃO

(De Guy de Maupassant)



CABAVA de dar meio-dia no relógio da aldeia.

A porta da escola abria-se de par em par, e os garotos precipitavam-se aos encontrões para sahirem mais depressa, mas em vez de se derigirem para casa como costumavam, detiveram-se a alguns passos, formando grupos e cochichando.

E' que n'esse dia, Simão, o filho da Blanchotte, tinha vindo á escola pela primeira vez.

Todos tinham ouvido falar da Blanchotte, e ainda que toda a gente na aldeia a tratasse muito bem, as mães entre si, manifestavam por ella uma compaixão despresivel, que tambem se tinha apoderado das creanças, sem que ellas soubessem porquê.

Quanto a Simão, não o conheciam, porque não sahia nunca, nem costumava entreter-se com elles em brincadeiras.

E como não gostassem muito d'elle, por ser filho da Blanchotte, foi com uma certa alegria, misturada com um espanto consideravel que acolheram uma phrase dita por um companheiro de 14 annos, que depois foram repetindo uns aos outros:

— Sabem?... o Simão... não tem pae! Apareceu então o filho da Blanchotte no limiar da porta da escola; tinha uns sete ou oito annos, muito pallido, aceado, mas com um ar timido, compromettido.

Voltava para casa de sua mãe, quando o grupo dos seus camaradas, cochichando sempre, e mirando-o com o olhar proprio das creanças que preparam uma partida, o rodeou pouco a pouco, acabando por o metterem n'um circulo.

A pobre creança posta assim no meio d'elles, ficou como que aturdida sem perceber o que lhe queriam fazer.

Mas o garoto que tinha dado a novidade, orgulhoso com o successo obtido, perguntou-lhe:

— Como te chamas tu?

— Simão — respondeu a creança.

— Simão quê? — perguntam-lhe de novo. Muito confuso responde novamente:

— Simão.

— Mas tu has-de por força ter algum appellido... Simão só, não pode ser.

E a pobre creança quasi chorando, respondeu.

— Chamo-me Simão!

A garotada começou a rir, e aquelle

que o interrogara voltou-se para os companheiros, e disse:

— Vêem bem que não tem pae?!

As creanças depois d'um grande silencio, admiradas por uma coisa tão extraordinaria, impossível, monstruosa: *um rapaz que não tinha pae*, olhavam-no como um phenomeno, como um sêr fóra do vulgar, e sentiam augmentar em si o desprezo, inexplicado até ahi, que suas mães manifestavam pela pobre Blanchotte.

Simão, tinha-se encostado a uma arvore para não cahir, e ficara com o que aterrado por um desastre irreparavel.

Tentava explicar-se, mas não encontrava nada que responder, e não podia desmentir essa verdade horrivel: *não tinha pae!*

De repente, fazendo-se livido, gritou:

— Sim, tenho um.

— Onde está elle?—perguntavam-lhe.

Calou-se, não sabia. Os outros riam muito, excitados, e esses filhos dos campos, quasi selvagens, experimentavam a necessidade cruel de ferir moralmente o pobre Simão. Este olhou para um companheiro que tinha visto sempre sósinho com a mãe, uma viuva, e disse-lhe:

— E tu? Tu tambem não tens pae.

— Tenho sim.

— Onde está elle?

— Morreu, meu pae está no cemiterio.

Um murmurio d'approvação se ouviu entre as creanças, como se o facto do pae d'esse camarada estar no cemiterio, o tivesse engrandecido a ponto de esmagar ainda mais a creança, que nem vivo tinha o seu. E essas creanças, filhas na sua maior parte de maus homens, ladrões, homens que tratavam mal suas mães, apertavam-no cada vez mais como se elles, os *legítimos*, quizessem com a sua pressão esmagar aquelle infeliz.

D'entre elles sahiu um que gritava:

— Não tem pae, não tem pae!

Simão atirando-se a elle agarrou-o pelos cabellos e começou a encher-lhe as canellas de pontapés, enquanto o outro lhe mordida as faces. Houve um barulho ensurdecador e os dois combatentes foram separados. Simão foi n'um minuto deitado por terra, martyrizado por parte dos seus companheiros, enquanto a outra parte ria perdidamente.

Por fim, levantou-se machinalmente, lim-

pando com a mão o bibe que tinha ficado cheio de terra, quando alguém lhe gritou:

— Vae queixar-te a teu pae!

Sentiu como que o coração opprimido, eram mais fortes do que elle, viu bem que lhe não podia responder, porque effectivamente *não tinha pae*.

Tentou alguns segundos suster as lagrimas, mas teve uma suffocação e começou a chorar.

Uma alegria feroz rebentou entre os seus inimigos, e, como os selvagens nas suas diversões terriveis, deram as mãos e começaram girando em torno d'elle repetindo em côro:

— Não tem pae! não tem pae!

Simão deixou de suspirar, uma furia o acommetteu e como tivesse a seus pés um montão de pedras, começou a apanhá-las e a atirál-as com todas as suas forças contra os seus carrascos.

Dois ou tres foram attingidos, e começaram a fugir gritando. Simão estava de tal modo feroz que um grande panico se apoderou d'elles, e cobardes, como é sempre a multidão, deante d'um homem exasperado, fugiram em debandada.

Tinha ficado só, mas uma recordação lhe veiu ao espirito que o encheu de coragem.

Dias antes, tinha-se deitado a afogar um mendigo da aldeia porque não tinha dinheiro. Por acaso tinha assistido á pesca do cadaver e ouvira algumas pessoas dizerem:

— Morreu... agora é mais feliz!

Tinha tambem visto que a phisionomia d'esse desgraçado sempre transtornada, estava agora serena; resolveu tambem afogar-se. O outro tinha-se suicidado porque não tinha dinheiro, elle fazia-o porque não tinha pae, o que era peor. Derigiu-se para o rio.

A temperatura estava quente, o sol aquecia a herva com os seus raios, a agua brilhava como um espelho, por momentos teve desejos de se deitar e dormir, mas viu uma rá que saltava perto d'elle, distrahiu-se e começou a vêr se a apanhava.

Tres vezes a teve quasi agarrada e tres vezes ella lhe fugiu, mas por fim segurou-a por uma perna, e poz-se a rir por vêr os esforços que o pobre animal fazia para fugir.

Começou a pensar no que lhe tinham feito momentos antes, e chorou.

Acommettido por uma grande tristeza, ajoelhou e resou uma oração que a mãe lhe tinha ensinado e que costumava resar antes de adormecer, quando sentiu sobre o hombro uma pesada mão, e ouviu uma voz forte que lhe dizia:

— Porque choras tanto, creança?

Voltou-se e viu um homem alto, com o olhar muito meigo e que toda a gente na aldeia conhecia: o ferreiro Filippe. Respondeu com a voz cortada pelos soluços e com os olhos cheios de lagrimas:

— Bateram-me porque... eu... eu não tenho... pa... pa... pae.

— Como? — disse Filippe sorrindo, — mas toda a gente tem pae, não chores mais, e vem commigo para casa de tua mãe, que talvez te dêem um pae.

Chegaram deante d'uma casinha branca, com a apparencia muito limpa, e Simão gritou:

— Mamã!

Appareceu uma mulher ainda nova e bonita, mas muito pallida, triste, e com um ar tão severo que parecia querer impedir a alguém que transpозesse o limiar d'aquella porta.

Filippe, vendo-a, intimidou-se, e voltando o bonet nas mãos, balbuciou:

— Trago-lhe esta creança que encontrei á borda do rio, perdida.

Simão saltou ao pescoço da mãe e disse-lhe:

— Não, mamã, eu quiz-me afogar porque os outros me bateram, bateram-me porque... porque eu não tinha pae!

Um rubor cobriu as faces da pobre mulher, que beijava com violencia o filho, emquanto o rosto se lhe inundava de lagrimas.

Filippe, commovido, estava indeciso sem saber o que fazer quando a creança, voltando-se para elle, lhe disse sorrindo:

— Quer ser meu pae?

Houve um grande silencio.

A Blanchotte, muda e torturada pela vergonha, encostava-se á parede com as mãos sobre o coração.

Simão vendo que lhe não respondiam disse de novo:

— Se não quer, vou afogar-me outra vez.

Filippe, sorrindo tambem, e tomando por uma brincadeira o que a creança dizia, respondeu:

— Quero, sim!

— Como te chamas? perguntou Simão.

— Filippe, retorquiu o operario.

Simão calou-se por um instante como que para reter o nome e disse:

— Pois bem, Filippe, és meu pae.

O ferreiro agarrou-o bruscamente, beijou-o, e affastou-se a passos largos.

Quando a creança entrou na escola no dia seguinte um risinho de troça o acolheu, e á sahida quando iam para recommear, Simão gritou:

— Chama-se Filippe, o meu pae!

— Filippe de quê? — perguntaram-lhe, — onde é que foste arranjar esse Filippe?

Não respondeu nada, mas deixou-se ficar prompto a soffrer tudo quanto lhe quizessem fazer.

O mestre-escola sahia na occasião e foi acompanhá-lo a casa da mãe.

Durante tres mezes Filippe passou muitas vezes deante da casa da Blanchotte e algumas atreveu-se a falar-lhe quando a via a coser á janella. Ella respondia-lhe delicadamente, mas sem nunca sorrir, nem o convidar a entrar. Comtudo, um pouco enfatuado como todos os homens, pareceu-lhe que ella corava quando o via, mas uma reputação perdida é tão difficil de readquirir e fica tão fragil, que apesar da reserva da Blanchotte, já se começava a murmurar na aldeia.

Quanto a Simão, gostava muito do seu papá e passeava com elle todas as tardes.

la assiduamente á escola, passando no meio dos seus camaradas sem nunca lhes falar, com um grande ar de dignidade, até que um dia um companheiro lhe disse:

— O teu pae não se chama Filippe.

— Porquê?

— Porque se esse Filippe fosse teu pae seria o marido da tua mãe.

Simão perturbou-se um pouco deante d'este raciocinio, mas continuou a responder:

— E' meu pae!

— Pode ser, mas não é teu pae como os nossos.

Simão curvou a cabeça e foi muito pensativo procurar o pae Filippe, á officina do mestre Luiz, onde elle trabalhava.

Deante d'uma enorme forja, cinco homens robustos trabalhavam, vermelhos como demonios, com o olhar fito n'um enorme bloco de ferro em braza, deixando cahir sobre elle os pesados martellos.

Simão entrou sem ser visto e foi muito devagar puxar Filippe pelo braço. Este voltou-se, o trabalho parou, e todos fitaram a creança admirados.

No meio d'este silencio pouco habitual, ouviu-se a voz fraca de Simão dizer.

— Filippe, o filho da Michard disse-me agora que tu não eras meu pae a valer.

— Porquê? — perguntou Filippe.

— Porque não és o marido de minha mãe — respondeu Simão com um grande tom d'ingenuidade.

Ninguem se riu; Felippe ficou de pé com a cabeça encostada ás costas das mãos que repousavam sobre o cabo do seu martello. Sonhava. Os seus quatro companheiros fitavam-no e o pequenino Simão entre estes gigantes esperava ancioso.

De repente um dos ferreiros disse:

— E' uma mulher honestissima, a Blanchotte, e apesar da sua desgraça é uma mulher digna d'um homem honrado.

— Isso é verdade, — disseram os outros tres.

— Qual é o seu crime? Prometteram-lhe casamento, e enganaram-na! Conheço muitas a quem succedeu o mesmo e que são respeitadas; o que terá ella soffrido para educar esta creança? Quantas lagrimas terá chorado!

— Isso é verdade, — repetiram ainda os outros.

Então não se ouvindo mais que o resfolegar do folle que soprava a forja, Filippe inclinou-se para a creança, beijou-a e disse-lhe:

— Vae dizer a tua mãe, que lhe irei falar esta noute.

Começou de novo o trabalho, e d'um só golpe os cinco martellos cahiram de novo sobre o ferro em braza, mas assim como o sino grande d'uma cathedral se faz ouvir mesmo quando toca o carrilhão, assim o

martello de Filippe como que dominando os dos companheiros, cahia de segundo em segundo, fazendo um barulho ensurdecedor.

Filippe, com o olhar incendiado, forjava apaixonadamente, de pé, no meio das faiscas que saltavam do ferro.

Brilhavam já as estrellas no firmamento, quando bateram á porta da Blanchotte.

Era Filippe com o seu fato domingueiro, a barba feita, como se fôsse para uma festa.

A Blanchotte appareceu e disse com um ar triste:

— Não é bom vir assim bater-me á porta a esta hora da noite; o que dirão na aldeia?

Filippe quiz responder mas balbuciou apenas algumas palavras confusas; de repente reanimou-se e disse de subito:

— Quer ser minha mulher?

Nenhuma voz lhe respondeu, mas a Simão pareceu-lhe ouvir o ruido d'um beijo, e algumas palavras pronunciadas por sua mãe em voz baixa; sentiu-se agarrado por dois braços vigorosos e a voz do seu amigo que lhe dizia:

— Amanhã dirás aos teus camaradas que teu pae é Filippe Remy, o ferreiro, e que irá arrancar as orelhas a todos aquelles que te fizerem mal!

No dia seguinte, como a escola estava cheia e a classe ia começar, o pequeno Simão, pallido e com voz tremula, levantou-se e disse:

— Meu pae é Filippe Remy, o ferreiro, e prometeu-me arrancar as orelhas, a todos aquelles que me fizessem mal.

D'esta vez ninguem riu.

No domingo seguinte, o pequeno campario d'aldeia tocava festivamente, e aos pés do altar, um par muito unido chorava de felicidade porque: — *Simão já tinha pae!*

Traducção de RAPHAEL MARQUES.

Estado de debilidade geral assim como na convalescença, tomar

Somatose

Vende-se em forma liquida ou em pó, em todas as pharmacias e drogarias.



A caridade de luto

Duqueza de Palmella

Na galeria soberba das mulheres illustres da secular fidalguia portugueza, ao lado da infanta D. Maria, da marquezia de Alorna e de tantas outras, a historia colloca hoje, com justiça, o busto d'essa senhora, fidalga pela linhagem e pelo talento que, por tantos motivos, nos recordava as figuras interessantes das intellectuaes da Renascença.

A duqueza de Palmella, como *tout court* a designavam os que lhe recebiam as esmolas, que pareciam rosas, e os que tinham a ventura do seu convívio, que era de encantar, constituiu no meio da nossa sociedade frívola, egoísta e sceptica, o mais raro e o mais nobre espirito de mulher que nos tem sido dado observar.

Possuindo, quasi até ao exagero, a simplicidade natural no trato e nas maneiras, albergava um coração delicadissimo, extremamente sensível que a não deixava ver, sem preocupações, o estendal da miseria humana. Por isso ella foi essencialmente uma alma vibrando ás commoções mais profundas, um espirito conhecendo até ao infinito as agruras da vida. Queremos crer que se não fóra a sua psychologia tão profundamente emotiva, se não foram as suas exteriorisações de artista, essa nobilissima senhora teria sido immensamente desgraçada, apesar do ouro que a cercava, apesar das tradições de luxo e opulencia da sua casa principesca! Ella só tinha alma para se commover, para sentir o mal dos outros, para o attenuar, para

o destruir. O seu cadaver, hirto por entre as pompas das flôres e das luzes, foi a enterrar, levando a acompanhá-lo um caudal imponente de lagrimas de saudade e de gratidão!

A duqueza de Palmella, se não era physicamente um typo modelar de belleza feminina, tinha no emtanto um tão imponente ar senhoril, d'uma linha tão nobre

e tão simples a um tempo, que logo nos feria docemente a retina, ao vê-la, quer ao perpassar por entre os andrajosos que protegia, quer nas ceremonias espectaculosas da côrte. O sorriso que de continuo lhe enchia de luz o rosto fino, a sua cabeça original, de tão evidenciado cunho artistico, atraíam irresistivelmente as nossas sympathias e retratavam com a fidelidade anatomica d'um estudo de Rembrandt, todas as qualidades superiores da sua alma de Bôa e de Artista.

Ah! não havia maneira de a confundir! Como nas taças

cinzeladas de Benevenuto Cellini, as figuras esbeltas das princezas resaltam do fundo escuro do metal, assim de toda a larga policromia d'uma côrte em festa, a sua figura se erguia airosa e firme, manifestando a linhagem, evidenciando o talento. A sua alta posição social, as suas funcções de camareira-mór da rainha, tinham n'ella a applicação mais justa e mais logica. E raro a côrte portugueza terá occasião de ver alliados n'uma missão palatina, dois espiritos tão eguaes e tão distinctos, como o eram o sr. conde de Sabugosa, o mordomo-mór, a sr.^a du-

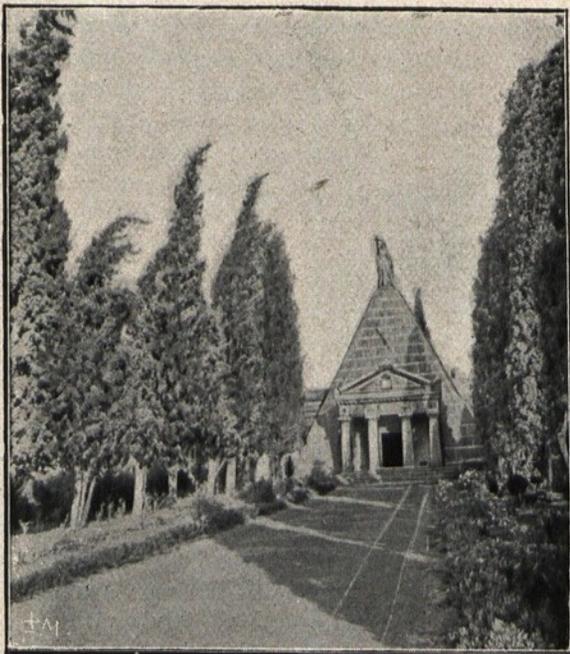


queza de Palmella, a extincta, a tão pranteada camareira-mór!

Quando volvidos seculos, a arte, a poesia, a phantasia romanesca dos nossos artistas e do nosso povo, pretender reconstituir a agitada e tragica vida da córte portugueza nossa contemporanea, no primeiro nivel das figuras evocadas apparecerão, impressionantes de grandeza moral, essas duas almas, que por uma coincidencia interessante do destino, a um tempo viveram e animaram com a força do seu talento e das suas intelligencias d'artistas, a córte d'um infelizmente rei — artista tambem!

*
*
*

Resta-nos falar, ainda que com a ligeireza a que nos obriga este pequeno artigo, da obra artistica da duqueza de Palmella. Notemos, antes de mais nada, que, apesar do muito bem que d'ella se tem dito, ainda lhe não foi feita justiça completa. Impede-o uma razão primordial: a categoria social da auctora de tanta maravilha; a riqueza, que é um bem para a turba-multa dos inuteis, e um mal para os artistas. Distanceia-os da massa anonyma, que é de resto a que póde sentir e popularisar a sua obra.



O JAZIGO DA FAMILIA PALMELLA

No emtanto, os trabalhos artisticos da duqueza de Palmella manifestam toda a compleição d'uma grande artista de raça. A sua *Santa Thereza*, a *Cabeça de negra*, a *Virgem*, e tantos outros trabalhos modelares, collocam-na sem favor, na primeira linha dos nossos artistas de estatuaria. O limitado do espaço d'este artigo não comporta a critica rigorosa e completa d'essa obra. Mas a sua simples e rapida observação



A' SAHIDA DA CASA DO SR. MARQUEZ DE FAYAL

impelle-nos a admirar a mão divina que os modelou e que, por direito de raça e de conquista, attingiu o logar glorioso que a historia lhe marcou.

Senhoras em evidencia

Entre o nucleo de mulheres portuguezas que glorificam contemporaneamente as letras patrias, a sr.^a D. Anna de Castro Osorio é indubitavelmente um dos seus vultos primaciaes. Não affirmamos isto como lisonja. Toda a gente que lê e *sabe ler* n'esta nossa malaventurada terra, conhece bem a que ponto ella tem verdadeiro jus á consagração dispensada aos seus inilludiveis talentos de escriptora distinctissima.

Mas não é simplesmente á sua vocação literaria — que a tem, na verdade decisiva e excepcional — que vimos prestar homenagem. Dotes brillantissimos e exemplares de trabalhadora infatigavel a caracterisam e lhe levantam esse pedestal de gloria que todos nós os que labutamos nas fainas intellectuae, sob qualquer aspecto com que ellas se revistam, admiramos com entranhado e fanatico culto.

Desrever toda a sua laboriosa vida literaria, seria pôrmos mais uma vez em relevo, o valor extraordinario d'uma das mais poderosas e complexas cerebrações da moderna intellectualidade feminina.

Nenhuma decerto a tem excedido. Novellista, as suas concepções teem um colorido que fascina, um sentimento que enternece, uma phantasia que domina. E, acima de tudo isto, respeita o seu ideal fixo de bem fazer em favor d'esta humanidade combalida de dôres e de paixões e em cuja regeneração ella se empenha com tão sincero e ardente amor.

Os seus labores didacticos affirmam, ao mesmo tempo, invenciveis qualidades de polemista, um vigor absoluto de combatente em que resplandece a clareza d'uma logica que só é dado exprimir e saber impôr a quem, como a sr.^a D. Anna de Castro Osorio, conhece profundamente os mais transcendentos problemas sociaes e á custa d'um grande cabedal de erudi-

ção e d'uma crença afervorada n'um triumpho futuro, os pode assim agitar denodadamente.

Educadora ainda, quem ha ahí que não tenha compulsado a *Minha Patria*, a *Bôa Mãe* e tantas outras obras primas de ensinamentos, de doutrinas lucidas e sãs, de carinhos puros e nobres?

Não se esqueceu a illustre escriptora, depois de tantos louros adquiridos, de tantas e justas ovações aos seus meritos que era mulher, que pertence a um sexo escravizado ha seculos e em cuja escravatura pesam os mais humilhantes labéos, as mais pesadas affrontas, o mais injustificado desprezo. E da consciencia d'estas verdades alliada á sua bella alma e e ao seu espirito sedento de justiça se deve essa in-



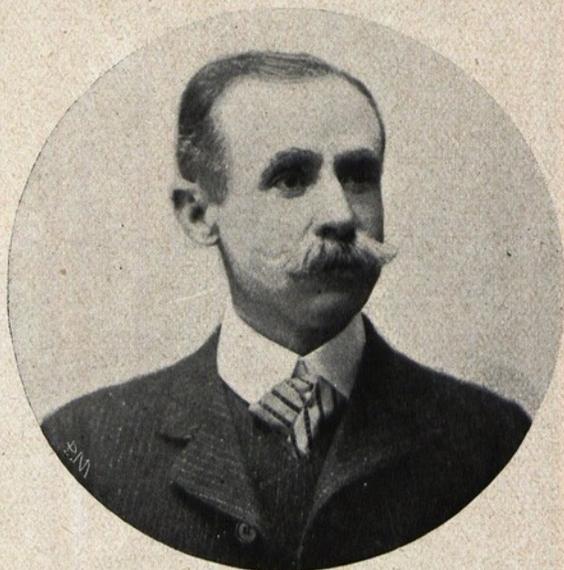
D. ANNA DE CASTRO OSORIO

temerata campanha feminista devida á sua penna de ouro e que, entre muitos outros trabalhos, produziu as *Mulheres Portuguezas*, esse livro que todas as mãos patricias deviam compulsar, umas para afastarem de si ideias falsas d'uma mentalidade que ha de acabar por se reivindicar á face do espirito das sociedades cultas, e outras para se reverem n'elle com desvanecimento, pensando no que podem e no que valem.

Sim, as *Mulheres Portuguezas* devem brilhar na bibliotheca de mulheres e homens que se abriguem sob o sol fulgente ou a cupula estrellada d'um paiz que tem energias ainda, para se erguer a par das nações onde o progresso scientifico e moral constitue a grande e redemptora religião do povo.

Historia e litteratura

João Lucio de Azevedo occupa de ha muito um lugar proeminente no estudo dos assumptos historicos. Dotado de um espirito paciente, culto, investigador, segue com meticolosa actividade qualquer filão que se lhe depara. Desta vez o seu cerebro, bem equilibrado e lucido, dedicou-se a analisar o character e a



JOÃO LUCIO DE AZEVEDO

obra do marquês de Pombal, e facultou ao mundo intellectual um trabalho de valor, scientificamente organizado, deduzido á luz da razão, pesado na balança da mais fina critica e coado pelas doutrinas sans de uma salutar philosophia.

O marquês de Pombal e a sua época é um livro de consulta e de exame.

Perfil do dia



JOSÉ MARIA DOS SANTOS (SANTONILLO)

Um escriptor de pulso, intelligente e muito trabalhador, e um jornalista com graça e que conhece a sua profissão, José Maria dos Santos (*Santonillo*). O seu ultimo livro *Perfil do dia* é um repositório de boa critica, de discussão sensata e delicada, de commentarios leves na forma, mas duros no conceito, é um finissimo labor concebido com engenho e observação.

Descobertas polares



FREDERICK COOK

O dr. Frederico Cook e o commandante Peary, ambos americanos, affirmam ter descoberto o polo norte. O segundo contesta ao primeiro a realização d'esse descobrimento. Cook foi recebido em Copenhague com honras excepcionaes. O futuro dirá se ha exaggero nas affirmações feitas.

Chronica da moda

A diversidade de opiniões sobre a moda actual — A moda em harmonia com a esthetica, a phantasia e as finanças — Uma toilette tailleur — As saias laveuses — Os chapéos d'este anno — As toilettes das creanças — Os fatinhos á maruja — O bom senso e criterio das mães no vestuario dos filhos — O calçado.

Sobre a moda actual temos ouvido uma extraordinaria diversidade de opiniões a senhoras, que, pela sua elegancia *refinée*, pela sua alta intuição esthetica e ainda pelos meios de fortuna de que dispõem, que lhes permite a familiaridade com tudo que sae dos primeiros e mais afamados *ateliers* de Paris, se impõem á nossa acceitação como auctoridades indiscutíveis sobre este altissimo assumpto.

Conhecemos algumas, elegantes, ostentando *toilettes* deliciosas, — *le dernier cri*, — que detestam a moda, que dizem mal d'ella, que a acham ridicula nos seus caprichos da actualidade, mas que se submettem mansamente aos seus tyrannicos e despoticos decretos, porque... *é preciso!*

Evidentemente a verdade é esta: é preciso! e n'este caso vale mais acceital-a como é, sem descontentamentos nem malilicencias, e procurar cada uma das nossas leitoras alindal-a, aformoseal-a, em harmonia com a sua esthetica e com a sua plastica.

Sem sairmos para fóra das leis que a moda nos impõe, temos obrigação de vêr que o que fica bem a uma senhora alta e delgada não deverá nunca ser copiado por outra de fórmãs arredondadas, a quem muitas vezes a vida sedentaria e a inacção a que geralmente se votam dentro de casa as mulheres portuguezas, lhe transfiguram a plastica, avolumando-a prodigamente de tecidos adiposos.

Assim é preciso saber escolher o que melhor se coaduna e harmonisa com o feitio de cada uma e ainda com os seus orçamentos, para não se darem desastres de esthetica e desequilibrios de finanças, que são por muitas vezes a tortura moral dos chefes de familia e até... a origem do desmoronamento de muitos lares risonhos, tranquillos e felizes.

As senhoras que adoptam o genero simples devem estar contentes com as grandes *jaquettes*, tanto mais lindas e elegantes, quanto maior é a sobriedade de enfeites ou guarnições que apresentam. Uma *toilette tailleur*, em ottomana alfazema clara, saía completa lisa, com pespontos apenas, grande *jaquette* só com botões, coroada por um immenso chapéu de *crin noir*, guarnecido de plumas, irreprehensivelmente e artisticamente confeccionado, póde dizer-se uma encantadora *toilette*, d'um chic raro.

Dependerá apenas do alfaiate ou da modista que a executar e da graciosa esculptura que a vestir.

No genero «conturière» a saía *laveuse* continúa a ter uma grande acceitação, não obstante o côro de protestos que a seu respeito temos ouvido. Estas saias tem feito successo este anno nos casinos, nas hermas e nas praias.

As *capelines de crin noir* guarnecidas simplesmente d'um *paradis* enorme sem mais nenhuns outros enfeites, teem tido grande voga esta época no estrangeiro, e ainda entre nós.

Nos chapéos o que dá bem a nota d'este anno pela novidade, mesmo que outros attractivos as nossas leitoras lhes não encontrem, é a apparencia incapada que nos offerecem. Mas para que esse ar de *inachevé* atinja o *chic* que nos encanta, é preciso que mãos de artista lhes pousem delicadamente com aquella graciosidade e leveza que tanto distingue as modistas parisienses de nome.

Emquanto as principaes casas de Paris nos não derem os chapéos pequenos, que dizem apparecerem este inverno proximo, emquanto elles os não lançarem, nós seremos cada vez mais pelos grandes chapéos que tão deliciosamente e com tanta felicidade emmolduram os rostos peninsulares das mulheres de Portugal, dando-lhes uma extranha belleza muito particular.



UMA TOILETTE PARISIENSE DE SENSAÇÃO

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convallescentes, juntar **SOMATOSE.**

Resta-nos ainda falar da *toilette* das creanças, e, a respeito d'estas, não nos cançaremos de recomendar a mais absoluta e completa simplicidade na maneira de as vestir.

Os fatinhos á maruja em piqué branco com punhos e gollas de cotim azul celeste, offerecem uma linda e commoda *toilette* para meninas e rapazes.

Conhecemos uma elegante e distincta senhora, que com o seu ranchinho de cinco rapazes e quatro meninas assim vestidos todos do mesmo modo, á marnheira, tem dado este anno uma nota alegre de encanto e de admiração na formosa praia em que se encontra.

Estes fatos á maruja são muito simples, bonitos e praticos como nenhuns outros.

E' preciso que as mães ponham de parte as suas vaidades estheticas quando se trate do vestuario dos filhos para attenderem principalmente a fortifical-os, robustecel-os, deixando-os usar á sua vontade da liberdade dos movimentos que as *toilettes* complicadas difficultam e prejudica

Nada de luvas nem de jóias, nem de futilidades que inclinem e prendam o espirito alegre das creanças a vaidades tolas e precoces que só servem para as estragar.

Quanto ao calçado para as creanças recommendaremos as sandalias ou sapatos de grande base, com a fórmula exacta do pé, que são o que mais se usa.

Theatros



THEATRO DA RUA DOS CONDES — A ABELHA MESTRA — *Final do 3.º acto*

**FARINHA
LACTEA**

NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Musica dos Serões

A Viuva Alegre

VALSA
∧

Sobre motivos da opereta de Franz Lehár.

VALSE - INTERMEZZO

VALSE
96.1.

p

The musical score consists of three systems of piano accompaniment. Each system is written for a grand piano, with a treble clef on the upper staff and a bass clef on the lower staff. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 3/4. The first system is marked with a piano 'p' dynamic and includes the text 'VALSE - INTERMEZZO' and 'VALSE 96.1.'. The notation includes chords, beams, and repeat signs, indicating a waltz structure.

First system of a piano score. The right hand features a melodic line with slurs and ties, while the left hand provides a steady accompaniment of chords. The key signature has one sharp (F#).

Second system of the piano score. It includes dynamic markings such as *f* (forte) and *p* (piano). The right hand has a more active melodic line with slurs and ties, and the left hand continues with chordal accompaniment.

Third system of the piano score. The right hand features a melodic line with slurs and ties, and the left hand provides a steady accompaniment of chords. The key signature has one sharp (F#).

Fourth system of the piano score. The right hand features a melodic line with slurs and ties, and the left hand provides a steady accompaniment of chords. The key signature has one sharp (F#).

Fifth system of the piano score. It includes dynamic markings such as *f* (forte) and *p* (piano). The right hand has a more active melodic line with slurs and ties, and the left hand continues with chordal accompaniment.

Sixth system of the piano score. It includes dynamic markings such as *ff* (fortissimo). The right hand features a melodic line with slurs and ties, and the left hand provides a steady accompaniment of chords. The key signature has one sharp (F#).

First system of a musical score, consisting of a grand staff with a treble and bass clef. The music features complex rhythmic patterns and dynamic markings such as *mf* and *fz*. The key signature has one sharp (F#).

Op. 2.

Second system of the musical score, marked with a piano (*p*) dynamic. It continues the melodic and harmonic development from the first system.

Third system of the musical score, featuring a mezzo-forte (*mf*) dynamic marking. The piece concludes with a final chord marked with a fermata.

Fourth system of the musical score, showing dynamic fluctuations including *fz*, *ff*, and *p*. The notation includes various articulations and phrasing slurs.

Fifth system of the musical score, marked with *mf* and *fz* dynamics. The bass line features a steady accompaniment of chords.

Sixth and final system of the musical score, marked with *fz*, *mf*, and *p* dynamics. The piece ends with a final chord marked with a fermata.

First system of musical notation, featuring a treble and bass clef. The music consists of a melodic line in the treble clef and a supporting bass line in the bass clef. The treble line has a series of eighth notes and quarter notes, while the bass line has a steady eighth-note accompaniment.

Second system of musical notation. The treble clef line features a melodic line with slurs and accents. The bass clef line has a steady eighth-note accompaniment. A dynamic marking of *mf* (mezzo-forte) is present in the second measure.

Third system of musical notation. The treble clef line features a melodic line with slurs and accents. The bass clef line has a steady eighth-note accompaniment. A dynamic marking of *f* (forte) is present in the second measure.

Fourth system of musical notation. The treble clef line features a melodic line with slurs and accents. The bass clef line has a steady eighth-note accompaniment. A dynamic marking of *ff* (fortissimo) is present in the second measure.

Fifth system of musical notation. The treble clef line features a melodic line with slurs and accents. The bass clef line has a steady eighth-note accompaniment. A dynamic marking of *sfz* (sforzando) is present in the second measure.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO

~~~~~  
**GOTA**  
~~~~~

NEURALGIAS

D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOCÃO DEQUEANT

CABELLO

BARBA

PESTANAS

SOBRANCELHAS

Umco producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo.

L. DEQUEANT, *Pharmaceutico*, 38, Rue Clignancourt, Paris.

Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.

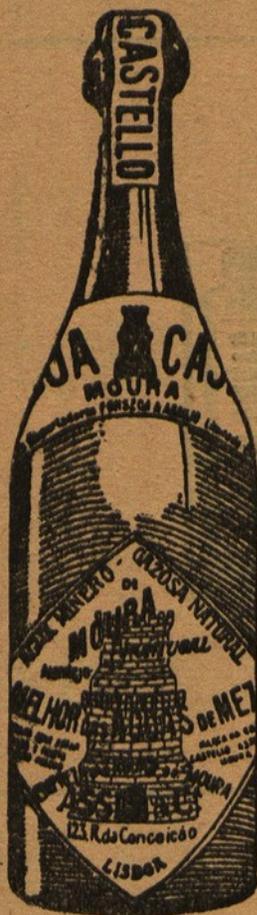
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.^o, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, 128, Faubourg Poissonnière — PARIS.

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).



AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wiskey, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos "SERÕES" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "SERÕES" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre ...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca).....	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno.....	15 fr.

Pedidos á

Administração dos "SERÕES"

30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 8.º volume da 2.ª serie.

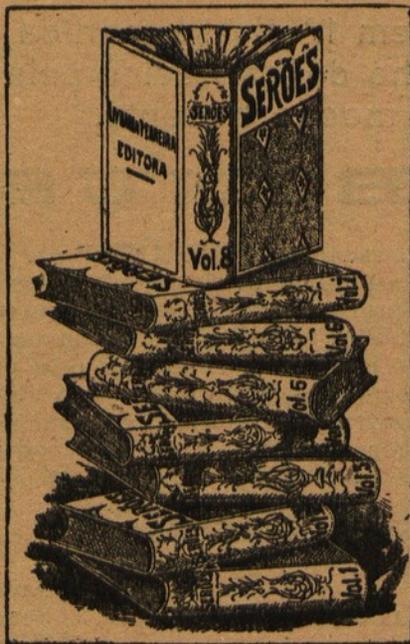
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

OITO VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA